

UNIVERSIDADE PAULISTA

**MEDIAÇÕES COMUNICATIVAS DE EMPATIA E
RESILIÊNCIA NO SENSO DE PERTENCIMENTO
DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS DE SÃO PAULO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de doutor em Comunicação.

SYLVESTRE LUIZ THOMAZ GONÇALVES NETTO

SÃO PAULO

2019

UNIVERSIDADE PAULISTA

**MEDIAÇÕES COMUNICATIVAS DE EMPATIA E
RESILIÊNCIA NO SENSO DE PERTENCIMENTO
DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS DE SÃO PAULO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de doutor em Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Malena Segura Contrera

SYLVESTRE LUIZ THOMAZ GONÇALVES NETTO

SÃO PAULO

2019

Gonçalves Netto, Sylvestre Luiz Thomaz.

Mediações comunicativas de empatia e resiliência no senso de pertencimento dos imigrantes bolivianos de São Paulo / Sylvestre Luiz Thomaz Gonçalves Netto. - 2019.

150 f. : il. color. + CD-ROM.

Tese de Doutorado Apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2019.

Área de Concentração: Contribuições da Mídia para a Interação entre Grupos Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Malena Segura Contrera.

1. Imigrações bolivianas. 2. Comunicação. 3. Cultura. 4. Mimese. 5. Empatia. I. Contrera, Malena Segura (orientadora). II. Título.

SYLVESTRE LUIZ THOMAZ GONÇALVES NETTO

**MEDIAÇÕES COMUNICATIVAS DE EMPATIA E
RESILIÊNCIA NO SENSO DE PERTENCIMENTO
DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS DE SÃO PAULO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de doutor em Comunicação.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Malena Segura Contrera (Orientadora)
Universidade Paulista UNIP – SP

Prof^a. Dr^a. Beatriz Helena Ramsthaler Figueiredo
Universidade Nove de Julho – SP

Prof. Dr. Juan Guillermo Droguett
Universidade Nove de Julho - SP

Prof. Dr. Jorge Miklos
Universidade Paulista UNIP – SP

Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva
Universidade Paulista UNIP – SP

Às mulheres que partilharam e partilham minha vida...

Dé, Marel e Paty, pelo prazer que me deram em momentos inesquecíveis;

*Nana, Nyna e Isabella, por fazer de minhas manhãs dias ensolarados
carregados de esperança.*

*Ao pequeno homem Lucca, que aos 3 anos está partindo para sua primeira aventura
imigrante.*

Agradeço a Malena Segura Contrera pela orientação, bondade, incentivo, paciência e por toda riqueza de saberes que me doou;

Aos meus amigos e mestres Bia, Juan e Jorge, que não me negam seus espaços, tempo, compreensão e conhecimentos, permitindo que meu caminhar por essa trilha fosse menos dolorido e mais tranquilo;

Aos meus primeiros mestres, que me acolheram e deram o espaço precioso da amizade, que hoje já não estão entre nós e que tanta falta me fazem, Joel Camacho, Egon Schaden, José Marques de Melo, Octavio Ianni e Jacy Maraschin.

A esperança foi ressuscitada no próprio coração da desesperança.

E esperança não é sinônimo de ilusão.

*A verdadeira esperança sabe que não tem certeza,
mas sabe que se pode traçar um caminho ao andar.*

*A esperança sabe que, embora improvável,
a salvação pela metamorfose não é impossível.*

Edgar Morin, 2015a.

RESUMO

O objetivo desta tese é apresentar os modos de vida que conformam e performam os bolivianos imigrantes na cidade de São Paulo. Contempla o papel das práticas geradoras de pertencimento neste grupo, condição necessária para que fiquem e não retornem à sua pátria. O papel da cultura é um tema abordado ao longo do texto por ser um elemento de ligação entre a terra natal e o novo lugar, e por promover miscigenações e hibridações na capital paulista, e neste recorte a Praça Kantuta, reduto dos bolivianos na cidade mereceu atenção especial, por ser o local de maior visibilidade desse grupo. A mimese ganha papel de destaque no decorrer do texto na medida em que participa na atuação social e nos deslocamentos urbanos desse contingente. As tradições nativas revividas na metrópole paulistana foram cartografadas e para tanto foram utilizados estudos exploratórios de caráter observacional. Sendo os estudos da comunicação o elemento balizador da tese, rádios, jornais, blogs e demais meios foram pesquisados, compondo o quadro comunicacional destes bolivianos. Conceitos e práticas de empatia e de resiliência compõem o texto e foram trabalhados sob a perspectiva da comunicação. A tese foi teoricamente alicerçada em teóricos das áreas de antropologia, sociologia e cultura, Claude Lévi-Strauss, Christoph Wulf, Edgar Morin e Octavio Ianni; da comunicação, Norval Baitello Jr, Malena Contrera, Jésus Martin-Barbero, Néstor Canclini e Eugênio Trivinho; e da empatia e resiliência, Frans de Waal e Boris Cyrulnik, dentre outros.

Palavras-chave: Imigrações bolivianas; Comunicação; Cultura; Mimese; Empatia.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to present ways of life that conform and perform the Bolivians in the city of São Paulo. It contemplates the role of belonging practices in this group, the necessary condition for them to settle and not to be returned to their homeland. The role of culture is an issue addressed throughout the text because it is an element of connection between the homeland and the new land, it promotes miscegenations and hybridizations in the city of São Paulo, and in this scenario, the “Praça Kantuta”, Bolivian stronghold in the city, deserved special attention because it is the place of greater visibility for this group. Mimesis gains a prominent role in the development of the text considering it participates in the social action and the urban movements of this contingent. The native traditions revived in the metropolis of São Paulo were mapped and exploratory studies of observational character were used. Being the studies of the communication the main element of the thesis, radios, newspapers, blogs and other means were researched, composing the communicational framework of these Bolivians. Concepts and practices of empathy and resilience compose the text and were worked from the perspective of communication. The thesis was theoretically based on the theorists of the fields of anthropology, sociology and culture, Claude Lévi-Strauss, Christoph Wulf, Edgar Morin and Octavio Ianni; of communication, Norval Baitello Jr., Malena Contrera, Jésus Martin-Barbero, Néstor Canclini and Eugênio Trivinho; and empathy and resilience, Frans de Waal and Boris Cyrulnik, among others.

Keywords: Bolivian immigration; Communication; Culture; Mimesis; Empathy.

LISTA DE IMAGENS

1. DISTRIBUIÇÃO ÉTNICA DA POPULAÇÃO BOLIVIANA.....	18
2. COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO BOLIVIANA.....	19
3. PIB DA BOLÍVIA.....	21
4. BOLIVIANO DE ETNIA AIMARÁ – PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX.....	24
5. BOLIVIANA DE ETNIA AIMARÁ – PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI	24
6. RUÍNA ARQUEOLÓGICA DE TIAHUANACO	26
7. CARNAVAL NA PRAÇA KANTUTA 2018.....	32
8. COMÉRCIO NA RUA COIMBRA	35
9. EL ALTO – LA PAZ - BOLÍVIA.....	43
10. RUA COIMBRA – SÃO PAULO - BRASIL	43
11. QUADRO COMPARATIVO	47
12. ALAN GUTIERREZ E PAULO EDUARDO QUEIRÓS, RADIALISTAS RÁDIO INFINITA	49
13. LOGO DA RÁDIO BOLIVIA FM	50
14. LOGO DA RÁDIO FOX BOLIVIA	50
15. LOGO DA RÁDIO AMBANÁ BOLIVIA	51
16. LOGO DA RÁDIO INFINITA.....	51
17. LOGO DA RÁDIO OKEY.....	51
18. LOGO DA RÁDIO STELAR FM	52
19. LOGO DA RÁDIO ACTIVA.....	52
20. LOGO DA RÁDIO NUEVA AMERICA.....	52
21. SITE DA RÁDIO INFINITA.....	54
22. LOGO, SLOGAN E ATRAÇÕES DIVULGADAS NA REDE	55
23. CAPA DO PERIÓDICO	60
24. MATÉRIA DO LA PUERTA DEL SOL.....	60
25. CAPA DO JORNAL	61
26. CAPA DO JORNAL	61
27. CAPA DO JORNAL	61
28. CAPA DO JORNAL	61
29. PÁGINA DE ABERTURA NO FACEBOOK DO SITE PLANETA AMERICA LATINA	63
30. MATÉRIA EM PÁGINA DO SITE BOLIVIA CULTURAL.....	63
31. INTI, DEUS DO SOL DA CULTURA INCA	77
32. VOO DO CONDOR-DOS-ANDES	80
33. ARTESANATO BOLIVIANO.....	81
34. TAPEÇARIA BOLIVIANA.....	82

35. CERÂMICA BOLIVIANA	83
36. ESCULTURAS DA PACHAMAMA.....	85
37. ILUSTRAÇÃO DA PACHAMAMA	86
38. TEMPLO DE CELEBRAÇÃO À PACHAMAMA	87
39. CARTAZ DE UMA AÇÃO CULTURAL.....	88
40. CARTAZ DE UM FESTIVAL DE CINEMA	88
41. O EKEKO ORIGINAL	89
42. ALASITA DO EKEKO	89
43. “ALASITAS”	90
44. CARTAZ DE CHAMADA PARA A “FESTA”	91
45. LOGO DA FEIRA KANTUTA.....	95
46. LOGO DO CENTRO FOLCLÓRICO BOLIVIANO DE SP	95
47. N. SRA. DE COPACABANA - ALTAR DA BASÍLICA – COPACABANA - BOLÍVIA.....	97
48. CONJUNTO DE PORTAS DA BASÍLICA N. SRA. DE COPACABANA - BOLÍVIA.....	97
49. ALTAR EM HOMENAGEM À N. SRA. DE URCUPIÑA – PARÓQUIA N. SRA. DA PAZ.....	99
50. CARTAZ NA PRAÇA KANTUTA.....	100
51. CARTAZ EXPOSTO NA PRAÇA KANTUTA	101
52. CARTAZ DE CHAMADA PARA UMA COMEMORAÇÃO DO EKEKO	103
53. CARTAZ DE UM GRUPO DE MORENADA	103
54. CAMPANHA EM SITE DA COMUNIDADE	104
55. PUBLICIDADE DE APP EM SITE DA COMUNIDADE	104
56. PÁGINA DE ABERTURA DO APLICATIVO GUIA DO IMIGRANTE	105
57. EVENTO NA PRAÇA KANTUTA	107
58. PÔSTER DE CAMPANHA PELOS DIREITOS DA MULHER.....	110
59. UM DOMINGO NA PRAÇA - BOLIVIANOS, PAULISTANOS, JUNTOS E MISTURADOS	114
60. FESTA TÍPICA NA KANTUTA	115
61. CARTAZ DE CHAMADA PARA COMEMORAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA BOLIVIANA.....	118
62. PÁGINA DE ABERTURA DA RÁDIO NA WEB	118
63. PONCHE BOLIVIANO	119
64. FLAUTA BOLIVIANA.....	120
65. GORRO BOLIVIANO	120
66. CARTAZ DE COMEMORAÇÃO DE N. SRA. DE URCUPIÑA	121
67. BUNNER DE CHAMADA PARA A PRAÇA	122
68. CARTAZ DE FESTA NA KANTUTA	122

69. OCUPAÇÃO PRESTES MAIA – CENTRO DE SÃO PAULO.....	127
70. A BOLIVIANA VIRGINIA PAULINA.....	127
71. CARNAVAL BOLIVIANO EM SÃO PAULO	129
72. MENINA BOLIVIANA EM TRAJES DE FESTA, NA REGIÃO CENTRAL DE SÃO PAULO ...	129
73. BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DE COPACABANA	148
74. BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DE COPACABANA	148
75. NOSSA SENHORA DE COPACABANA.....	149
76. CARTAZ DE CHAMADA	149
77. REDE SOCIAL OPERANDO.....	150

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 CULTURA IMIGRATÓRIA BOLIVIANA – DO HIBRIDISMO À GLOBALIZAÇÃO .	18
1.1 ANTROPOLOGIA DO IMIGRANTE BOLIVIANO	23
1.2 HIBRIDISMOS SOCIAIS DA CULTURA BOLIVIANA	32
1.3 GLOBALIZAÇÃO E ACULTURAÇÃO DOS BOLIVIANOS EM SÃO PAULO	39
CAPÍTULO 2 MEDIAÇÕES CULTURAIS DA IMIGRAÇÃO BOLIVIANA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	42
2.1 NAVEGAÇÃO EM RÁDIOS PIRATAS DE BOLIVIANOS NA GRANDE SÃO PAULO	44
2.2 JORNAIS ATUANDO COMO FONTES DE MISCIGENAÇÃO PARA A COMUNICAÇÃO DE INTERESSES PRÁTICOS DE BOLIVIANOS EM SÃO PAULO	55
2.3 IMERSÃO E FLUXO NAS REDES SOCIAIS	64
CAPÍTULO 3 PROJEÇÕES E IDENTIFICAÇÕES DA IMIGRAÇÃO BOLIVIANA NA EGRÉGORA PAULISTANA	72
3.1 IRRUPÇÃO DO IMAGINÁRIO NA METRÓPOLE	76
3.2 CONTEXTO CULTURAL NA ESFERA PÚBLICA DA CIDADE	91
3.3 FLUIDEZ NOS VEÍCULOS DA LÍNGUA ESPANHOLA NO ENTRECHO DA CONVIVÊNCIA	99
CAPÍTULO 4 RESILIÊNCIA DA IMIGRAÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO – O PAPEL DA EMPATIA	106
4.1 ICONOCLASTIA DA IMAGEM DOS BOLIVIANOS NO BRASIL	110
4.2 EMPATIA E COMPORTAMENTOS SIMBÓLICOS DA PERTENÇA	116
4.3 PERFORMANCE RESILIENTE DA IMIGRAÇÃO BOLIVIANA	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	133
WEBGRAFIA	144
ANEXO I.....	147
ANEXO II.....	148

INTRODUÇÃO

Esta tese contempla um estudo do papel das práticas de comunicação geradoras de pertencimento em imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo, condição esta que entendemos necessária para que estes fiquem e não retornem às suas localidades de origem ou, ainda, que partam para outros destinos.

Acessoriamente demonstra que, em certa medida, um mecanismo gerador de pertencimento é a manutenção de aspectos culturais de seu berço, situação análoga à ocorrida nas migrações brasileiras no período contido entre os anos 1950 e 1980, quando da expansão dos grandes centros urbanos, em especial as capitais do sudeste e sul do país. Neste recorte temporal, esta suposição está sustentada no fato da transformação da população brasileira, de eminentemente rural, com 70% desta ocupando os campos, para caracterizar-se como urbana, agora com situação inversa, ou seja, 70% estabelecida nas cidades e apenas 30% fora delas, êxodo determinado pelo processo de industrialização, ainda que tardio, ocorrido neste período, instaurado pelo então presidente da república Juscelino Kubitschek.

Alguns resultados deste processo podem ser observados no âmbito cultural, com o advento da música sertaneja, hoje com outra roupagem, o sertanejo universitário, já com mais de trinta anos disputando as paradas de sucesso com os demais gêneros musicais e abrangendo outros mercados, casos da moda, de espetáculo e de culinária. São também clássicas e incontestes as repercussões culturais das colônias italiana, alemã e japonesa, para citarmos apenas três, porém estas imigrações foram não só de grande monta, mas articuladas em níveis governamentais e diplomáticos, diferentemente da aqui trabalhada. As festas típicas destas etnias pululam pelo país, emprestaram e permanecem emprestando cultura gastronômica, musical, moda e expressões linguísticas, dentre outros aspectos inerentes a este estudo.

Mas não é destes processos dominantes que aqui se trata, e sim das imigrações ocorridas sem a interferência do estado, aquelas que se podem entender como espontâneas, em menor número e, portanto, quase invisíveis. Abraçando os dois processos e não perdendo de vista o que foi garimpado, outro

fenômeno pode ser alinhado, o que encampa o ambiente urbano, a imaginação sob a égide do que se entende por global, e as tecnologias ora disponíveis no campo da comunicação frente à massificação e decorrentes da pasteurização cultural promovida pela globalização, dentre outras possibilidades.

A exigência epistemológica na delimitação do recorte estabelecido reside na escolha do tema abordado, dada à diversidade de vertentes possíveis de serem tratadas, necessitando a efetivação de interfaces de múltiplas áreas do conhecimento, preponderando as Ciências da Comunicação e as que gravitam no entorno do universo dos imigrantes, as condições de trabalho e sociabilidade em que vivem, as legislações que os protegem ou a falta destas, considerando os aspectos que tratam dos preconceitos que os envolvem.

No que concerne às metodologias utilizadas como matéria prima para a construção desta, merece menção a pesquisa realizada em fontes secundárias, em textos referenciais sobre o tema e sobremaneira naqueles que elucidam os contextos apresentados no que concerne à comunicação e contemplam as definições e aplicações das imagens, do imaginário, da imaginação, da mimese, da alteridade e seu fruto possível, a empatia, elemento condicionante na geração de resiliências, e primordialmente os que tratam de cultura e suas implicações em todas as esferas sociais. A pesquisa exploratória de caráter observacional associada a levantamentos realizados em matérias jornalísticas foi outro instrumento do qual lançamos mão.

O primeiro capítulo traz o objeto da tese, discursando sobre os elementos que compõem a comunidade estudada, sua origem andina, os aspectos antropológicos, as hibridações culturais por eles geradas e a globalização na qual estão embarcados, e também a aculturação à qual se submetem. O texto está apoiado em uma literatura que contempla as implicações das civilizações pré-colombianas e da história da América Latina, traduzidas por Henri Lehmann e Pierre Chaunu; em autores que trabalham com cultura, a exemplo de Roque de Barros Laraia, Claude Lévi-Strauss e Edgar Morin; quando trata das hibridações o autor referencial é Néstor Garcia Canclini, e ao apresentar o conceito de mimese, a base teórica utilizada é preconizada por Günter Gebauer e Christoph Wulf. Lançamos mão de Octavio Ianni, um nome maior da sociologia brasileira, para enquadrar epocalmente o texto, quando este trata das dominações culturais que

permearam o ambiente social nas décadas de 50, 60, e 70 do século passado, estudo fundamental para o correto entendimento do cenário social e político em que estamos mergulhados.

No segundo capítulo, a tese transcorre tratando das mediações culturais, tema central dos trabalhos de Jesús Martin-Barbero, que balizam a estrutura apresentada, a qual foi reforçada por autores que realizam pesquisas em áreas promotoras de diálogo e tecitura com estas, sejam de comunicação, objeto central desta pesquisa, ou de outras áreas do conhecimento necessárias para o diagnóstico dos efeitos centrais ou colaterais promovidos pelas imigrações.

Norval Baitello Jr. empresta o conceito desenvolvido por Harry Pross no qual estabelece uma tipologia possível no entendimento das mídias, merecendo destaque em um primeiro momento as rádios, definidas por ele como terciária. Amálio Pinheiro contribui com uma dissertação apológica ao jornal, mídia secundária segundo os fundamentos ensinados por Baitello Jr., na qual demonstra o alcance e permeabilidade a seus usuários deste meio de comunicação, instrumento fundamental na construção de pertença dos imigrantes. Traz características modulares da contemporaneidade no que concerne às mídias sociais apoiadas em autores referenciais deste universo, no qual se destaca Nicholas Carr.

Este capítulo trata ainda dos aspectos concernentes à compreensão dos componentes conformantes daquilo que Eugênio Trivinho estabelece como “glocal”, condição imperativa, ainda que estranha, no entendimento de algumas dificuldades comuns dos imigrantes bolivianos. É neste ambiente que Zygmunt Bauman (2004) traduz as liquidezes da contemporaneidade que afetam a relações sociais ou pessoais, amplificadas nas condições dos imigrantes. Boris Cyrulnik é o responsável por fazer a ligação deste capítulo com o seguinte, a partir de seus conceitos de resiliência.

Discorrer sobre as projeções e identificações da imigração boliviana na egrégora da maior cidade da América Latina foi a incumbência atribuída ao terceiro capítulo desta tese, conformada por irrupções do imaginário que ocorrem na metrópole paulistana, sejam estas promovidas pela fluidez da língua espanhola facilitando os contatos com seus anfitriões, ou na construção de meios de comunicação operando intragrupo. Aspectos fundamentais das raízes culturais

bolivianas, contemplando suas lendas, rituais, festas e costumes referentes ao trajar, culinária e musicalidade, estão presentes no capítulo, que traz conceitos estruturantes da tese, necessários para a construção de pertença destes imigrantes.

Imagem, imaginação e imaginário compõem o escopo deste recorte, e os conceitos nele enunciados estão apoiados em autores insígnies da matéria; Edgar Morin, Christoph Wulf, Norval Baitello Jr., Malena Segura Contrera, Andrea Semprini e Jacques Derrida, entre outros, emprestam o suporte para a arquitetura do texto, no qual emerge com destaque a Praça Kantuta, local público conquistado pelos bolivianos de São Paulo, que a transformaram em seu *axis mundi*. É nela que a cultura e costumes destes imigrantes ganham espaço e visibilidade nas mídias, clássicas ou alternativas, conclamando os seus integrantes e os paulistanos nativos a vivenciarem suas tradições, ricas em religiosidade, musicalidade e gastronomia.

Essa busca pela visibilidade tem uma finalidade: a consecução dos processos sociais, necessários no granjeamento das empatias, facilitadoras que são do senso de pertencimento, objetivo central dos imigrantes de qualquer parte, e neste caso, dos bolivianos. A mimese cultural se faz presente, aproximando esse grupo da população paulistana, já miscigenada com outras imigrações, propiciando aos primeiros a sociabilidade necessária para estar em um novo lugar; sobre este conceito Günter Gebauer e Christoph Wulf avalizam o texto. Coube a um pensamento de Edgar Morin fazer a transposição deste para o próximo capítulo.

O quarto e último capítulo explicita a xenofobia e preconceitos a que os imigrantes em geral são submetidos, e neste caso os bolivianos “paulistanos”. Trabalhado metodologicamente também com pesquisas realizadas em mídias jornalísticas reconhecidas por sua isenção, impressas ou em outras plataformas, a exemplo do Jornal da USP, veículo oficial da mais respeitada universidade brasileira, e com os demais métodos já expostos na apresentação desta introdução, apoiando-o em uma encorpada literatura que trata de empatia e resiliência, nominando a título de referência Frans de Wall, Malena Segura Contrera, Boris Cyrulnik, Alejandro Gorenstein e Sidney Antonio Silva, este último, sociólogo e um dos autores precursores da temática envolvendo a imigração

andina, especialmente a boliviana para o Brasil e, em particular, para a capital de São Paulo.

Importa para sua cimentação um exemplo distintivo de resiliência, o caso de Domitila Barrios de Chungara que conquistou a atenção de Eduardo Galeano. Faz a tecitura com o conceito de mediosfera desenvolvido por Malena Segura Contrera, que explica em certa medida a ausência de elementos fundamentais na concepção dos imaginários na contemporaneidade.

Expõe uma porção significativa das estratégias elaboradas por estes imigrantes com o objetivo de angariar a tão necessária empatia na construção dos pertencimentos, parcela essencial da condição imperiosa para se estar em um novo lugar, minimizando os estranhamentos decorrentes das locomoções próprias das imigrações.

O encerramento do capítulo apresenta um curto diálogo entre Edgar Morin e Boris Cyrulnik sobre a natureza humana.

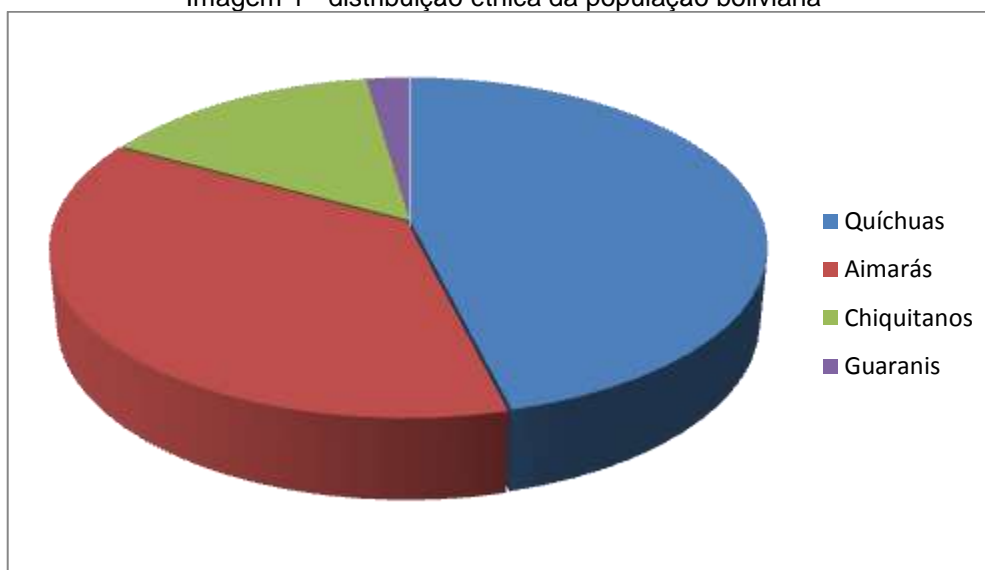
1 Cultura imigratória boliviana – do hibridismo à globalização

Cultura: falsa evidência, palavra que parece uma, estável, firme, e no entanto é a palavra armadilha, vazia, sonífera, minada, dúbia, traiçoeira. Palavra mito que tem a pretensão de conter em si completa salvação: verdade, sabedoria, bem-viver, liberdade, criatividade...
(MORIN, 2006, p. 75).

Como já foi exposto, o tema da tese aqui apresentada trata dos imigrantes bolivianos em seu destino final, a cidade de São Paulo, e como vivem nesta opção que fizeram, o que nos leva, obrigatoriamente, à prospecção das raízes e condições sociais deste contingente em seu país de origem.

A Bolívia, como é mundialmente conhecida, tem como nome oficial “Estado Plurinacional da Bolívia” e está localizada no centro-oeste da América do Sul, delimitada ao norte e a leste pelo Brasil, ao sul pelo Paraguai e pela Argentina e a oeste por Chile e Peru. Tem uma área de 1.098.581 km² e conta com uma população no entorno de onze milhões de habitantes, composta majoritariamente por nativos, conforme demonstrado nos gráficos apresentados a seguir. A densidade demográfica do país é de 9.83 habitantes por km² e sua capital é a cidade de La Paz.

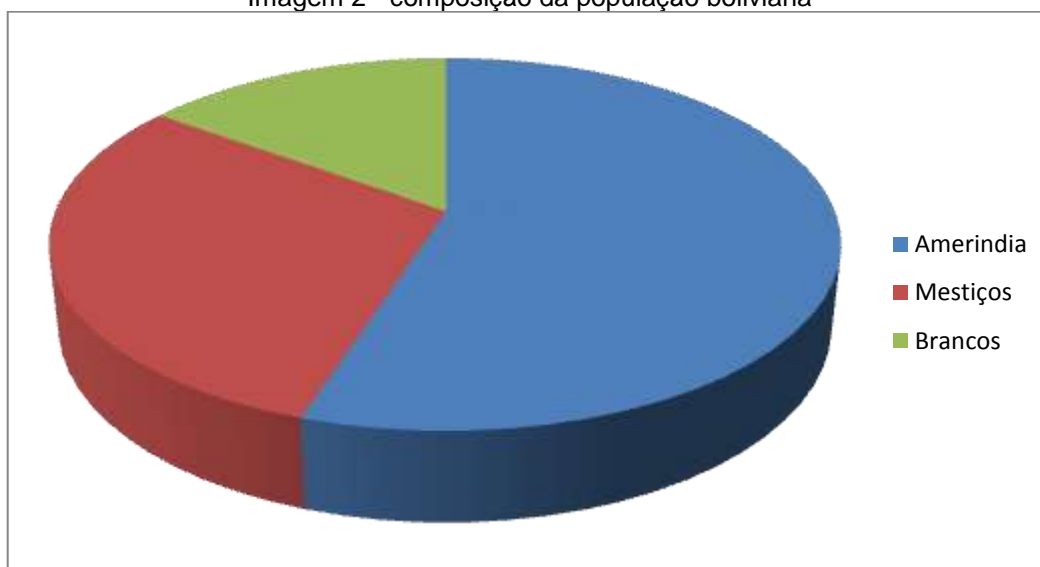
Imagem 1 - distribuição étnica da população boliviana



Fonte: Acervo do autor

Sua composição étnica é muito variada; o maior dentre os grupos nativos que a integram são os quíchuas (3,5 milhões), seguidos pelos aimarás (2,5 milhões), chiquitanos¹ (180 mil) e guaranis (125 mil). Os ameríndios compõem 55% da população; os restantes 30% são mestiços (entre ameríndios e brancos) e cerca de 15% são brancos (euro descendentes).

Imagem 2 - composição da população boliviana



Fonte: Acervo do autor

É uma república presidencialista, dividida em nove departamentos, cujos idiomas oficiais são o espanhol, o aimará e o quíchua. A religião dominante é o cristianismo, com 98,8% de adeptos e, destes, 88,3% são católicos.

As principais cidades do país são La Paz, sede do governo, Santa Cruz de La Sierra, Alto, Cochabamba e Oruro, além de Sucre, capital constitucional e judicial. Seu Produto Interno Bruto (PIB) nominal de US\$ 33,43 bilhões (ano base de 2015) é baseado, principalmente, na agropecuária e na mineração, produzindo cana-de-açúcar, soja, castanha, café e frutas variadas, com rebanhos de bovinos, suínos, caprinos e ovinos, complementados por criações de aves e extração de gás natural, petróleo, zinco, estanho, prata e ouro. Sua indústria, ainda que

¹ O povo Chiquitano foi constituído a partir de uma amálgama de grupos indígenas aldeados no século XVII pelas missões jesuíticas. Habitantes da região de fronteira entre Brasil e Bolívia, foram compulsoriamente envolvidos em conflitos políticos e diferenças culturais decorrentes de uma divisão territorial que não lhes dizia respeito. A grande maioria desse povo está na Bolívia. Os que moram no Brasil têm sido explorados como mão de obra barata por fazendeiros, os quais também representam uma ameaça constante de invasão aos poucos territórios que lhes restam. Mas os Chiquitanos têm lutado pelo direito a uma Terra Indígena, que está em processo de identificação pela FUNAI e que poderá assegurar a continuidade de sua identidade cultural. Fonte: [HTTPS://pib.socioambiental.org](https://pib.socioambiental.org).

incipiente, está assentada nos ramos alimentício, de bebidas e no refino de petróleo.

Sob a ótica socioeconômica, a Bolívia participa dos rankings menos prestigiosos, classificando-se em primeiro lugar como o país com menor renda per capita da América do Sul, e em 119ª posição, dentre os 188 elencados, no levantamento promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2016, que expõe o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de seus afiliados. Essa condição, dentre outras, explica a “diáspora” de parte significativa de sua população rumo ao Brasil.

Dos onze milhões de bolivianos apresentados no censo nacional de 2015, cinco por cento, ou seja, 550.000 pessoas encontram-se fixamente ou de forma itinerante estabelecidos no território brasileiro. Destes, segundo dados informais levantados pela Pastoral do Migrante, 90% habitam a capital paulistana, como foi citado anteriormente. Ainda que os números não sejam exatos, dizem muito sobre as expectativas e necessidades dessa massa humana. São Paulo, por ser o estado mais rico da união, com sua capital inserida entre as cidades mais populosas do mundo, é o ponto final preferido da rota percorrida por esses imigrantes na busca pelo Eldorado sonhado.

A par da temporalidade deste texto, é mister considerar os avanços sociais promovidos e alcançados pelo governo do Presidente Evo Morales no decorrer dos últimos dez anos, ancorados na matriz econômica denominada “Modelo Econômico Social Comunitário Produtivo”, fato que, ainda que de forma sutil, reduziu a saída de sua população em busca de melhores possibilidades de vida.

É incontestável o desenvolvimento econômico boliviano neste período, levando o país a ser o de maior crescimento do PIB na América do Sul, seguidamente desde 2006, com números expressivos conforme apresentado na tabela abaixo, condição que pode explicar a citada redução migratória.

Há polêmicas no que concerne à inclusão social, mas é inquestionável o avanço neste quesito, reprocessando o ocorrido no Brasil no transcorrer dos governos do Presidente Lula, que possibilitou às classes menos privilegiadas o

acesso ao consumo de bens e serviços até então somente permitidos aos componentes das categorias econômicas A, B e C do critério CCEB² - 2017.

Como já foi mencionada, a diminuição do fluxo de saída populacional é explicável pelo panorama econômico da última década, sob a égide do governo Evo Morales, que promoveu neste quesito um quadro com resultados sem precedentes, incluindo a Bolívia entre as nações que mais crescem no mundo, com o seu PIB trafegando em um patamar diferenciado, com o aumento de pelo menos quatro pontos percentuais anuais e reduzindo o nível de pobreza de uma forma nunca vista no país.

Imagem 3 - PIB da BOLÍVIA

ANO	PIB	ANO	PIB
2000	2,5	2008	6,1
2001	0	2009	3,4
2002	1,9	2010	4,2
2003	2,5	2011	5,1
2004	3,7	2012	5,2
2005	4,1	2013	6,8
2006	4,5	2016	4,3
2007	4,6	2017	4,2

Fonte: <https://www.indexmundi.com>

Desde sua posse na presidência da Bolívia em 22 de janeiro de 2006, Evo Morales, líder político de origem aimará, indigenista e esquerdista, implementou reformas para fazer do Estado o principal agente da economia mirando a industrialização do país. Neste recorte temporal, houve redução de 38,2% para 17% da população em estado de extrema pobreza³, com meta de atingir o patamar de 9,5% até 2020 e zerá-la por volta de 2025.

Alguns traços marcantes do modelo em curso são o controle da inflação, estímulo à poupança, difusão de crédito em moeda boliviana atrelada a uma taxa de câmbio fixo em relação ao dólar, subvenção do custo dos combustíveis e aumentos salariais acima da inflação, compósito que acarretou substancial

² CCEB: Critério de Classificação Econômica Brasil, escala adotada pela associação brasileira de empresas de pesquisa (ABEP) com o objetivo de filtrar a capacidade de compra das camadas sociais brasileiras.

³ Renda Inferior a US\$ 1 diário. Critério adotado pela ONU.

aumento na demanda interna, ampliando significativamente os postos de trabalho, elenco de medidas capitaneadas pelo ministro da Economia e Finanças Luis Arce, no cargo desde a posse do atual presidente.

Compõe ainda este cenário a crise mundial que afetou o preço das *commodities*, condição que o governo boliviano superou, mantendo o ritmo de crescimento e sendo cuidadoso ao não desperdiçar o capital aportado no país após a nacionalização do gás e do petróleo, ação levada a cabo em 2006.

A venda do gás natural ao Brasil e à Argentina responde por uma parcela significativa do crescimento do país, fato que vem sendo tratado na mídia internacional como o “milagre econômico boliviano”. É interessante observar que concomitantemente a esta ação há, na gestão citada, esforços declarados e reconhecidos no caminho da diversificação de sua economia, apoiada principalmente em soja, estanho e diesel.

No ambiente político, se por um lado Evo Morales vem acumulando elogios por conta das reformas inclusivas por ele implementadas, por outro angaria desafetos em decorrência de suas “supostas” tendências ao autoritarismo e às acusações da criação de uma “burguesia aimará”. Todavia, na opinião de especialistas bolivianos e estrangeiros, há convergência sobre a condução correta da economia, a exemplo das declarações que expomos a seguir:

“O governo aumentou consideravelmente as receitas do Estado. A nacionalização e o imposto direto cobrado sobre os hidrocarbonetos foram alguns dos principais elementos que explicam o alto crescimento econômico”, afirma o economista Luis Pablo Cuba, professor convidado da Universidade Mayor de San Simón, Bolívia.

Nos últimos 14 anos, o crescimento econômico foi impulsionado principalmente pela explosão dos preços das matérias-primas, pelo aumento de impostos, pelos significativos investimentos públicos e pelo alto gasto em políticas sociais. Durante a explosão das *commodities*, a pobreza diminuiu e o governo sabiamente guardou uma parte dos recursos, construindo uma grande reserva financeira. Essa poupança passou de US\$ 700 milhões para US\$ 20 bilhões, o que permitiu ao governo absorver o impacto da queda nos preços a partir de 2014. A liderança da Bolívia no crescimento na América do Sul deve ser mantida neste ano e no próximo, segundo as projeções do FMI. (Nicole Laframboise, economista do Fundo Monetário Internacional - FMI).

Nesta análise publicada no blog do órgão, a economista sugere ainda que outro fator importante para o sucesso do programa foi a queda no uso de dólares (que costumava ser usado em vez da moeda local) há cerca de dez anos: “Isso ajudou a melhorar a efetividade da política monetária, contribuiu para a estabilidade do setor financeiro e permitiu que mais bolivianos tivessem acesso a crédito e a serviços financeiros”.

Após esta breve apresentação do quadro político-social-econômico da Bolívia, cabe lembrar que a imigração massiva de sua população ocorreu e permanece ativa, ainda que em menor escala, apenas em seu composto étnico que permeia as camadas menos privilegiadas, compostas por nativos aimarás e quíchuas.

1.1 Antropologia do imigrante boliviano

Na obra seminal de Claude Lévi-Strauss, “Antropologia Estrutural” (2012), composta por capítulos que tratam de história e etnologia, linguagem e parentesco, organização social, magia, religião e arte, encontramos a bússola para o tráfego fluído no entendimento do resultado da imigração boliviana para a cidade de São Paulo, no qual faz-se necessária a análise dos processos antropológicos que impactam esse significativo grupo de pessoas, que optam por deixar seu lugar de origem e se estabelecem em outro que, por apresentar diferenças marcantes do primeiro, solicitam dos agentes imigrantes esforços às vezes traumáticos para sua adaptação. A língua, os costumes que passeiam da alimentação ao vestir, os rituais e, por cruel que seja esta realidade, o preconceito, são condições a serem vividas e vencidas.

Tem dimensão central no objeto de nosso estudo o processo mimético desenvolvido pela população imigrada, condição que, de alguma maneira, lhe permite sentir-se “em casa”.

Christoph Wulf (2014) explana limpidamente o conceito aqui adotado de antropologia, no qual destaca a mimese como um de seus elementos vitais:

O papel central do corpo em uma antropologia que se define como histórica e cultural vale por um ponto inicial de referência no estudo do significado dos processos miméticos, nos quais os humanos imitam criativamente o mundo em torno deles,

recriando-o em auxílio de sua compreensão e desse modo adquirindo-o como próprio. Assim a cultura é criada, comunicada e mudada por meio de processos miméticos (capítulo 7). Nenhum avanço individual é possível sem referência a um desenvolvimento passado. Os processos miméticos ocorrem em nossas esferas estética e social. O aprendizado mimético é um aprendizado cultural e envolve o corpo, seus sentidos, e a imaginação (WULF, 2014, p. 38).

Há três aspectos contidos na definição de Wulf (2014) que alicerçam a arquitetura do trabalho aqui apresentado: a historicidade, a cultura e a mimese.

As imagens apresentadas a seguir contém o tripé estipulado por Wulf:

Imagem 4 - Boliviano de etnia aimará – primeira década do século XX



Fonte: <https://www.wdl.org/pt/item/4385/view/1/1/>

Imagem 5 - Boliviana de etnia aimará – primeira década do século XXI



Fonte: <http://abnererubiaemmissoes.blogspot.com/>

Sobre a primeira, a historicidade, na apresentação deste capítulo, foi traçado um breve panorama contemporâneo político, socioeconômico e do composto étnico boliviano. Cabe lembrar que os bolivianos imigrantes estão contidos no grupo econômico menos privilegiado do país, composto por aimarás, quíchuas e mestiços, na medida em que os hispânicos não o integram e, se migram, o fazem em condições especiais, para assumirem postos de trabalho de alto escalão e cargos diplomáticos, dentre outras possibilidades peculiares às classes sociais privilegiadas sob a ótica econômica.

O conceito de historicidade se diferencia e distancia daquele utilizado para história, uma vez que esta trata dos acontecimentos datados, e, o que interessa aqui é saber como o significado que os fatos impregnados de sentido oferece a oportunidade para que tais conceitos sejam revisitados.

É a historicidade que propicia, neste contexto, uma explicação possível do composto humano imigratório boliviano para terras brasileiras e, neste caso, a capital paulista. Empobrecidos, com limitações sociais e operacionais, entendendo e inserindo aqui a globalização midiática que leva os acontecimentos em primeira mão a todos os cantos, e dentre estes, aqueles que mais aguçam seus desejos, com as atraentes promessas de facilidades que os bens de consumo entregam a quem deles usufrui. Estes bolivianos, que em seu país de origem ocupam as bordas na possibilidade de adquiri-los, partem em busca de um espaço que represente a possibilidade de uma “vida melhor”, e neste contexto, devido à “pequena distância” a ser percorrida e à “facilidade” no processo linguístico, o Brasil surge como o porto possível, e talvez seguro, para desembarcar e realizar seus sonhos.

A pobreza original desta parcela da população boliviana e dos demais países hispano-americanos se deve, segundo Edgar Morin (2006, p. 76), a um aparente paradoxo, que consiste no fato da Europa ocidental ter sido o lugar de onde partiu a dominação bárbara sobre o mundo, e lá também ser o berço de ideias emancipatórias, como aquelas que tratam dos direitos do homem e da cidadania graças ao desenvolvimento do humanismo.

Há a concordância arqueológica que muitos séculos antes da “descoberta” do continente americano pelos espanhóis, o altiplano andino era densamente

povoado, e que desde o século VII configurava-se como o centro da cultura de Tiahuanaco⁴, o primeiro império que dominou os planaltos e a costa do Peru.

Imagem 6 - ruína arqueológica de Tiahuanaco



Fonte: <https://www.historiadomundo.com.br/inca/as-ruinas-de-tiahuanaco.htm>

É neste contexto que Eduardo Galeano (1979) enriquece e apresenta outra visão a respeito da pobreza boliviana na contemporaneidade, que perfaz a trilha percorrida pelos colonizadores e explicita seu resultado cruel, não só em seu aspecto econômico, mas sobremaneira no sentimento que permeia esse povo:

Nos séculos XVI e XVII, o rico monte de Potosí foi o centro da vida colonial americana: em seu redor giravam, de um modo ou de outro, a economia chilena, que lhe proporcionava trigo, carne seca, peles e vinhos; a pecuária e o artesanato de Córdoba e Tucumán, que abasteciam de animais de tração e tecidos; as minas de mercúrio de Huancavélica e a região de Arica, por onde se embarcava a prata para Lima, principal centro administrativo da época. O século XVIII marca o princípio do fim para a economia da prata, que teve seu centro em Potosí; todavia, na época da independência, a população do território que hoje compreende a

⁴ Segundo as pesquisas arqueológicas disponíveis sobre os povos que habitaram os altiplanos andinos e a costa do Peru, o de Tiahuanaco foi o primeiro, formando um império no século VII. Sua densidade demográfica é estimada na casa da centena de milhar, apresentando elevado padrão de civilização. No entorno do século XI o complexo imperial se dividiu, dando origem a estados menores e mais modestos, predominando nações quíchuas e aimarás, mantendo, contudo, suas características centrais. O resultado desse processo é a formação do império incaico, que no século XV apresentava o domínio quíchua, tendo os aimarás como seu segundo grupo étnico. São originárias destes povos as duas principais línguas ameríndias da Bolívia.

Bolívia era superior à que habitava o que hoje é a Argentina. Um século e meio depois, a população boliviana é quase seis vezes menor do que a população argentina.

Aquela sociedade potosina, enferma de ostentação e desperdício, só deixou na Bolívia a vaga memória de seus esplendores, as ruínas de seus templos e palácios, e oito milhões de cadáveres de índios. Qualquer diamante incrustado no escudo de um cavalheiro rico valia mais do que um índio podia ganhar em toda sua vida de *mitayo*, mas o cavalheiro fugiu com os diamantes. A Bolívia, hoje um dos países mais pobres do mundo, poderia vangloriar-se – se isso não fosse pateticamente inútil – de ter alimentado a riqueza dos países mais ricos. Em nossos dias, Potosí é uma pobre cidade da pobre Bolívia: “A cidade que mais deu ao mundo e a que menos tem”, como me disse uma velha senhora potosina, envolta num quilométrico xale de lã de alpaca, quando conversamos à frente do pátio andaluz de sua casa de dois séculos. Esta cidade condenada à nostalgia, atormentada pela miséria e pelo frio, é ainda uma ferida aberta do sistema colonial na América: uma acusação ainda viva (GALEANO, 1979, p. 43 e 44).

No concernente à cultura, Roque de Barros Laraia (2009), professor emérito da Universidade de Brasília (UNB) e membro do Conselho Nacional de Imigração, em seu livro “Cultura – um conceito antropológico” (2009), apresenta duas vertentes sobre o tema, os determinismos biológico e geográfico⁵. Explica

⁵ Determinismo biológico: São velhas e persistentes as teorias que atribuem capacidades específicas inatas a “raças” ou a outros grupos humanos. Muita gente ainda acredita que os nórdicos são mais inteligentes do que os negros; que os alemães têm mais habilidade para a mecânica; que os judeus são avarentos e negociantes; que os norte-americanos são empreendedores e interesseiros; que os portugueses são muito trabalhadores e pouco inteligentes; que os japoneses são trabalhadores, traiçoeiros e cruéis; que os ciganos são nômades por instinto, e, finalmente, que os brasileiros herdaram a preguiça dos negros, a imprevidência dos índios e a luxúria dos portugueses.

Os antropólogos estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais. Segundo Felix Keesing, “não existe correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais. Qualquer criança humana normal pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado”. Em outras palavras, se transportarmos para o Brasil, logo após o seu nascimento uma criança sueca e a colocarmos sob os cuidados de uma família sertaneja, ela crescerá como tal e não se diferenciará mentalmente em nada de seus irmãos de criação. Ou ainda, se retirarmos uma criança xinguana de seu meio e a educarmos como filha de uma família de alta classe média de Ipanema, o mesmo acontecerá: ela terá as mesmas oportunidades de desenvolvimento que os seus novos irmãos (LARAIA, 2009, p. 17-18). Determinismo geográfico: considera que as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural. São explicações existentes desde a Antiguidade, do tipo das formuladas por Pollio, Ibn Khaldun, Bodin e outros, como vimos anteriormente.

Estas teorias que foram desenvolvidas principalmente por geógrafos no final do século XIX e no início do século XX, ganharam uma grande popularidade. Exemplo significativo desse tipo de pensamento pode ser encontrado em Huntington, em seu livro *Civilization and Climate* (1915), no

que a ideia sobre a origem da cultura é uma das preocupações centrais dos estudiosos que tratam do assunto e labutam na explicação de “como o homem adquiriu este processo extra-somático que o diferenciou de todos os animais e lhe deu um lugar privilegiado na terra” (LARAIA, 2009, p. 53). Afirma que:

Claude Lévi-Strauss, o mais destacado antropólogo francês, considera que a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma. Para Lévi-Strauss, esta seria a proibição do incesto, padrão de comportamento comum a todas as sociedades humanas. Todas elas proíbem a relação sexual de um homem com certas categorias de mulheres (entre nós, a mãe, a filha e a irmã) (LARAIA, 2009, p. 54).

Defende Laraia o princípio que a cultura condiciona a visão de mundo do homem, o que se evidencia na situação em que indivíduos de diferentes culturas analisam um mesmo cenário e apresentam diferentes percepções, a exemplo do mirar de um sertanejo sobre uma plantação, e este mesmo ambiente visto por um citadino.

Fizemos no texto de José Luiz dos Santos (2014) outra leitura pertinente ao tema em que, assim como Laraia (2009), ressalta as preocupações acadêmicas com o estudo das culturas humanas já no final do século XIX, destacando que as mesmas estão voltadas tanto para a compreensão das sociedades modernas quanto das que desapareceram ou perderam suas características originais em virtude do contato com as primeiras. Oferece a ideia que há duas concepções básicas de cultura. Diz o autor que a primeira ocupa-se com os aspectos de uma realidade social e, portanto, a cultura encampa todo o ambiente que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou grupos intrassociedade. Exemplifica estas condições com a cultura francesa e com a cultura xavante expondo que, da mesma forma, se fala na cultura camponesa ou ainda na dos antigos astecas. Externa que, nesses casos, a cultura se refere a realidades sociais bem distintas, porém, o sentido em que se fala de cultura é o mesmo, e é preciso considerar as características dos agrupamentos caso a caso, tendo a preocupação de abranger

qual formula uma relação entre a latitude e os centros de civilização, considerando o clima como um fator importante na dinâmica do processo.

A partir de 1920, antropólogos como Boas, Wissler, Kroeber, entre outros, refutaram este tipo de determinismo, e demonstraram que existe uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico (LARAIA, 2009, p. 21).

a totalidade das mesmas, quer tratem das maneiras de conceber e organizar a vida social ou de seus aspectos materiais. Complementa como segue:

Embora essa concepção de cultura possa ser usada de modo genérico, ela é mais usual quando se fala de povos e de realidades sociais bem diferentes das nossas, com os quais partilhamos de poucas características em comum, seja na organização da sociedade, na forma de produzir o necessário para a sobrevivência ou nas maneiras de ver o mundo.

Mas eu disse que havia duas concepções básicas de cultura. Vamos à segunda. Neste caso, quando falamos em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social. Observem que mesmo aqui a referência à totalidade de características de uma realidade social está presente, já que não se pode falar em conhecimento, ideias, crenças sem pensar na sociedade à qual se referem. O que ocorre é que há uma ênfase especial no conhecimento e dimensões associadas. Entendemos neste caso que a cultura diz respeito a uma esfera, a um domínio da vida social.

De acordo com esta segunda concepção, quando falarmos em cultura francesa poderemos estar fazendo referência à língua francesa, à sua literatura, ao conhecimento filosófico, científico e artístico produzidos na França e às instituições mais de perto associadas a eles (SANTOS, 2014, p. 23 e 24).

O terceiro pilar de sustentação do conceito de antropologia de Wulf (2014) é a mimese, condição propiciante ao ser humano de se estabelecer socialmente em um “novo lugar”, e que lhe permite ser “igual” aos habitantes do “novo ambiente”, carregando os aspectos fundamentais de sua origem, miscigenando-os com os cotidianos praticados no “novo espaço”. Nesta síntese ressaltamos, portanto, que a novidade solicita e exige, para sua utilização, a aproximação estética com o meio no qual se trafega, sem a qual o resultado será sempre o de estranhamento, sentimento gerador de aversão; mas a manutenção da cultura de raiz de quem imigra é o que lhes permite, ainda que em situações especiais, seja em apresentações públicas de seu folclore, ou em outras privadas, nas quais reprocessam costumes de seu lugar de origem, a sensação de bem estar, necessária à propriocepção de pertencimento.

Em nossa ótica, a cultura originária, a de raiz, contempla caracteres múltiplos, que passeiam pela música, artes cênicas, gastronomia e moda, como os aspectos mais facilmente identificáveis. Reforçando esse conceito, outra

contribuição interessante e clarificadora é a de Ulf Hannerz, contida no livro “Cultura Global” (1990), organizado por Mike Featherstone, na qual realça as interações e relações sociais nos territórios originais, nos transpostos e nos digitais:

Historicamente, estamos habituados a considerar as culturas em termos de estruturas distintivas no significado e na forma significativa, geralmente intimamente vinculadas a territórios, e de indivíduos que se sentem vinculados a essas culturas específicas. A suposição subjacente, neste caso, é que a cultura circula principalmente num relacionamento face a face, e que as pessoas não se deslocam muito. Esta suposição se presta o bastante para delinear o local como o tipo ideal.

Todavia, como fenômenos coletivos, as culturas estão, por definição, vinculadas principalmente a interações e relações sociais, e só indiretamente e sem necessidade lógica, vinculadas a áreas particulares no espaço físico. As relações menos sociais estão confinadas a limites territoriais, e a que está menos confinada territorialmente é a cultura; e principalmente em nossos dias, podemos contrastar em termos gerais as culturas que estão confinadas territorialmente (em termos de nações, de religiões ou de localidades) com aquelas que são veiculadas, como estruturas coletivas de significado, por redes mais amplas em termos de espaço, transacionais ou até mesmo globais. Este contraste também – porém não apenas ele – sugere que as culturas, antes de ficarem facilmente isoladas umas das outras como peças de um mosaico com a orla compacta, tende a sobrepor-se e a misturar-se. Embora compreendamos que elas se situam de forma diferente na estrutura social do mundo, nós percebemos também que os limites que estabelecemos ao seu redor são muitas vezes bastante arbitrários (FEATHERSTONE, 1990, p. 253).

Nesse sentido, ainda que o grupo estudado não esteja em seu território de origem, a dimensão e coesão do mesmo são suficientemente fortes para garantir a manutenção da identidade e de produtos culturais no campo do imaginário, que se perpetuam nas trocas simbólicas.

Finalizando este compósito de conceitos atinentes à cultura, parafraseamos Malena Segura Contrera em seu livro “Mediosfera” (2010), ideia que retomaremos neste texto, utilizando Edgar Morin no esclarecimento do tema, por explicitar os elementos que o englobam:

As representações, símbolos, mitos, ideias, são englobados, ao mesmo tempo, pelas noções de cultura e de noosfera. Do ponto de vista da cultura, constituem a sua memória, os seus saberes,

os seus programas, as suas crenças, os seus valores, as suas normas. Do ponto de vista da noosfera, são entidades feitas de substância espiritual e dotadas de certa existência (MORIN, 2008, p. 139).

O reprocessamento desta cultura se faz presente no caso destes imigrantes, possivelmente por conta dos processos miméticos inerentes ao ser humano, condição exposta por Gebauer e Wulf:

Os processos miméticos desempenham um papel central para o desenvolvimento do saber prático, que, entre outros saberes, é determinante para o agir social. Assim, a competência de poder agir com sucesso no interior das instituições sociais é adquirida continuamente nas ações miméticas. Isto vale para o mundo social da família, para o comportamento nas instituições de ensino e, da mesma forma, para o agir nas organizações do mundo do trabalho.

Nos processos miméticos, aquilo que já foi adquirido pelo agente é constituído como algo próprio e posto à disposição por meio do hábito. O contexto histórico e cultural, a qualidade do espaço e do tempo, o ritmo e o movimento das ações têm grande significado no desenvolvimento mimético do saber prático e no seu uso em novas conexões (GEBAUER; WULF, 2004, p. 16).

Este arcabouço cultural, miscigenado ao do “novo lugar”, permite a estes imigrantes a possibilidade de se adaptarem ao local escolhido, de adquirirem cidadania, o conjunto de direitos e obrigações de um indivíduo que vive em sociedade, proporcionando-lhes a condição de serem pró-ativos, participando profissional e socialmente no ambiente que habitam, revestindo-os com suas cores originais, seja abrindo restaurantes com cardápios próprios de sua terra natal ou conquistando espaços públicos nos quais revivem suas tradições, a exemplo da Praça Kantuta, símbolo incontestado desta adaptação.

A rede amplia estas possibilidades, concretiza, ainda que sutilmente, o sonho daqueles que para cá vieram. Traz para o colo dos que por aqui trafegam a lembrança de lá e o “bem estar” de aqui estar. Para tanto, práticas se configuram necessárias. Um espaço que acolha o daqui e o de lá; lugares em que a soberania dos sonhos proibidos os faça permitidos, campo aberto para os devaneios, poção mágica que empresta ao homem a força de existir, ou ao menos, que lhe acene a condição de ser livre. O cenário exposto indica que há indiscutivelmente imersões e fluxos nas redes sociais, prática que esculpe e

impregna o comportamento do núcleo pesquisado, seja pela agilidade que lhe é característica ou por conta do alcance que apresenta, sobre o qual não recai qualquer dúvida.

Imagem 7 - carnaval na Praça Kantuta 2018



Fonte: <https://www.google.com.br/?q=praça+kantuta+imagens+2018&oeq=praça+kantuta+imagens>

A sociedade navega nas redes, e os imigrantes bolivianos também, o que lhes permite saber sobre seu entorno e, principalmente, o que nele acontece e quais suas possibilidades de participação, tornando-os iguais e moldando-lhes o comportamento.

1.2 Hibridismos sociais da cultura boliviana

Ao olhá-los, podemos identificar empiricamente que os imigrantes bolivianos residentes em São Paulo processam a mimese apontada no subcapítulo anterior, que os permite preservar muito de suas origens no que tange ao vestir, comer e ouvir, miscigenando estes aspectos com os da cultura local, o que inexoravelmente gera modelos híbridos destes elementos.

Adentrar essa seara implica na definição do conceito de hibridismo cultural, e uma dentre as várias, bastante interessante, está na introdução de um artigo de João Batista Cardoso (2008), publicado na “Itinerários”, revista de literatura da UNESP – Araraquara:

O hibridismo cultural é um fenômeno histórico-social que existe desde os primeiros deslocamentos humanos, quando esses deslocamentos resultam em contatos permanentes entre grupos distintos. O continente latino-americano é um lugar por excelência para a ocorrência do hibridismo cultural, porque é um espaço de imigração e migração desde eras remotas. Todo sujeito migrante é um sujeito híbrido, porque, quando deixa sua terra, torna-se diferente, pois os outros homens que encontra na terra estrangeira têm outros costumes e outras crenças; ouve outro tipo de música e dança outro ritmo. O ritmo que trouxe une ao que encontra e inicia o processo de hibridismo cultural (CARDOSO, 2008, p. 79).

Usando o ritmo para falar de hibridismo, Cardoso nos empresta uma metáfora valiosa: o ritmo como uma forma de pulsar vital que atravessa todas as ações coordenadas do grupo, o que fica evidente ao transitarmos pelas ruas dos bairros em que se concentra.

A partir dessa breve definição que explicita a hibridez dos imigrantes, fica aberta a porta para a análise do impacto da cultura trazida na metrópole paulistana, não só em sua ocupação espacial, mas primordialmente nos novos hábitos que vão produzindo.

Néstor Garcia Canclini (2008) apresenta um breve histórico da hibridação, que alicerça certamente o presente texto:

Vou ocupar-me de como os estudos sobre hibridação modificaram o modo de falar sobre identidade, cultura, diferença, desigualdade, multiculturalismo e sobre pares organizadores dos conflitos nas ciências sociais: tradição-modernidade, norte-sul, local-global. Por que a questão do híbrido adquiriu ultimamente tanto peso se é uma característica antiga do desenvolvimento histórico? Poder-se-ia dizer que existem antecedentes desde que começaram os intercâmbios entre sociedades; de fato, Plínio, o Velho, mencionou a palavra ao referir-se aos imigrantes que chegaram a Roma em sua época. Historiadores e antropólogos mostraram o papel decisivo da mestiçagem no Mediterrâneo nos tempos da Grécia clássica (Laplatine & Nouss), enquanto outros estudiosos recorrem especificamente ao termo hibridação para identificar o que sucedeu desde que a Europa se expandiu em direção à América (Bernard; Gruzinski). Mikhail Bakhtin usou-o para caracterizar a coexistência, desde o princípio da modernidade, de linguagens cultas e populares.

Entretanto, o momento em que mais se estende a análise da hibridação a diversos processos culturais é na década final do século XX. Mas também se discute o valor desse conceito. Ele é usado para descrever processos interétnicos e de descolonização

(Bhabha, Young); globalizadores (Hannerz); viagens e cruzamentos de fronteiras (Clifford); fusões artísticas, literárias e comunicacionais (De I Campa; Hall; Martin Barbero; Papastergiadis; Webner). Não faltam estudos sobre como se hibridam gastronomias de diferentes origens na comida de um país (Archetti), nem da associação de instituições públicas e corporações privadas, da museografia ocidental e das tradições periféricas nas exposições universais (Harvey). Esta nova introdução tem o propósito de valorizar esses usos disseminados e as principais posições apresentadas. Na medida em que, segundo escreveu Jean Franco, “*Culturas híbridas* é um livro em busca de um método” para “não nos espartilharmos em falsas oposições, tais como alto e popular, urbano ou rural, moderno ou tradicional” (Franco, 1992), esta expansão dos estudos exige a entrada nas novas avenidas do debate (CANCLINI, 2008b, p. XVII e XVIII).

Dentre as várias possibilidades de comprovação visual das hibridações culturais decorrentes das imigrações bolivianas, encontra-se a Rua Coimbra, encravada na região central da metrópole paulistana, via na qual predominam atividades comerciais. Nos estabelecimentos, as placas e cartazes invariavelmente apresentam o idioma espanhol, às vezes solitário, outras acompanhado pela língua portuguesa.

Sylvain Souchard (2010), geógrafo, pesquisador colaborador do Núcleo de Estudos de População da UNICAMP, apresentou uma cartografia da imigração boliviana em São Paulo, cuja espacialidade retrata e indica que a mesma “introduz novos arranjos nas relações do indivíduo e do grupo com os lugares; ... relações espaciais que certamente, em retorno, influenciam nas modalidades de produção do espaço local e regional” (SOUCHARD, in FERREIRA, 2010, p. 288).

Esta apresentação imagética da arquitetura urbana dialoga com a relevância que Canclini (2007) dispensa às imigrações e outras viagens ocorridas na segunda metade do século XX, na medida em que atribui a elas fazer do nomadismo uma chave de nossa contemporaneidade, e demonstra a importância dos fluxos maciços de contingentes populacionais em movimentos de ir e vir entre fronteiras e o impacto por eles causado.

Imagem 8 - comércio na Rua Coimbra



Fonte: acervo do autor

A sonoridade da cidade se altera com os novos elementos, tais como as flautas e os fonemas próprios de outros idiomas, que vão se misturando aos tradicionais. Se nos anos 70 do século XX a música andina chegou com força na sociedade paulistana, trazida pelas mãos de uma dupla estadunidense de sucesso, Simon & Garfunkel, com a imortal “El Condor Passa”, regravada à exaustão por ícones latino-americanos, encampa no final dessa década e na seguinte uma parte considerável do cancionero popular. Surge em São Paulo um sem número de conjuntos musicais do gênero; Tarancón, Inti-Illimani e outros dividem a liderança nas audiências radiofônicas.

Há múltiplas possibilidades na explicação do sucesso desse gênero musical; dentre elas, uma que se origina em meados da década de 50 do século passado, é a desobediência social, que reside na subversão da moda e da música na contestação dos valores morais vigentes e, essencialmente, na liberdade de expressão.

É na trilha aberta por esse movimento que outros acontecem e se incorporam; os hippies com o slogan “Paz e Amor”, a queima dos sutiãs do feminismo, os movimentos estudantis no final dos anos 60 e a tropicália no Brasil.

Neste momento da história, a globalização já se manifesta; a música corre na frente e traz em seu calcanhar todas as manifestações de contracultura, da moda à gastronomia e à literatura. No Brasil a ditadura militar endurece com a edição do AI5. Os movimentos estudantis fervilham e entoam canções que

confrontam as autoridades. É o tempo de “Para não dizer que não falei das flores” de Geraldo Vandré, “Construção” de Chico Buarque, “Domingo no Parque” de Gilberto Gil e “Alegria, alegria” de Caetano Veloso, dentre um vasto repertório de obras de protesto que pululavam na época.

A literatura “fantástica”⁶ latino-americana se coloca entre os gêneros mais vendidos do momento; Gabriel Garcia Marquez, Julio Cortazar, Manuel Puig e Manuel Scorza são alguns autores que dividem a lista dos livros líderes de vendas no país.

Em uma universidade francesa, Nanterre, no mês de maio de 1968, é deflagrado um movimento estudantil de rebeldia contra os sistemas vigentes, liderado por Alain Gesmar, Jacques Sauvageot e Daniel Cohn’Bendit, este um franco-alemão, que ganha o mundo e serve como estopim para inúmeros outros em distintos países, caso do Brasil com o movimento contrarrevolucionário em sua luta frente à ditadura militar instaurada em 1964⁷.

Com os subterrâneos da ditadura já lotados, a censura ativa e perversa, vai tolhendo a arte e seus artistas, fato que impele a juventude acadêmica às manifestações, e elas acontecem nas mais variadas formas.

O mundo está em convulsão e o Brasil também; pseudônimos são usados por compositores e cantores para aprovarem suas obras, o teatro traz produções contestadoras que driblam a censura, e no campo musical se importam repertórios que condizem com a desobediência que amalgama os jovens. São sons libertários os que ecoam nas universidades e ganham as comunidades. Bob Dylan e Joan Baez com “*Blowin’ In The Wind*” alcançam o topo das paradas musicais.

⁶ Literatura fantástica ou Realismo mágico é uma escola literária nascida no início do século XX, que se desenvolveu com pujança nas décadas de 1960 e 1970 na América Latina, em resposta contra os regimes ditatoriais vigentes. Caracteriza-se basicamente pela predominância de elementos mágicos e sensoriais apresentados de forma natural na construção da narrativa da realidade, mais frequentemente sugerida que claramente explicitada. Alguns de seus representantes mais insígnies são Alejo Carpentier (cubano), Gabriel Garcia Marquez (colombiano), Manuel Scorza (peruano), Manuel Puig, Julio Cortazar e Jorge Luis Borges (argentinos), Isabel Allende (peruana de ascendência chilena) e Dias Gomes (brasileiro), entre outros.

⁷ Sobre este recorte histórico recomendamos a leitura de “Quarup”, livro clássico de Antônio Callado, no qual relata os acontecimentos daquele momento, dando vida a seus personagens em suas trajetórias no embate frente às agruras que a ditadura militar infligiu nos direitos daqueles que dela discordavam.

Na Itália, no ano de 1971, Roberto Carlos, um dos maiores nomes da música brasileira, compõe em parceria com Erasmo Carlos mais um de seus sucessos, “Debaixo dos caracóis de seus cabelos”, em homenagem a Caetano Veloso, já citado, outro participante respeitável desse segmento, exilado na época; sua letra implícita em parte o quadro político nacional do momento, a ditadura militar, que perdurará por vinte e dois anos, e traduz a necessidade de pertencimento do homem em seu ambiente.

Um dia a areia branca
 Seus pés irão tocar
 E vai molhar seus cabelos
 A água azul do mar
 Janelas e portas vão se abrir
 Pra ver você chegar
 E ao se sentir em casa
 Sorrindo vai chorar

Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
 Uma história pra contar de um mundo tão distante
 Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
 Um soluço e a vontade de ficar mais um instante

As luzes e o colorido
 Que você vê agora
 Nas ruas por onde anda
 Na casa onde mora
 Você olha tudo e nada
 Lhe faz ficar contente
 Você só deseja agora
 Voltar pra sua gente

Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
 Uma história pra contar de um mundo tão distante
 Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
 Um soluço e a vontade de ficar mais um instante

Você anda pela tarde
 E o seu olhar tristonho
 Deixa sangrar no peito
 Uma saudade, um sonho
 Um dia vou ver você
 Chegando num sorriso
 Pisando a areia branca
 Que é seu paraíso

Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
 Uma história pra contar de um mundo tão distante
 Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
 Um soluço e a vontade de ficar mais um instante
 (Roberto Carlos e Erasmo Carlos, 1971)

A globalização, que já havia apresentado em tempo real a morte de Che Guevara, no início da década de 1970 traz outra de suas características, a instantaneidade das notícias, e mostra a queda de um regime plural e a morte de seu líder Salvador Allende, em 1973.

Neste contexto histórico nasce, em meados da década de 1970, a “Operação Condor”⁸, articulação político-militar implementada pela CIA (*Central Intelligence Agency*), órgão de espionagem do governo estadunidense, a pedido do ditador chileno Augusto Pinochet, que congregava os países sul-americanos que se encontravam sob regimes políticos comandados por militares; dentre os signatários do acordo estavam Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. O objetivo da operação era extirpar as estruturas e organizações revolucionárias contrárias aos regimes vigentes, tendo como base o compartilhamento de informações dos sistemas de inteligência e da ação conjunta das forças de repressão desses países, que permitiam diligências fora de suas fronteiras.

Cabe aqui ressaltar que os golpes militares na América do Sul se sucederam a partir de meados da década de 1950; no Paraguai em 1954, Brasil em 1964, Argentina em 1966, Bolívia em 1970, Chile e Uruguai em 1973; em alguns desses casos com a interferência direta da agência de inteligência dos EUA, casos do Brasil, Chile e Uruguai.

Quando o medo aumenta, a censura recrudescer; como instrumento de fuga das massas, nesta situação, agentes sociais, os movimentos musicais e literários se apresentam minimamente como uma possibilidade de manifestação e é neste contexto que a música andina conquista seu espaço. Canta a liberdade, conta histórias, mostra vida e gera alteridade.

Neste recorte histórico, o hibridismo está manifesto, um novo gênero musical já nos habita, a moda se faz presente, os ponchos vestem os jovens, nos restaurantes os cardápios se ampliam e a sociedade passa a consumir esses novos elementos. A “latinidade” está instalada e pulsante, abrindo caminho para a imigração relevante da população de países vizinhos que se inicia na década seguinte, com destaque para os bolivianos.

⁷ Sobre o tema, uma leitura interessante e esclarecedora é a do livro de Antonio Campos, *Operação Condor no Brasil*, inserido na bibliografia deste texto.

1.3 Globalização e aculturação dos bolivianos em São Paulo

A globalização, prodígio que marca a trajetória social do homem na segunda metade do século XX, carrega em seu conceito e impacta o mundo com a possibilidade de qualquer nação do planeta dispor de bens de consumo ou industriais, de tecnologia e informações, a qualquer tempo, desde que os acordos diplomáticos e comerciais estejam celebrados.

Percorrendo-se os meandros de vários conceitos disponíveis de globalização, fica claro que esta é uma “criação” dos países capitalistas, com destaque para os denominados primeiro-mundistas⁹. A prática da aplicação desse conceito permite que organizações globalizadas implementem a venda de seus produtos em qualquer canto do globo terrestre, ampliando seus negócios e concretizando a tão discutida nos meios acadêmicos “dominação cultural”, que faz com que se perpetue o consumo de bens, próprios e comuns aos países mais ricos, a título de “necessidade” naqueles mais pobres. A Coca-Cola é o bálsamo que sacia nossa sede, assim como a liberdade é vestir um jeans velho e desbotado, claro, desde que seja “Levi’s”.

Filmes e livros são lançados lá e aqui concomitantemente; a saga de Harry Potter alcança os primeiros lugares na lista dos livros e filmes mais vendidos e assistidos; os campeonatos futebolísticos líderes de audiência, já há um bom tempo, não são os brasileiros nem tampouco os argentinos ou uruguaios, mas sim os ingleses e espanhóis. Os jovens usam camisetas do Barcelona, Real Madrid, Chelsea e PSG, para citar nomes que se sobressaem no futebol. Chicago Bulls, Boston Celtics e New York Knicks são algumas das trinta franquias que compõem o campeonato profissional estadunidense de basquete que mais vendem produtos de calçados e vestuário no mercado brasileiro, sendo que o campeonato nacional da modalidade apresenta audiência pífia.

⁹ Primeiro mundo é a denominação dada ao conjunto dos países que se alinharam aos Estados Unidos da América no transcorrer da “Guerra Fria”, disputa pela hegemonia mundial protagonizada pelos EUA e a então União Soviética – segundo mundo (os que formaram a chamada “cortina de ferro”) – nos anos 1950, composta pelos países centro-europeus, mais Canadá, Austrália, Coreia do Sul e Japão. Conceito que também atende aos países desenvolvidos, os que apresentam significativo desenvolvimento econômico e social, ou seja, os ricos. Sob essa ótica, os integrantes do terceiro mundo são as nações em desenvolvimento ou subdesenvolvidas, caso dos países da América Latina, África, Ásia e Oriente Médio.

McDonald's e Burguer King disputam o posto de líder no mercado de *fast-food*, ao tempo em que a Zara, rede espanhola de vestuário, leva a cabo a implantação do modelo de negócios denominado *fast-fashion*¹⁰. Apple e Samsung disputam, cabeça a cabeça, o mercado de smartphones com seus sempre recentes lançamentos de Iphone e Galaxy.

É inegável, o mundo está “globalizado” a partir da ideia de mercado. Alguns nominam a globalização de mundialização, mas, na prática, pouca diferença faz: a homogeneização se fez presente.

Os jovens de toda e qualquer parte, se vistos tomada alguma distância física, estão iguais. Seja na China, no Brasil, EUA, Espanha ou África do Sul, o modelo é assemelhado.

Essa pasteurização visual, se por um lado facilita a inserção do “diferente” – neste caso os imigrantes – nas sociedades, por outro vai limando suas tradições, apagando-as de seu imaginário e, nesse sentido, o esforço para sua preservação é brutal. A necessidade natural da sensação de pertença se apresenta então como elemento das hibridações decorrentes das imigrações. São simbólicas as manutenções das práticas cotidianas, preservando as raízes originais da musicalidade, alimentação, vestuário e religião e, sempre que possível, se apresentam, imagetivamente.

Não é exclusividade, nem tampouco patrimônio brasileiro, o consumo de modelos importados das práticas mercantis dos países desenvolvidos. Os estudos e teses que abordam e discorrem sobre os processos de dominação cultural são extensos e profícuos.

Octavio Ianni (1979) discorreu sobre a importância das doutrinas que codificam e promovem as relações dominantes, nas quais se incluem as culturais:

A indústria cultural do imperialismo compreende o conjunto do processo de produção e comercialização de mercadorias culturais, segundo as exigências das relações, processos e estruturas que garantem a reprodução internacional do capital. É este processo de reprodução internacional, pois, que determina, primeiramente, as características, significados e destinações das mercadorias culturais, sejam elas ideias, valores, noções, princípios, categorias ou doutrinas. Mas como estes elementos da cultura espiritual não

¹⁰ *Fast-fashion*: significa “moda rápida”, termo utilizado para designar a produção rápida e contínua de novidades e tendências na moda. Prática mercadológica desenvolvida pela rede espanhola Zara em 1993, e adotada pelas demais redes globais de magazines.

podem concretizar-se como mercadorias a não ser objetivando-se em palavras, imagens e sons, a indústria cultural do imperialismo compreende, também e por decorrência, duas ordens de produtos culturais. Por um lado, compreende o livro, o jornal, a revista, o rádio, a televisão, o teatro, o cinema, o Xerox, etc. Isto é, compreende uma ampla gama de elementos da cultura material, nos quais se materializam as ideias, valores, etc. Por outro lado, a indústria cultural do imperialismo compreende os sistemas de comunicação, ensino e propaganda. Esses sistemas envolvem unidades e organizações físicas, como as empresas e os estabelecimentos, além das suas técnicas peculiares de informação, processamento de dados, decisão e implementação (IANNI, 1979, p. 58).

Vivenciamos e vivemos sob a égide da "indústria cultural". Néstor Canclini, em seu livro "A Globalização imaginada" (2007), empresta segurança à nossa tese, ao discorrer sobre o tema:

Costuma-se afirmar que a industrialização da cultura é o que mais tem contribuído para sua homogeneização. Sem dúvida, a criação de formatos industriais até para algumas artes tradicionais e para a literatura, a difusão maciça facilitada pelas novas tecnologias de reprodução e comunicação, o reordenamento dos campos simbólicos num mercado controlado por poucas redes de gestão, quase sempre transnacionais, tudo tende à formação de públicos-mundos com gostos semelhantes (CANCLINI, 2007, p. 133).

O cenário apresentado é o palco no qual acontece em São Paulo a aculturação das imigrações bolivianas, fundindo a sua cultura à nossa, em decorrência do contato continuado, que se alarga com o passar do tempo cronológico, bordando nesse amplo tecido suas lembranças, com cores que se esmaecem caminhando com os relógios. Suas origens adquirem contornos caricatos, se matizam ao perder a originalidade, mas guardam as lembranças de uma raiz, que dia a dia se torna remota, mas sobrevivem misturadas às novas experiências, entregando à sociedade outros elementos culturais, em um caldeamento que os concebem frescos.

Nesta conjuntura ressaltamos que os processos comunicacionais impactam tanto os emissores quanto os receptores dos modos e costumes dos nativos e dos imigrantes, atuando em mão dupla, fazendo, dos primeiros, emissores em um dado momento para em seguida torná-los receptores, o mesmo acontecendo com os que chegam, gerando uma simbiose que leva à hibridação.

2 Mediações culturais da imigração boliviana nos meios de comunicação

A migração e as novas fontes e modos de trabalho trazem consigo a hibridação das classes populares, uma nova forma de se fazerem presentes na cidade (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 225).

A dimensão da população boliviana em São Paulo aponta, ainda que empiricamente, a existência de uma rede própria midiática. É um fato que 70% deste contingente não desfruta da condição legal de estar no país, conforme dados fornecidos pela Pastoral do Migrante, elemento indicador de que o mesmo ocorre com os veículos comunicacionais que orbitam neste universo.

Circulando por entre as áreas de concentração destes andinos, a exemplo da Rua Coimbra e de algumas travessas próximas, como a Bresser e a Dr. Costa Valente, no Brás, antigo bairro operário primeiramente habitado por italianos, e pela Praça Kantuta, situada no bairro do Canindé, ouve-se basicamente música boliviana transmitida por rádios da comunidade, composta “exclusivamente” por estações “piratas”, matéria que será abordada a seguir. Há também, engrandecendo o composto midiático, a oferta de um número expressivo de jornais editados por e para esse conjunto de imigrantes, aspecto enriquecedor das mediações culturais deste contingente, sendo estes veículos protagonistas na difusão de informações da pátria-mãe, elemento vinculador deste agrupamento.

Jesús Martin-Barbero (2006) define como mediação as articulações entre as práticas de comunicação e os movimentos sociais, em diferentes temporalidades e para a pluralidade de eixos culturais, condição que explicita os receptores como agentes, e não apenas como coadjuvantes, portanto elementos determinantes de conteúdo neste universo comunicacional.

A língua fala alto no contexto, e o que se escuta e lê nestes ambientes é oportunhol¹¹, como se verifica nas ruas aqui mencionadas.

Cartazes afixados nas lojas encontradas nesse percurso utilizam essa linguagem. A locução radiofônica encorpa o diagnóstico; as conversas capturadas dos transeuntes o confirmam. A velocidade nos diálogos da coletividade trabalhada indica que esta miscigenação linguística é usual e está introjetada em

¹¹ Mistura espontânea, não estruturada ou regrada das línguas portuguesa e espanhola.

seus usuários, auxiliadas por elementos gestuais. Como se fosse necessário para o entendimento dos discursos orais, o volume alto causa uma sensação de cacofonia aos não habituados com o ambiente. Esta impressão se intensifica na Rua Coimbra, aos sábados e domingos a partir das 15 horas, quando a localidade é fechada para veículos e nela se instala uma feira livre. O comércio permanece aberto, com lojas de utilidades variadas, restaurantes, bares e fornecedores de diversos serviços, caso das peluqueras (cabeleireiros) que oferecem cortes e adornos para cabelos de todos os gêneros. Brechós e artesanato dominam o caminho explorado pelos camelôs. É uma festa de confraternização para este corpo social.

Imagem 9 - El Alto – La Paz – Bolívia



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+el+alto&tbm=>

Imagem 10 - Rua Coimbra – São Paulo – Brasil



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=rua+coimbra+são+paulo+imagens&tbm=>

As redes sociais merecem menção e ganham destaque neste escopo, mídia dominante nas gerações Y e Z ¹², assunto recorrente em matérias acadêmicas e jornalísticas. Não fogem do padrão comum dos jovens de qualquer local, *smartphones* nas mãos e fones de ouvido, mergulhados absortos em seu universo selado e intransponível. Em um artigo publicado em 2006, o antropólogo Sidney Antonio da Silva informa que 87% dos bolivianos vivendo em São Paulo têm entre 20 e 24 anos, e preferem em suas audições radiofônicas, música dançante, degustada em seus aparatos tecnológicos manuais, ou seja, os *smartphones*.

2.1 Navegação em rádios piratas de bolivianos na Grande São Paulo

A par da ideia generalizada que o rádio é hoje uma mídia menor, de pequena penetração, menos impactante e que, portanto, não ocupa lugar de destaque na construção do imaginário popular, pesquisas apontam um resultado inverso e demonstram que, apesar de sua idade e dos avanços tecnológicos comunicacionais incontestes de outros suportes, ele ainda se mantém no Olimpo das mídias, não tendo sido eclipsado pela internet e reagido ao surgimento e popularização da TV, como elucida Jesús Martin-Barbero:

...No campo do *rádio* inicia-se a partir dos anos 1970 um processo de transformação que corresponde à tendência geral imposta pelo desenvolvimentismo e pela crise que o auge da televisão desencadeia nesse meio em particular. O rádio reage à concorrência da televisão explorando sua *popularidade*, ou seja, seus modos especiais de “captar” o popular, as maneiras “como são trabalhados a adesão do público e o sistema de interpelações a que ela recorre”. E inclusive a popularidade implicada em suas próprias características técnicas: o rádio não requer qualquer capacidade além da audição, com sua “restrição” ao sonoro – a voz e a música – permitindo-lhe desenvolver uma habilidade expressivo-coloquial, e seu emprego não excludente, e sim compatível, possibilitando a superposição e o entrelaçamento de atividades e tempos. Esses traços tecnodiscursivos que permitem

¹² Foi no transcorrer da segunda metade do século XX que se desenvolveram os estudos geracionais, nomeando as gerações e elencando suas características. Têm início com os *baby boomers*, seguidos pela X (nascidos entre 1965 e 1981), Y (nascidos entre 1982 e 2000) também identificada nos processos geracionais como a geração do milênio ou geração da Internet e, finalizando, a geração Z. Cabe a ressalva que não há consenso sobre os períodos cronológicos que estabelecem estas gerações, que variam entre os diversos autores que trabalham o tema. Neste caso, utilizamos o recorte proposto por Solomon (2011).

ao rádio *mediar o popular* como nenhum outro meio, vão possibilitar sua renovação, a partir de um entrelaçamento privilegiado da modernizadora racionalidade informativo-instrumental com a mentalidade expressivo-simbólica do mundo popular. O projeto modernizador se converte, no rádio, em *projeto educativo*, dirigido especialmente para a adequação técnica dos modos de trabalho rural aos requerimentos e objetivos do desenvolvimento, e à readequação ideológica: superação das superstições religiosas que levantam obstáculos aos avanços tecnológicos e aos benefícios do consumo. Por outro lado, o rádio reage à hegemonia televisiva *pluralizando-se*, diversificando seus públicos. Pluralização funcional conforme os interesses do mercado, mas que também “fala” de algo mais: “A homogeneização do consumidor requer que se domine e caracterize o receptor, empreendendo um tipo de classificação que transforma as identidades sociais prévias e as torna funcionais para um determinado esquema de sociedade, em que se acrescentam outras categorias à de cidadão: espectador, torcedor, jovem, mulher, etc.” Num primeiro momento, essa setorialização dos públicos tem apenas a figura de uma diversificação dos tipos de transmissão ou programas de uma mesma emissora, mas depois a pluralização levará à especialização das rádios por faixa de público, passando estas a se dirigir a setores cultural e geracionalmente bem diferenciados (BARBERO, 2006. p. 254).

Este espaço virtual abriu para o mundo a janela das mídias sociais e fez destas o instrumento de reverberação do rádio, emprestando-lhe uma força que rompe algumas limitações que lhe eram impostas, ampliando seu alcance na medida em que é acessado de qualquer *smartphone*, mobilidade por ele já alcançada com o advento dos aparelhos alimentados à pilha, mas com a restrição destes serem um equipamento “supérfluo”, diferentemente dos celulares ora disponibilizados, entendidos como “necessários”.

Sobre a tipologia do mesmo, utilizamos o conceito trazido por Norval Baitello Junior (2001), elementar para o entendimento dos processos comunicacionais:

...A mídia secundária é constituída, para Pross, por “aqueles meios de comunicação que transportam a mensagem ao receptor, sem que este necessite de um aparato para captar seu significado, portanto são mídia secundária a imagem, a escrita, o impresso, a gravura, a fotografia, também em seus desdobramentos enquanto carta, panfleto, livro, revista, jornal (...)” (Pross, 1971:128). Na mídia secundária apenas o emissor

necessita um aparato (ou suporte). Assim, constituiriam mídia secundária as máscaras, pinturas e adereços corporais, roupas, a utilização do fogo e da fumaça (incluindo os fogos de artifício e fogos cerimoniais, velas, etc.), os bastões, a antiga telegrafia ótica, bandeiras, brasões e logotipos, imagens, pinturas e quadros, a escrita, o cartaz, o bilhete, o calendário. Como se pode constatar facilmente, o grau de complexidade de alguns veículos da mídia secundária está por merecer melhor atenção da pesquisa em nossa área. Desde já, as implicações da escrita e seus desdobramentos, inaugurando a tão festejada “era virtual”. Assim, podemos dizer que, na mídia secundária, apenas o emissor se utiliza de prolongamentos para aumentar ou seu tempo de emissão, ou seu espaço de alcance, ou seu impacto sobre o receptor, valendo-se de aparatos, objetos ou suportes materiais que transportam sua mensagem. Cabe aqui novamente um destaque, pouco considerado enquanto campo de estudos da comunicação: os sistemas de vestimenta e da moda enquanto mídia secundária.

A mídia terciária, diz Pross, “são aqueles meios de comunicação que não podem funcionar sem aparelhos tanto do lado do emissor quanto do lado do receptor” (Pross, 1971:226). Contam aí a telegrafia, a telefonia, o cinema, a radiofonia, a televisão, a indústria fonovideográfica e seus produtos, discos, fitas magnéticas, cd’s, fitas de vídeos, dvd’s, etc. Considerando-se que estamos falando de um sistema (a comunicação humana) e sua complexificação, não é difícil compreender que a cumulatividade é um de seus princípios fundamentais, permitindo assim a constituição de uma memória. Assim, o advento da mídia secundária não suprime nem anula a mídia primária que continua existindo enquanto núcleo inicial e germinador. Assim também, a mídia terciária não elimina a primária nem a secundária, mas apenas acrescenta uma etapa à anterior. O que, no entanto, caberia perguntar é pelas conseqüências de uma hipertrofia dos sistemas de mediação mais complexos, à custa de uma atrofia dos sistemas primários simples. Tal diagnóstico não apenas é possível como urgentemente necessário, sobretudo em vista de um certo ofuscamento da capacidade crítica diante da natureza mágica dos novos e vertiginosos desdobramentos da mídia terciária (BAITELLO JR., 2001, p. 3).

A título de ilustração, apresentamos abaixo um quadro comparativo, ainda que reduzido, entre as audiências radiofônicas e televisivas na Grande São Paulo:

Imagem 11 - quadro comparativo

Audiência Rádio x TV		
Horário	Rádio	TV
06:00/14:00	1.815.000	886.000
14:00/22:00	1.152.000	5.600.000

Fonte: Ipsos Brasil, maio de 2014

Frente ao apresentado, ganha corpo e importância a rede radiofônica destinada a qualquer público, neste caso ao boliviano da Grande São Paulo, na medida em que a programação transmitida em espanhol proporciona a seus ouvintes a sensação de pertencimento, seja pelo caráter mimético que empresta em suas transmissões, seja pela mediação nela contida, como celebra José Martin-Barbero (2006), que promove em seu texto a imbricação daquilo que é de raiz com o vivido no tempo presente, aspecto fundamental nesta tese:

... O caminho que levou as ciências sociais críticas a interessarem-se pela cultura, e particularmente pela cultura popular, passa em boa parte por Gramsci. Das “releituras”, às quais os anos 1960 foram tão dados, houve poucas tão justamente reclamadas pelo momento que se estava vivendo, e tão decisivas, como a de Gramsci. Porém, mais que de uma releitura, neste caso se trata de uma descoberta, inclusive para não poucos marxistas, de um filão de pensamento que complexas circunstâncias históricas tinham mantido quase encoberto, e que outra conjuntura desnudava, trazia à luz. A análise do porquê e do alcance desse reencontro se fez de um lado e outro do Atlântico. Aqui nos interessa assinalar unicamente o papel jogado pelo pensamento de Gramsci no desbloqueamento, a partir do marxismo, da questão cultural e da dimensão de classe na cultura popular. Está, em primeiro lugar, o conceito de *hegemonia* elaborado por Gramsci, possibilitando pensar o processo de dominação social já não como imposição, a partir de um *exterior* e sem *sujeitos*, mas como um processo no qual uma classe se hegemoniza, na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus as classes subalternas. E “na medida” significa aqui que não *há* hegemonia, mas sim que ela se faz e desfaz, se refaz permanentemente num “processo vivido”, feito não só de força mas também de sentido, de apropriação de sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade. O que implica uma desfuncionalização da ideologia – nem tudo o que pensam e fazem os sujeitos da hegemonia serve à reprodução do sistema - e uma reavaliação da espessura do cultural: campo estratégico na

luta par ser espaço articulador dos conflitos. E em segundo lugar, o conceito gramsciano de folclore como cultura popular no sentido forte, isto é, como “concepção do mundo e da vida”, que se acha “em contraposição (essencialmente implícita, mecânica, objetiva) às concepções de mundo oficiais (ou, em sentido mais amplo, às concepções dos setores cultos da sociedade) surgidas com a evolução histórica”. Gramsci liga cultura popular a subalternidade, mas não de modo simples. Pois o significado dessa inserção diz que essa cultura é inorgânica, fragmentária, degradada, mas também que essa cultura tem uma particular tenacidade, uma espontânea capacidade de aderir às condições materiais de vida e suas mudanças, tendo às vezes um valor político progressista, de transformação.

Em um trabalho de explicitação e desenvolvimento da concepção gramsciana do popular, A. Ciresa toma por essencial o conceber “a popularidade como um uso e não como uma origem, como um fato e não como uma essência, como posição relacional e não como substância”. Quer dizer que frente a toda tendência culturalista, o valor do popular não reside em sua autenticidade ou em sua beleza, mas sim em sua representatividade sociocultural, em sua capacidade de materializar e de expressar o modo de viver e pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica, e o integram e fundem com o que vem de sua memória histórica (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 112).

A rede em questão é composta basicamente por rádios piratas, dentre as quais se destaca a Infinita, a mais famosa entre os conterrâneos andinos, que adotou o nome de uma rádio de La Paz. Já foi lacrada cinco vezes nos últimos nove anos; para sua permanência no ar, seu gestor Franklin Castro vê-se obrigado a carregar seu estúdio para novo endereço a cada três meses, já tendo passado por vários bairros paulistanos, como Itaquera, Bom Retiro e Vila Medeiros, mantendo em sua programação temas como saúde, variedades, esportes e religião, com orçamento mensal em torno de R\$17.000,00 e contando com 12 colaboradores. Seu filho Alan, de 14 anos, segue seus passos e criou com Paulo Eduardo Queirós, um amigo brasileiro de apenas 13 anos, um programa que versa sobre tecnologia, games e HQ, o “*What a Game*”, apresentado às segundas, quartas e sextas feiras, às 16 horas.

Outra rádio que chama atenção é a *Nueva America*, que transmite apenas pela internet, comandada por Jorge Gutierrez, presidente da “Associação dos

Comunicadores Bolivianos no Brasil¹³” e pioneiro na área, que iniciou seu percurso pelas ondas do ar em 2002, irradiando do telhado do São Vito, edifício histórico situado no centro da capital, hoje já demolido, e apresentava, quando da redação deste texto, o programa diário “Esporte Total”, a partir de seu apartamento no bairro do Bom Retiro.

Imagem 12 - Alan Gutierrez e Paulo Eduardo Queirós, radialistas da Rádio Infinita



Fonte: [//www.google.com.br/search?q=alan+gutierrez+e+paulo+eduardo+queiroz+what+a+game+-+radio+infinita+-imagens](http://www.google.com.br/search?q=alan+gutierrez+e+paulo+eduardo+queiroz+what+a+game+-+radio+infinita+-imagens)

À luz do mercado radiofônico nacional, em especial o paulistano, as rádios de bolivianos que operam na capital seguem o padrão clássico das grades programáticas de maior sucesso: noticiários, esporte, saúde, religião, variedades e música, a exemplo do “*Ritmo Caliente*”, veiculado pela Activa FM, conduzido, apresentado e produzido pelos irmãos Surco, Jaime e Mariana Veronica, entrando no ar todos os dias às 10 horas, cobrando o famoso jabá¹⁴ para entrevistar

¹³ A associação liderada por Gutierrez trabalha para conseguir a legalização de uma rádio para sua comunidade, e para tanto se sustenta no Decreto Federal nº 52.795, de 31 de outubro de 1963, que determina em seu artigo primeiro que os serviços de radiodifusão obedecerão aos preceitos da Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962, do Decreto nº 52.026 de 20 de maio de 1963 e as disposições da Lei nº 8.666 de 21 de junho de 1993, com a redação dada pelo Decreto nº 2.108 de 24 de dezembro de 1996. Apoiar-se ainda na Lei nº 12.485 de 12 de setembro de 2011, Artigo 2º, Inciso XVIII, parágrafo C, que determina que 70% do capital total e votante da organização difusora devem ser de titularidade, direta ou indireta, de brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos.

¹⁴ O termo é bem conhecido de quem trabalha na área da música no Brasil. “Jabá”, na realidade, é um diminutivo carinhoso da palavra “jabaculé”, que significa “gorjeta”, dinheiro. O emprego do apelido se justifica: é possivelmente uma forma de retirar o peso da ação, através da qual radialistas, programadores e/ou diretores de emissoras recebem dinheiro ou favores

artistas bolivianos e reproduzir suas músicas, valor que justificam ser destinado a fazer frente ao orçamento de R\$1.200,00 mensais.

Em uma breve pesquisa exploratória¹⁵ realizada na web, utilizando o buscador Google, baixamos e ouvimos em exíguos 20 minutos, além das três já citadas, mais cinco rádios “bolivianas” operando em São Paulo, todas com as mesmas características, e ao acessá-las soa imediatamente uma música nativa, clássica ou contemporânea. Merece destaque o fato que, não obstante tratar-se de rádios piratas, apresentam na rede, identidades visuais, sem exceção, com logo e algumas inserindo ainda seus slogans:

- **Bolivia FM:** <http://www.radioboliviafm.com/>

Imagem 13 - logo da Rádio Bolivia FM



- **Fox Bolivia:** <http://www.radiofoxbolivia.net/>

Imagem 14 - logo da Rádio Fox Bolivia



- Ambaná Bolivia: <https://tunein.com/radio/Radio-Amban-Bolivia>

Imagem 15 - logo da Rádio Ambaná Bolivia



- Infinita: <https://www.radios.com.br/aovivo/radio-infinita-fm>

Imagem 16 - logo da Rádio Infinita



- Okey: <https://radiookeyfm.blogspot.com.br>

Imagem 17 - logo da Rádio OKEY



- Estelar: <https://www.cxradio.com.br/radio/estelar-92-5-fm>

Imagem 18 - logo da Rádio Stelar FM



- Activa: <https://www.radioactiva.com.br>

Imagem 19 - logo da Rádio Activa



- Nueva America: <http://www.radionuevaamerica.com.br>

Imagem 20 - logo da Rádio Nueva America



É antiga a luta da comunidade tratada para sair da pirataria e integrar o universo das rádios comunitárias¹⁶, assim como aquela que busca a inserção no universo radiofônico tradicional, exposta anteriormente. Há uma década, Andrés Espinoza, um dos colaboradores da Infinita que apresenta no horário matutino um programa com novidades sobre o futebol boliviano, mantém contato com o Grupo Oboré, que congrega mais de uma centena de estações paulistanas irregulares que tentam sua legalização junto ao Ministério das Comunicações. Em depoimento à reportagem do site UOL, do conglomerado Folha de São Paulo, em 26/12/2007, assinada pelo jornalista Rodrigo Bertolotto, Cristina Cavalcanti, coordenadora do grupo, afirmou que os radialistas bolivianos os procuram esporadicamente por medo da fiscalização; são arredios, não comparecem a encontros pré-agendados com a imprensa e não respondem a ligações, desativando os números de seus celulares se houver insistência.

As declarações e depoimentos garimpados e aqui expostos apresentam dissonâncias práticas, na medida em que as rádios “clássicas” dispõem de um maior alcance e permitem locuções comerciais, desejo de seus defensores, e as “comunitárias” estão restritas a uma dimensão geográfica e não acolhem “propaganda”, como determina a lei que as regulamenta. As piratas, que estão em funcionamento e operam marginalmente, atendem, ainda que ilegalmente, as aspirações das duas vertentes.

Ao perscrutarmos os sites das rádios piratas e nos determos alguns poucos minutos em sua programação, nos damos conta da quantidade de propaganda que por elas trafegam, e estas dizem explicitamente a que vieram, demonstrando como se sustentam. A publicidade levada ao ar vai de anúncios prosaicos, muito simples, a outros bem construídos, com vinhetas sofisticadamente elaboradas. Encampam e expõem um sem número de bens de consumo e empresariais, caso das máquinas de costura, elemento distintivo desse núcleo migrante, e serviços

¹⁶ O Serviço de Radiodifusão Comunitária foi criado pela Lei 9.612, de 1998, regulamentada pelo Decreto 2.615 do mesmo ano. Trata-se de radiodifusão sonora, em frequência modulada (FM), de baixa potência (25 Watts) e cobertura restrita a um raio de 1 km a partir da antena transmissora. Podem explorar esse serviço somente associações e fundações comunitárias sem fins lucrativos, com sede na localidade da prestação do serviço. As estações de rádio comunitárias devem ter uma programação pluralista, sem qualquer tipo de censura, e devem ser abertas à expressão de todos os habitantes da região atendida. Fonte: <https://www.abert.org.br/> (Associação Brasileira de Rádio e Televisão)

dos mais diversos, desde cabeleireiros até odontológicos, passando por clínicas ortopédicas, agências e operadoras de viagens, dentre vários outros.

Imagem 21 - site da Rádio Infinita



Fonte: <https://www.radios.com.br/aovivo/radio-infinita-fm/25259>

Diagnosticado o fato que a propaganda é a principal ferramenta na manutenção destas rádios, realizamos nova pesquisa exploratória¹⁷ a fim de elencar alguns dentre os vários anúncios divulgados, e o comparamos com os que compõem a matéria do jornalista Rodrigo Bertolotto aqui já mencionado, por conta da importância que as mesmas assumem ao entregarem a seus ouvintes, um pouco de sua ambiência nativa.

A reportagem citada apresenta, entre outros, o “reclame” que traz o diálogo de uma mulher com seu marido, tentando convencê-lo a ir costurar, mas este resiste para dormir um pouco mais “no colchão lindo e macio” de determinada loja da região. As ofertas se sucedem, passando das de trabalho a outras de restaurantes típicos, contemplando desde lojas de aviamento especializadas em artigos bolivianos até a procura por casas.

¹⁷ Pesquisa realizada em 11/12/2017 a partir das 06h30min.

Imagem 22 - logo, slogan e atrações divulgados na rede



Fonte: 55TTP55e.com.br/search?q=caminando+en+55T+tarde++programa+da+rádio+infinita

A maior parte dos anunciantes concentra-se na Rua Coimbra, no Brás, local central dos andinos em São Paulo, com restaurantes típicos, caso do Illimani, de Jorge Merubia, promotor contumaz da Praça Kantuta, ambas já citadas. Em seu restaurante, Jorge recebe cartas com histórias que serão lidas com contornos melodramáticos no programa “Caminando en La Tarde”, transmitido pela Infinita. Acessando o site da rádio, uma mudança gritante acontece no universo dos patrocinadores, na mediada em que lá estão presentes marcas como Vivara e Oriba dentre outras.

2.2 Jornais atuando como fontes de miscigenação para a comunicação de interesses práticos de bolivianos em São Paulo

É redundante falar sobre a força do jornal no universo midiático, dado seu caráter distintivo pelo alcance e penetração que apresenta, entregando a seu público informações das mais diversas, propiciando interações e gerando interlocuções.

Alberto Dines (1977) faz uma interessante reflexão sobre o “papel do jornal” em seu texto homônimo que, apesar da idade, se mantém relevante, apresentando os diferenciais positivos e as limitações que esta clássica mídia carrega. Utiliza em seu texto conceitos emitidos por Wilbur Schramm a respeito da tipologia dos canais de comunicação, que dialogam com a de Norval Baitello Jr., já exposta neste trabalho:

Para sobreviver no tempo e deslocar-se no espaço, o ser humano empregou toda a sua inteligência e disposição. Também na comunicação – surgida como um instrumento de sobrevivência – procurou o homem criar formas e mensagens que superassem aquelas barreiras.

Se os desenhos nas grutas são a primeira ou, pelo menos, a mais primitiva demonstração da sua luta temporal, as batidas de tambor ou a sinalização por fumaça são os primeiros indícios do seu empenho para vencer distâncias com sua informação.

Para existir e resistir, o animal humano enfrentou dois elementos que nenhum outro animal havia enfrentado: tempo e espaço. Penso, logo existo – conceituou Descartes. Existo, logo me comunico; comunico-me, logo enfrento tempo e espaço – diríamos, parafraseando o célebre axioma cartesiano.

Assim, estabeleceram-se para o processo da comunicação duas coordenadas básicas, dois sistemas de medição – o temporal e o espacial (DINES, 1977, p. 34 e 35)

Dines segue sua explanação, trazendo para a mesma o professor Wilbur Schramm¹⁸ que, em sua opinião, talvez seja o mais importante estudioso da comunicação aplicada, que alicerça sua teoria na existência dessas duas dimensões, a temporal e a espacial, para classificar os canais de comunicação. Entende que teríamos veículos temporais, espaciais e mistos e que, segundo Schramm, os veículos temporais seriam aqueles em que as mensagens são organizadas sob a lógica do tempo, portanto, vencendo o espaço, a exemplo do rádio e das comunicações telefônicas ou pessoais, ou seja, os puramente sonoros. Os veículos espaciais seriam aqueles em que as mensagens estivessem contidas na dimensão espacial e, por essa razão, resistentes ao tempo, caso dos veículos impressos, dos cartazes e da arquitetura, dentre outros. Complementa a ideia se referindo aos veículos mistos ou temporais-espaciais, que combinariam as duas noções perspectivas, os veículos modernos, velozes, movidos à

¹⁸ Wilbur Schramm, “The process and Effects of Mass Communicatio”, University of Illinois Press (1954).

eletricidade, como o cinema, a TV, os audiovisuais em geral. É nesse contexto que sua concepção de mídia se aproxima daquela apresentada por Baitello Jr.:

Os veículos ou canais temporais são diretos, não usam intermediação, nem códigos. São veículos baseados na voz humana ou na figura humana. A emissão é simultânea com a recepção. Por isto, são seletivos, não podem alcançar grandes audiências (mesmo que se utilize, num estádio, um sistema de alto-falantes, seu público será sempre menor que aquele alcançado por um veículo espacial). Por isto, também, não são duradouros.

Os veículos espaciais, por sua vez, utilizando-se de intermediários e de códigos, são indiretos. Podem ser reproduzidos a qualquer hora com tiragens ilimitadas, transportados para qualquer lugar, revistos quando se quiser, mas não oferecem a simultaneidade dos canais temporais, nem a força do veículo que repousa na figura humana¹⁹.

Baseados em considerações feitas no currículo de “Teoria da Comunicação”²⁰, concluímos que, além da chave da dimensão, uma outra pode ser acrescentada para classificar os canais de comunicação. Seria a chave do meio empregado para se comunicar. Assim, teríamos:

- a) o próprio homem (a voz, os gestos, a figura);
- b) a utilização do ambiente (sinais em árvores, pedras, casas, monumentos, etc.);
- c) os meios artificiais ou os veículos propriamente ditos (jornal, rádio, TV) (DINES, 1977, p. 35 e 36).

Lastreado pelo papel social que cumpre, o jornal coloca-se como um dos atores principais e não um mero coadjuvante no composto comunicacional dos imigrantes. A relevância conquistada se deve ao papel que realiza ao entregar identidade e pertença a este grupo, afastando a indesejável sensação de marginalidade que o acompanha, ainda que sutilmente. Na medida em que é empático com a comunidade na qual circula, confere a seus membros a possibilidade de saber que compõem um grupo de iguais, com características próprias, ainda que em território estrangeiro, abrindo as portas para as miscigenações, o que suaviza sua condição de forasteiros.

¹⁹ Schramm indica ainda como formas de classificar a mídia, além da dimensão tempo-espço, as seguintes: a) Velocidade (o tempo em que a mensagem pode atingir sua audiência); b) Permanência (duração da mensagem) e c) Participação (número de pessoas envolvidas no processo).

²⁰ Este currículo foi desenvolvido entre os anos de 1967 a 1971 na Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

Ao contrapor a expressão cunhada por Marshall McLuhan, que “O meio é a mensagem”, Amálio Pinheiro (2009) no livro por ele organizado “O meio é a mestiçagem”, expressa de forma pujante sua opinião sobre o papel do jornal, fundamentando a importância do mesmo não só no que concerne à cultura urbana, mas sobretudo no olhar daqueles que habitam as minorias, neste caso, os imigrantes.

O jornal impresso, afora obviamente congrega sistemas de ideias e de poder, situa-se num espaço concreto de relações culturais que lhe confere especificidade frente aos demais meios. Portátil e maleável, tátil às exigências dos dedos e de todo o corpo, obriga o leitor a participar de um modo de conhecimento, além do noticiado, que interliga os âmbitos privados e domésticos às atividades de lazer externo e investigativo da cultura urbana: nenhum ato comunicativo pode, por exemplo, substituir aquele, democrático, de sair, comprar e folhear um jornal a céu aberto. Tais práticas corpóreas externas são anatomicamente próprias da materialidade do suporte do meio impresso em questão, das bancas à mesa de bar, dos recortes afixados ou enviados por carta ou fax ao embrulho descartável, etc. (Só esporadicamente, não intrinsecamente, o rádio e a televisão, em transmissões coletivas de rua, entram em contato direto e contínuo com as séries urbanas.) Essa importantíssima qualidade de signo dos jornais impressos, essa, digamos, mobilidade gestual dentro da cidade não é, em hipótese alguma, colateral ou epifenomenal: faz parte da sua rede estrutural, ou seja, modifica os processos de produção e leitura das diagramações, títulos, espaços, letras, etc. e contribui grandemente para toda a história das trocas e conexões entre os sistemas do jornalismo impresso e os sistemas e subsistemas da cultura, das artes e dos demais meios. Saber que o jornal faz convergirem olho e cidade, faz permearem-se corpo e cultura, num espaço de política de lazer e prazer, desagrada a toda e qualquer tendência teórica de extração ocidentalizante “que o engavetem no lado que todos julgam negativo dentro do imbricado complexo de dicotomias convencionalmente admitidas, como as que existem entre “trabalho” e “ócio”, “mente” e “corpo”, “seriedade” e “prazer”, fenômenos “econômicos” e “não econômicos”” (DUNNING, 1992, p. 14). Por isso mesmo os jornais devem ser considerados aqui como uma espécie de produção gráfico-visual, com códigos que estabelecem nexos especiais, isto é, diferenciados, com processos civilizatórios – o Brasil e a América Latina – que subvertem, em boa medida, as fórmulas redutoras dos dualismos conceituais baseados na superioridade do acúmulo do conhecimento abstrato (PINHEIRO, 2009, p. 18 e 19).

Dispostos os conceitos e considerações sobre esta mídia, apresentamos na sequência alguns dos títulos mais influentes nesta comunidade imigrante, seja por sua permanência ou penetração. Outros não foram contemplados, não por deixarem de apresentar alguma importância, mas sim devido à quantidade, o que estenderia por demais o cerne da questão. A relevância do jornal como meio de comunicação essencial para conjuntos de imigrantes, somada às outras características já apresentadas, dispõe ainda de outra, a de elemento vinculador por aludir a aspectos inerentes ao ambiente no qual circula, na medida em que é prestador de serviços inestimáveis a ela, como por exemplo, ao anunciar vagas em empregos ou ofertas de locação de imóveis nas proximidades da circunscrição em que residem, além de informar novidades e situações antigas ou emergentes da terra natal.

Entrega a seus leitores um cotidiano que maquia a distância de suas raízes, divulgando locais festivos ou ritualísticos que habitam o imaginário dos mesmos, aliviando o estranhamento comum às minorias e lhes propiciando situações de empatia.

Como já foi dito, no tempo da construção deste texto, destacamos os jornais de maior visibilidade na comunidade, que circulam entregando informações das mais variadas, tais como relevantes notícias políticas e de esporte de seu país de origem, eventos de destaque na capital paulistana, vagas de empregos e anúncios do comércio, primordialmente os da Rua Coimbra e de seu entorno. Os mesmos têm seu alcance amplificado em razão da internet, na medida em que muitas matérias são replicadas em blogs, sites, Facebook e Instagram, e em virtude dessa tecnologia, capturam os jovens que trafegam nesse ambiente. Toda a região pericentral é abastecida por estes periódicos, aos quais se somam outros, os de maior circulação na Bolívia, que serão apresentados na sequência do texto.

O jornal impresso mais antigo a circular no seio do ambiente físico da comunidade é o “La Puerta Del Sol”, que imprimiu sua primeira edição em 1989. Fundado pela Associação de Residentes Bolivianos (ADRB), seu prestígio se deve às causas sociais que abraça ou desenvolve, prestando solidariedade a membros da comunidade, apoiando os projetos que visam o bem estar de seus

leitores, trazendo em sua pauta temas que percorrem os espaços contidos entre o político e o trivial, informando sobre assuntos relativos ao universo migrante, assim como outros tratando de generalidades.

Há ainda os jornais bolivianos de maior circulação na comunidade aqui tratada, e dentre eles destacamos o Opinión, La Razón, Cambio e La Patria, consagrados em seu país de origem, e que detêm a fidelidade de seus leitores, não só por essa condição, mas, e principalmente, por gerarem a sensação tão reconfortante de proximidade com a pátria atrás deixada, minimizando a tristeza que esta situação permanentemente os acompanha.

Imagem 23 - capa do periódico



Fonte: vide anexo 1

Imagem 24 - matéria do La Puerta Del Sol



Fonte: Fonte: vide anexo 1

Imagem 25 - capa do jornal



Fonte: vide anexo 1

Imagem 26 - capa do jornal



Fonte: vide anexo 1

Imagem 27 - capa do jornal



Fonte: vide anexo 1

Imagem 28 - capa do jornal



Fonte: vide anexo 1

Encorpando este campo da comunicação, os imigrantes bolivianos ainda dispõem de um robusto arcabouço de jornais digitais, que atuam à semelhança dos clássicos impressos, sem dispor de sua espacialidade, como discorreu

Amálio Pinheiro (2009) em citação constante deste texto, mas ampliando seu alcance, posto que se perdem em permanência, porém ganham em difusão, característica peculiar das novas mídias, preponderantemente no círculo das camadas com idade média de 20 anos, as que integram as gerações X, Y e Z, recorte geracional já apresentado, também denominados “geração momo²¹”, moderna, particular por sua mobilidade, não física, mas sim aquela emprestada pela rede, que os mantém conectados com o mundo, resultado da socialização da informação, cabendo aqui a ressalva que a mesma é ampla, mas sem filtros, portanto não necessariamente qualificada.

A imprecisão dos números de imigrantes deste composto é impressionante, o que se deve em parte à flexibilidade das fronteiras entre os dois países, aliada à outra condição, até o momento presente, a tolerância das autoridades imigratórias, seja esta pautada na política federal ou ainda pela incapacidade de fiscalização frente à quantidade de pessoas que orbitam nesse universo.

Essa descrição açambarca outra, pertinente a este tópico, que solicita o número de bolivianos de primeira e/ou segunda geração, com idade média de vinte anos, por conta dos recortes geracionais citados, condição que os insere no campo do alto consumo das redes sociais, ambiente no qual reverberam as pautas dos jornais da comunidade, com especial destaque para os digitais, que atendem à expectativa desses jovens no que concerne à plataforma comunicacional utilizada. Na tentativa de avaliar mais precisamente esse número de jovens, foi realizada uma pesquisa junto à Pastoral dos Migrantes, em agosto deste ano, que confirmou os dados já enunciados por Sidney Antonio da Silva (2006), em seu artigo anteriormente mencionado, que embora transcorridos doze anos de sua publicação, o índice de 87% de imigrantes nesta faixa etária permanece válido. Este dado denota que o fenômeno da imigração continua ativo, rejuvenescendo o contingente de mais de 5% da população boliviana que vive na capital paulista, marca que por si só empresta força às miscigenações e hibridismos daí advindos.

²¹ Geração que não se desconecta da rede e prima pela sociabilidade. Usa os aplicativos WhatsApp, Facebook, Messenger e Skype na comunicação com familiares e amigos; e nas redes sociais prioriza o Facebook, Instagram, Google e Twitter. É adepta de compras em plataformas de e-commerce e as utilizam preferencialmente em suas casas.

Imagem 29 - página de abertura no Facebook do site Planeta America Latina



Fonte: <http://www.planetaamericalatina.com.br/>

É neste cenário que os jornais digitais ganham prestígio, ampliando o espaço das comunicações intra comunidade, alavancando relações mercadológicas ou não e contribuindo na composição do painel étnico miscigenado que as migrações representam.

Imagem 30 - matéria em página do site Bolivia Cultural



Fonte: <http://www.boliviacultural.com.br>

2.3 Imersão e fluxo nas redes sociais

Nesta segunda década já adiantada do século XXI, a protagonista dos meios de comunicação de massa é incontestavelmente a rede (internet). Em seu estado permanente de abertura e acesso, permite que usuários de qualquer parte e em qualquer tempo se comuniquem instantaneamente, fato que a faz indubitavelmente o espaço mais prestigioso da comunicação contemporânea, exigindo apenas por parte dos que a utilizam a posse de um aparato que os coloque *on-line* (conectados). Primeiramente a internet operou de forma seletiva entre aqueles que dispunham de um computador pessoal, equipamento de alto custo, o que inibia seu acesso a pessoas financeiramente menos privilegiadas; todavia, com os novos avanços no desenvolvimento tecnológico, esse ambiente foi embarcado nos aparelhos celulares, os atuais *smartphones*, que se transformaram em plataformas de comunicação digital, permitindo partilhar esse espaço com todos que dispõem destes equipamentos, tornando-os agentes não só receptores, mas também, e sobremaneira, emissores de comunicações opinativas de qualquer gênero, porém sem filtros, muitas vezes apenas reprocessando o que recebem, sem análise ou crítica, por isso sem sentido.

Sobre este contexto, Pierre Lévy (2008) traz em seu livro “CIBERCULTURA” uma interessante e visionária entrevista com Albert Einstein, realizada no transcorrer dos anos 50 do século XX:

Durante uma entrevista nos anos 50, Albert Einstein declarou que três grandes bombas haviam explodido durante o século XX: a bomba demográfica, a bomba atômica e a bomba das telecomunicações. Aquilo que Einstein chamou de bomba das telecomunicações foi chamado, por meu amigo Roy Ascott (um dos pioneiros e principais teóricos da arte em rede), de “segundo dilúvio”, o das informações. As telecomunicações geram esse novo dilúvio por conta da natureza exponencial, explosiva e caótica de seu crescimento. A quantidade bruta de dados disponíveis se multiplica e se acelera. A densidade dos links entre as informações aumenta vertiginosamente nos bancos de dados, nos hipertextos e nas redes. Os contatos transversais entre os indivíduos proliferam de forma anárquica. É o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecido das mídias, a guerra das imagens, as

propagandas e as contrapropagandas, a confusão dos espíritos (LÉVY, 2008, p. 13).

Fruto da análise deste cenário é o texto esclarecedor de Eugênio Trivinho, por ele denominado “Glocal, Visibilidade Mediática, Imaginário BUNKER e Existência em Tempo Real” (2012), no qual explana o estado GLOCAL, como segue:

O fenômeno glocal, ele mesmo (o resultado de) um processo tecnocultural sincrético, está na raiz de todos os híbridos da era moderna tardia e de sua fase pós-industrial corrente, bem como no ponto axial de reescalonamento de todas as hibridações historicamente anteriores e ainda ativas. A civilização mediática em tempo real, a partir de seu estirão social-histórico posterior à Segunda Guerra Mundial, condicionou, com a sua infraestrutura tecnológica avançada e satelitizada, e viu consolidar-se, em escala transnacional, a mistura entre economia política e cultura hegemônica, entre fatores estratégicos de desenvolvimento material e fatores mediáticos de produção simbólica e imaginária, na direção da formação de um processo imaterializado e financeirizado de circulação e consumo de bens e serviços com enfática sobredeterminação (no sentido de fortíssima marca de motivação) de fatores sócio-comunicacionais em tempo real. O fenômeno glocal contribuiu para definir e/ou radicalizar, em forma e conteúdo, bem como para entretecer, nos hábitos e costumes culturais cotidianos, o embaralhamento duradouro entre público e privado, coletivo e individual, imaginário e real, masculino e feminino, próximo e distante, interior e exterior, familiar e estranho, agora e depois, e polaridades similares (TRIVINHO, 2012, p. 37 e 38).

No mesmo texto, o autor indica e explica a incorporação e trajetória semântica do termo “glocal” nas ciências humanas e sociais, escopo pertinente à nossa tese, pavimentando o caminho aqui palmilhado, o do entendimento de inserção da minoria imigrante, no caso os bolivianos, no conjunto social da grande metrópole, São Paulo, contemplando o que diz sobre alteridade, atributo social que os permite participar dos ritos sociais, condição necessária para o sentimento de inclusão.

Nas ciências humanas e sociais, o termo adquiriu acepção mais abstrata, alçada ao patamar de categoria epistemológica, portanto com franjas de significação transformadas, mais complexas e extensas, evidentemente menos pragmáticas, funcionalistas e comprometidas com os imperativos do valor de troca.

Nesse âmbito, o primeiro a laborar o conceito foi Roland Robertson. Nos principais escritos do sociólogo britânico sobre o assunto, (e.g. 1992, 1994, 1995, 2001, 2002, 2003), o termo comparece no contexto de preocupações teóricas com a formação social e política de novos modos de subjetividade, com os processos de construção da consciência e/ou de conscientização individual e coletiva sobre os problemas, desafios e horizontes do mundo globalizado e com as condições atuais da ação social correspondente e orientada à transformação. Nessa direção, patenteia-se o interesse de não apenas incorporar o uso do conceito de glocalização no debate sociológico sobre a globalização (tanto na economia quanto na cultura), mas também de defender enfaticamente a substituição desta última pelo mencionado conceito, na raiz do glocal. Com essa carga de significação, é inconcebível não assinalar que, para Robertson, o processo de glocalização, por seu potencial de repercussões variadas na vida prática, deve ser apreendido e assumido no colo de um conceito fortemente propositivo, de engajamento planejado entre sujeito e objeto, mesmo sob todos os riscos de uma sinergia teoricamente perigosa entre reflexão (que se requer autônoma *a priori*) e *empíria* processual abordada, entre subjetividade e recorte de foco, entre noção complexa (no caso, autopromovida) e substrato do mundo (“colado” a ela). Ao subordinar a utilização (mais descritiva que tensional) da nova terminologia à evidência inquestionável do sujeito social e às formas de percepção sobre o seu papel em relação à alteridade e às tendências do existente, Robertson assegurou a validação do conceito no plano maleável da construção cultural das relações sociais, corroborando – sem outra alternativa, na verdade – a perspectiva sociológica moderna ou modernista, centrada nas possibilidades de mudança das estruturas atuais de vida (em conjunto ou em domínios setoriais) com epicentro numa cidadania socialmente comprometida e conseqüente (TRIVINHO, 2012, p. 49 e 50).

A partir das explanações do Prof. Dr. Eugênio Trivinho expostas nesta tese, e as incorporando ao seu alicerce, desenvolvemos a tecitura deste capítulo, partindo da premissa que a “glocalidade” atua no seio dos espectros imigrantes, moldando-lhes o caráter mutante de suas possibilidades sociais.

Partilhando a convicção de Roland Robertson expressa por Trivinho (2012), acatamos igualmente o “pré suposto” que a construção cultural das relações sociais, inclusas aqui as dos imigrantes, acontece a partir da possibilidade das mudanças estruturais de vida, centradas em uma cidadania

comprometida e consequente, arma necessária para o processo inclusivo das minorias.

Delineia-se então que a condição de cidadania está implicitada em outras, a do pertencimento e partilhamento, que ocorrem com o imposto necessário de adequação ao meio. Ganha exponencial importância neste aspecto o conceito de “glocalização”, circunstância hoje existente do estar sem “fronteiras físicas”, sem abolir as restrições “físicas de espaço”, mas minimizando-as, focada que está nas possibilidades de escolha das estruturas contemporâneas de vida, com mira em uma cidadania social comprometida.

Em outra análise do conceito de “glocalização”, Nelson Lourenço (2014), pesquisador angolano, alerta que esta não significa o fim do “local”, pelo menos no que concerne à realidade social, e expressa esse cuidado na forma que constrói seu escrito:

A globalização não significa o fim do local, enquanto realidade social. Pelo contrário, a análise da modernidade deve ter presente e destacar a natureza dialéctica da globalização, enquanto processo assente na interacção do global e do local. A perspectiva culturalista da globalização mostra como é um erro pensar que a globalização significa um processo destruidor da ideia de local ou de localidade. O conceito de globalização convoca a ideia de uma forte e intensa conexão do local e do global, associada às profundas transmutações da vida quotidiana, que afectam as práticas sociais e os modos de comportamento preexistentes. Os conceitos de *glocal* e de *glocalização* pretendem transmitir a necessidade de uma leitura atenta da complexidade da relação local-global, na qual a mundialização da economia e a revolução do digital desempenham um papel determinante. Partindo do paradigma da globalização, assume-se neste artigo, que os conceitos de *glocal* e de *glocalização* constituem um quadro teórico-conceptual útil para a compreensão do funcionamento actual da economia e das dinâmicas do desenvolvimento a nível regional e local (LOURENÇO, 2014, p. 17).

Em uma observação empírica da prática dos fundamentos enunciados, é possível diagnosticar que o conceito de “glocal” se apresenta pungente, miscigenando o local onde estão vivendo, mas bebendo os acontecimentos e o dia a dia de sua terra. E o jornal, assunto do último subcapítulo, em qualquer de suas formas, seja a clássica em papel, ou sua subsequente, a digital, propicia a seu público essa condição, a de ver, saber, sentir e sonhar o aqui e o lá.

Sobre as vantagens e desvantagens de uma ou outra forma de apresentação dos jornais, usamos analogamente um texto de Nicholas Carr versando sobre os livros:

E sobre o próprio livro? De todas as mídias populares, provavelmente é a que mais tem resistido à influência da net. As editoras de livros sofreram algumas perdas comerciais à medida que a leitura se deslocou da página impressa para a tela. Mas a própria forma do livro não mudou muito. Uma longa sequência de páginas reunidas dentro de suas capas duras revelou ser uma tecnologia extraordinariamente robusta, permanecendo útil e popular por mais de meio milênio.

Não é difícil de entender por que os livros têm tardado tanto a dar o salto para a Era Digital. Não há grandes diferenças entre um monitor de computador e a tela de uma televisão, e os sons saindo dos alto-falantes atingindo nossos ouvidos são mais ou menos os mesmos quer estejam sendo transmitidos por um computador ou por um rádio. Mas como dispositivo de leitura, o livro guarda algumas vantagens muito claras sobre o computador. Você pode levar um livro para a praia sem se preocupar com a areia entrando na máquina. Você pode levá-lo para a cama sem ficar nervoso com a possibilidade de ele cair no chão quando você cochilar. Você pode derramar café nele. Você pode colocá-lo em uma mesa, aberto na página que estava lendo, e, quando pegá-lo uns poucos dias depois, ele estará exatamente como você o deixou. Você jamais terá que ficar preocupado em ligar um livro em uma tomada ou acabar sua bateria.

A experiência da leitura também tende a ser melhor com um livro. Palavras estampadas com tinta preta em uma página em branco são mais fáceis de ler do que palavras formadas de pixels sobre uma tela iluminada. Você pode ler uma dúzia ou uma centena de páginas impressas sem sofrer a fadiga ocular que frequentemente resulta mesmo de um breve período de leitura on-line. A navegação em um livro também é muito mais simples e, como dizem os programadores de software, mais intuitiva. Você pode folhear páginas reais com muito mais rapidez e flexibilidade do que páginas virtuais. E você pode escrever observações nas margens de um livro ou realçar as passagens que mais lhe comovem ou inspiram. Você pode mesmo conseguir que o autor do livro autografe a página de capa do seu exemplar (CARR, 2011, p. 141 e 142).

Agrega-se a esta condição o perfil das crônicas postadas nestes meios, que denota, em certa medida, a razão de seu sucesso, como explica DOWNING em seu livro “Mídia Radical” (2004). Já no prefácio, uma luz se acende:

A profunda desigualdade entre as abordagens correntes aos meios de comunicação se deve precisamente à recusa em levar a sério a persistência histórica e a disseminação geográfica da mídia radical alternativa. Embora o alcance dessa mídia, na aurora do século XXI, seja mais amplo do que nunca - exigindo, por isso mesmo, nossa atenção analítica -, esses meios de comunicação não são, de forma alguma, recentes na cultura e na política. A questão é que só há pouco tempo eles entraram na pauta da teoria e dos estudos oficiais, que têm uma predileção pelo que parece óbvio e fácil de verificar. Com o termo *mídia radical*, refiro-me à mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas (DOWNING, 2004, p. 21).

No transcorrer das páginas desse livro uma discussão interessante pronuncia-se, o conceito de comunidade, que o autor entende ser vago e discorre a respeito de uma forma que atende à dificuldade, que pensamos ser generalizada, de defini-la, primordialmente quando se trabalha com grupos específicos, minoritários, portanto sem voz na grande mídia:

O termo *comunidade* tem sido amplamente empregado como um conceito de incrível abrangência. É usado no sentido localista (esta comunidade mantém-se firme na questão de...), na retórica da política mundial (a postura da comunidade internacional contra o terrorismo), no sentido profissional (a comunidade científica), na política do uso da franqueza em questões sexuais (padrões de decência da comunidade) e num sentido nostálgico que remete a uma suposta era de harmonia (precisamos resgatar o sentido de comunidade). *Comunidade* também se refere a um modo de atribuir estrita homogeneidade de opinião a grupos étnicos minoritários (a comunidade negra, a comunidade judaica).

O termo também é utilizado de maneira populista para aludir às classes sociais subordinadas e, ao mesmo tempo, evitar o uso do jargão esquerdista. Também é empregado para evita a menção de qualquer grupo específico entre as classes pobres. Assim, as designações *rádio comunitária* e *televisão de acesso comunitário* são formas de definir esse tipo de mídia como instituições que atendem a demandas e prioridades vindas de baixo (classe trabalhadora mais²² mulheres mais grupos étnicos mais lésbicas e gays mais...). Implícita nesse uso de comunidade está a suposição de que a mídia oficial está a serviço do poder (há vários

²² O esforço se torna cada vez mais infausto, como se a classe trabalhadora fosse composta inteiramente de homens brancos heterossexuais.

conceitos sobre o modo como isso se dá) (DOWNING, 2004, p. 74 e 75).

É nas redes sociais, esse imenso espaço aberto, que as minorias encontram a possibilidade de dar vazão à sua voz e assim fazem, inundando a rede com “posts” dos mais variados, falando do público e do privado, gerando conexões das mais diversas, trocando experiências e solicitando informações, possibilidades e coisas. O exercício da comunicação cresce nas redes, não há censura nem tampouco seleção de categoria econômica. Nela todos podem se manifestar, e os jovens, que nasceram com a rede estabelecida, passeiam por ela naturalmente, é o seu ambiente, dominam as ferramentas, conhecem os atalhos e por eles caminham com desenvoltura e, assim, quebram ou abrem brechas nas barreiras invisíveis que cercam as minorias que, de alguma maneira, carregam em sua identidade a marca da marginalidade.

São múltiplas as possibilidades, Facebook, Instagram, Twiter, Whatsapp, e as plataformas se multiplicam; o “e-commerce” é uma realidade também para esse núcleo, blogueiros vão e vêm, reprocessam o que é comum na sociedade como um todo. Estão conectados sem dúvida; o que não se pode afirmar é se há vínculos advindos dessas conexões mas, com certeza, compõem a multidão virtual.

Reprocessam a liquidez que Zigmunt Baumann anunciou em seu livro “Amor Líquido” (2004), mas isso os torna iguais aos não marginais, gerando permeações que fatalmente deságuam em miscigenações. As redes neurais e os homens são porosos, como de forma clara explica Cyrulnik (1997), condição que propicia e facilita essas misturas cujo resultado pode ser uma figura híbrida:

A grande armadilha do pensamento é acreditar que o indivíduo é um ser compacto. Se nos fiarmos nas aparências, é um ser vivo que já não se pode dividir, sob pena de o matarmos. O indivíduo dividido já não existe.

Tal como as nossas palavras, os nossos pensamentos têm por função esculpir entidades e fazê-las brotar do real. Deduzimos deste conceito que o indivíduo é um objeto coerente, fechado e separado do mundo, o que é falso: “Reivindico esta aptidão que temos todos para não sermos conformes a nós mesmos, para não sermos um bloco homogêneo cuja personalidade estaria definitivamente fixada... esta possibilidade de sermos

atravessados por correntes diversas e de escaparmos ao fanatismo de identidade”²³.

Se possuímos em nós a loucura de viver, devemos procurar as situações por onde seremos penetrados pelos elementos físicos, tais como a água, o oxigênio ou os alimentos; pelos elementos sensoriais, tais como o tato, a vista de um rosto ou a vocalidade das palavras; por elementos sociais, tais como a família, a profissão ou os discursos.

O indivíduo é um objeto ao mesmo tempo indivisível e poroso, suficientemente estável para ser o mesmo quando o biótipo varia e suficientemente poroso para se deixar penetrar, a ponto de se tornar ele mesmo um bocado de meio ambiente (CYRULNIK, 1997, p. 91 e 92).

É incontestável o fato que, envidados os esforços no rompimento das barreiras socioculturais que apartam os imigrantes da sociedade na qual aportam e orbitam, há uma diminuição expressiva, propiciada pela rede, da opacidade que colore os economicamente menos privilegiados, os restritos pela cor de sua pele ou por suas orientações sexuais, e também aqueles que vieram de fora, os estrangeiros, não os ricos, turistas, filhos do “primeiro mundo”, mas todos os demais, nos quais pesa a sina de virem “roubar nossas riquezas”, “tirar nossos espaços”, “ocupar nossas vagas de trabalho” e também os que simplesmente “desejam igualdade”.

²³ F. LAPLANTINE, *Transatlantique – Entre Europe ET Amérique latine*, Paris, Payot, 1994.

3 Projeções e identificações da imigração boliviana na egrégora paulistana

De novo o vento e seus deuses, os deuses e seus cavalos. Vamos buscar nos mitos que contam essa história alguns lampejos sobre a alma nômade do homem, associada ao vigoroso e veloz cavalo, representante dos deuses do vento (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 123).

Os meios e formas de comunicação tratados ao longo deste capítulo não esgotam o tema e nem têm essa pretensão, dada sua amplitude e complexidade, mas apresentam estratégias próprias e características que revelam as necessidades dos bolivianos que imigraram para São Paulo de se fazerem pertencentes e agentes nos ambientes em que circulam, sejam estas artimanhas simbólicas, aquelas que tratam da sua identidade, ou sincronizadoras e organizadoras, que respondem pelos aspectos funcionais desta comunidade.

A consecução desses artifícios inibe, ou ao menos minimiza, os estranhamentos e tensões comuns àqueles que traspõem fronteiras geográficas, condição que lhes exige a submissão em uma nova ordem sociocultural.

Ao tratarmos anteriormente das miscigenações e hibridações resultantes das imigrações, destacamos que as mesmas embaçam a carga cultural trazida, mas não a apaga, não é perdida e esquecida; se apresenta simplificada e reduzida, mas garante a identidade da origem de quem a carrega, e é nesta dicotomia que salvaguarda sua essência. Nenhuma identidade é fixa, mas há um núcleo identitário fincado que permanece, garantindo a própria noção de identidade, ao passo que outros se transformam no transcorrer das vivências individuais em todas as esferas. O “núcleo duro” de identidade, aquele imprescindível, nesse caso se apresenta como a “identidade de origem”, visto ser para o imigrante um traço especialmente importante para sua sobrevivência psicológica em um ambiente estranho.

Levam aos países para onde imigram um extenso elenco de características que os conformam, matizadas por línguas, mitos, religiões, lendas e costumes; estes últimos se materializam em alimentos, tecidos, músicas e danças, além de, no caso específico dos bolivianos, habilidades e práticas profissionais. As

carregam para construir e alimentar essa “identidade de origem”, o núcleo fundamental de identidade, como foi dito acima.

Nas imigrações bolivianas para o Brasil, exclusivamente para São Paulo, há elementos condicionantes de lá e daqui que se completam. A pobreza e quase nenhuma expectativa de ascensão, ao menos no que concerne ao caráter financeiro, imperavam na Bolívia nos anos 1980 e 1990, situação que se manteve inalterada com relação às décadas anteriores. No Brasil, ainda que alguns analistas econômicos caracterizem a década de 1980 como “anos perdidos”, nesta e na próxima, 1990, acontecia a explosão do mercado da moda, que levou o país ao topo do ranking deste segmento.

A moda gerou em nosso país um fenômeno mercantil e industrial sui generis, transformando-o único na comunidade ocidental a dispor da cadeia completa deste mercado²⁴, e sequioso, portanto, de mão de obra barata a fim de garantir sua competitividade. No entanto, a confluência desses fatores, que aparentemente satisfaziam as duas partes, gerava e permanece ainda ocasionando antagonismos nos que chegam e naqueles que os recebem. O preconceito vivido pelos imigrantes, conforme citado nos tópicos 1.1 e 2.3, tem entre suas origens prováveis a divulgação pela mídia local da existência de exploração da mão de obra por parte de membros da própria comunidade.

As dificuldades naturais de adaptação ao novo ambiente, que exigem dos imigrantes esforços às vezes hercúleos por requererem adequações operacionais de todo tipo, do idioma à moradia, sem deixar de lado a alimentação, condições de higiene e mobilidade urbana, dentre os vários quesitos envolvidos no estabelecimento de uma nova “identidade”, somam-se a outras complementares, que na maioria das vezes lhes faltam. Dentre vários estudos que apontam as dificuldades dos imigrantes, encontramos em um texto de Milesi e Andrade²⁵

²⁴ A cadeia completa do mercado da moda compreende desde a produção de fios naturais ou sintéticos, de pigmentos e tintas, passando pelo design de estampas, tecelagem, tingimento, modelagem, desenvolvimento de marcas, corte, costura, acabamento e distribuição do produto final (GONÇALVES NETTO; BUJARSKY, 2014).

²⁵ As doze causas elencadas são: transformações ocasionadas pela economia globalizada; a mudança demográfica em curso nos países de primeira industrialização; o aumento das desigualdades entre Norte e Sul no mundo; a existência de barreiras protecionistas [comércio desigual]; a proliferação dos conflitos e das guerras; o terrorismo; os movimentos marcados por questões étnico-religiosas; a urbanização acelerada; a busca de novas oportunidades e melhores condições de vida; questões ligadas ao narcotráfico, à violência e ao crime organizado; os

(2010) um elenco de doze causas responsáveis pelo fenômeno global de mobilidade humana; dentre elas, duas seguramente se aplicam aos bolivianos imigrados para São Paulo: “a busca de novas oportunidades e melhores condições de vida”, e “questões ligadas ao narcotráfico, à violência e ao crime organizado”, condições que determinam o medo de ter que retornar ao país de origem.

O temor de ter que voltar, as ameaças comuns dos novos ambientes, a situação precária da qual saíram e as dificuldades na chegada ao novo lugar, dentre outros vários condicionantes, levam os imigrantes a se colocarem às margens. Sem documentos, sem renda comprovada, sem fiadores ou fiança, se submetem à exploração dos que os recebem; e estes, por sua vez, não os acolhem fraternalmente, mas com desconfiança, eventualmente transmutando suas peculiaridades étnico-culturais em estereótipos caricaturais. A quantidade de bolivianos “irregulares” na capital paulista, dada sua expressividade, como exposto no primeiro capítulo deste texto, por si só demonstra que vale a pena discutir as políticas públicas do Brasil no que diz respeito às imigrações.

Este enfrentamento, característico dos processos migratórios, ocupou um tanto do texto do semioticista Andrea Semprini (1999) quando este discorreu sobre “Multiculturalismo”, no qual demonstrou o alinhamento de suas ideias às de Canclini, que reforçam e dialogam com outras aqui apresentadas. Na concepção deste último (2008a), o multiculturalismo é fruto da globalização, que em uma primeira instância ocorre devido ao derretimento das fronteiras geográficas oriundo dos novos meios de comunicação, e em uma segunda, por conta dos processos massivos de migrações em curso, independentemente das razões que as colocam em movimento.

Declaradas as aspirações e aflições destes imigrantes e as de seus receptores, apresentamos o pensamento do citado autor, que trata o multiculturalismo como um elemento que estabelece a questão das diferenças das minorias frente à maioria, no que se refere ao lugar e também aos direitos que lhes são atribuídos, acolhendo ainda a discussão do problema da identidade e seu reconhecimento. Afirma que estas três áreas de problemas são imbricadas,

movimentos vinculados às safras agrícolas, aos grandes projetos da construção civil e aos serviços em geral; as catástrofes naturais e situações ambientais.

porém sem prioridade de uma sobre as outras, e que para estabelecer seus limites é necessário distinguir entre uma leitura política e outra, culturalista, própria do multiculturalismo. Determina que no primeiro caso, o lugar, a análise restringe-se explicitamente às reivindicações das minorias objetivando a conquista de direitos sociais e/ou políticos característicos contidos em um Estado nacional. Cita o filósofo canadense Will Kymlicka que, ao tratar dos aspectos centrais do multiculturalismo, trabalha com essa visão, e estabelece uma linha divisória entre minorias nacionais e grupos étnicos e expõe, a título de exemplo destas minorias, os índios estadunidenses e os catalães na Espanha, que aparecem sociopoliticamente em decorrência de processos de conquista ou incorporação. Podemos aqui recordar que na Bolívia, no transcorrer do governo Morales, houve por parte dos quíchuas acusações da criação de uma “burguesia aimará”, fato relatado na introdução do capítulo 1.

Semprini reforça que, segundo Kymlicka, para atender os ensejos dessas minorias há a necessidade de uma ampla autonomia político-administrativa, que pode chegar ao ponto da autodeterminação. Já os grupos étnicos, na opinião do referido, são resultado de um processo de imigração e formam comunidades mais ou menos homogêneas, pautadas em critérios religiosos, geográficos ou étnicos. Entende Kymlicka que, para esses grupos, nenhum direito especial deveria ser previsto, bastando um reconhecimento cultural e identitário.

Em nossa concepção, a aplicação dessa política resulta em movimentos que geram enfrentamentos entre grupos de imigrantes e as populações originais de um Estado, como vem acontecendo na França, com a rejeição de seus cidadãos às solicitações de direitos religiosos e de costumes dos imigrantes islamitas, que lutam para transformar em lei o horário de suas preces diárias e o uso da “burka” por suas mulheres.

Semprini conclui seu pensamento da forma que segue:

Uma segunda interpretação do multiculturalismo privilegia sua dimensão especificamente cultural. Ela concentra sua atenção sobre as reivindicações de grupos que não têm necessariamente uma base “objetivamente” étnica, política ou nacional. Eles são mais movimentos sociais, estruturados em torno de um sistema de valores comuns, de um estilo de vida homogêneo, de um sentimento de identidade ou pertença coletivos, ou mesmo de uma experiência de marginalização. Com frequência é esse

sentimento de exclusão que leva os indivíduos a se reconhecerem, ao contrário, como possuidores de valores comuns e a se perceberem como um grupo à parte (SEMPRINI, 1999, p. 44 e 45).

Nesta apresentação, Andrea Semprini exponencia as reivindicações comuns às massas populacionais imigradas, sejam pautadas em critérios étnicos ou religiosos, ou por aquelas que expressam sua marginalidade. Essas necessidades podem ser consideradas o marco inicial da segunda jornada destes imigrantes, estafante porém fecunda, a que os faculta “pertencerem” aos locais de seus assentamentos.

3.1 Irrupção do imaginário na metrópole

A Bolívia é um país riquíssimo em crenças, mitos e lendas, composto que moldou ao longo dos tempos o imaginário de sua população. Muitos destes elementos nasceram no seio de Tiahuanaco, outros são oriundos do povo chiquitano, há ainda aqueles que se originaram no transcurso do império incaico, e os mais recentes, que desabroçam fruto do domínio espanhol sobre a população original do país. Os imigrantes carregam esse cabedal, que é simbólico, e com ele se estabelecem, o difundem, e assim minimizam o entejo do novo lugar.

Entre as várias figuras simbólicas representativas da cultura boliviana, escolhemos três para analisarmos mais atentamente, considerando serem as que com maior frequência se manifestam e são encontradas nas produções culturais dessa comunidade, o Condor, a Pachamama e o Ekeko. São figuras que compõem o imaginário deste grupo, e a partir daí ganham forma, ou seja, imagem, condição que solicita a definição conceitual de alguns elementos que eventualmente são confundidos: imagem, imaginário e imaginação. Evocam o imaginário por meio das imagens que trazem, e este, por sua vez, habita a imaginação de cada um. São simbólicos, o que lhes reveste de força e emprestam emoção; percorrem o longo caminho do ontem, do hoje e do amanhã. Este critério de recorrência é bastante utilizado nas análises de irrupções do imaginário, chamado por Gilbert Durand (1996) de “metáforas obsessivas”.

Não são poucas as escolas que definem estes conceitos e, no caminhar por entre elas, ganharam destaque as patrocinadas por Malena Segura Contrera, Norval Baitello Jr. e as de outros autores por eles apresentados.

Ao aludirmos sobre “imagem”, uma primeira condição se apresenta, a declaração que ela pode ser endógena ou exógena. Em uma de suas explanações sobre o tema, Norval Baitello Jr. ensina que as imagens internas e externas são definidas a partir do ambiente em que se manifestam. Afirma que se trata de duas realidades desiguais:

São duas realidades profundamente distintas quando falamos de nossas imagens interiores (dentre as quais, aquelas de nossos sonhos) e quando falamos dos anúncios publicitários na tevê ou dos inúmeros painéis, *outdoors*, cartazes, anúncios publicitários em revistas, jornais, muros, postes, paredes, nas ruas, nos prédios, projetadas ou pintadas no chão. Experimentos e estudos médicos já comprovaram que nossas primeiras imagens são interiores, endógenas, produzidas ainda na vida intrauterina. Não são de natureza visual, mas de natureza tátil (BAITELLO JR., 2012, p. 111).

Imagem 31 - Inti, deus do sol da cultura inca



Reforçando estas diferenças, Baitello Jr. avança na temática ao discorrer sobre as imagens endógenas e as sensorialidades:

As imagens interiores são do âmbito do corpo, são geradas pelo corpo e se realizam dentro do próprio corpo. Como todo corpo pede corpo, as imagens endógenas também operam nesse registro: são essencialmente corporais, existem no corpo, pelo corpo e para o corpo, pedindo o corpo para serem plenas. E, como o corpo é multifacetado e multissensorial, também as imagens endógenas podem ser de diversa sensorialidade. Isso significa que elas não se restringem ao sentido da visão. Convivem dentro de nós imagens de todos os naipes: sonoras, táteis, auditivas, olfativas, gustativas, proprioceptivas e até visuais. Interessantes e pouco conhecidas do público em geral são as imagens proprioceptivas, descobertas pelo neurofisiologista britânico (e prêmio Nobel de Medicina) C. S. Sherrington na década de 1890: são as imagens internas do próprio corpo (o corpo sentindo a si mesmo sem se tocar ou se ver). A perda total ou parcial da propriocepção ocasiona uma perda da sensação do corpo. O paciente está vivo, mas não sente seu corpo ou parte dele. Como vemos, as imagens interiores são de natureza muito mais complexa do que uma simples configuração visual (BAITELLO JR., 2012, p. 113).

Edificadas as diferenças entre as imagens em sua compleição e, a partir destas, investigados os costumes e rituais dos bolivianos de São Paulo, denotamos que figuras icônicas por eles apresentadas nas esferas públicas ou privadas foram e são concebidas pautadas em referências do repertório cultural que alimenta sua imaginação, o que possibilita sua materialização, resultado de processos criativos.

Malena Contrera (2010), quando explana sobre a constituição de possibilidades criativas, aponta para o fato da necessidade de se considerar a cultura como elemento central desse processo. O entendimento de cultura nesse contexto é moldado pela junção da cumulatividade e pela ação dos arquétipos dos seres da noosfera, condições que reforçam nossa ideia de “cultura de raiz”. Para a compreensão da imagem, Malena Contrera traz uma sugestão de Antonio Damásio que contribuiu para nossa pretensão de explicar o nascimento de mitos:

[...] imagem não se refere apenas à imagem “visual”, e também não há nada de estático nas imagens... As imagens de todas as modalidades “retratam” processos e entidades de todos os tipos, concretos e abstratos. As imagens também “retratam” as

propriedades físicas das entidades e, às vezes imprecisamente, às vezes não, as relações espaciais e temporais entre entidades, bem como as ações destas. Em suma, o processo que chegamos a conhecer como mente quando imagens mentais se tornam nossas, como resultado da consciência, é um fluxo contínuo de imagens, e muitas delas se revelam logicamente inter-relacionadas (DAMÁSIO, apud CONTRERA, 2010, p. 20).

Sobre o tema, Baitello Junior expressa magistralmente que: “O mais fácil conceito é aquele que diz que uma imagem é um paradoxo, faz presente algo que está ausente” (2012, p. 85).

Ao tratar de “imagens endógenas e exógenas”, não poderíamos deixar de trazer aqui, por sua vizinhança, a cativante abertura do escrito de Francisco Varela (2014) em “O caminhar faz a trilha”:

*O grande mar
Deixou-me à deriva,
Ele me conduz como uma folha seca no grande rio,
A terra e o vento me conduzem,
Levaram-me para longe,
E conduzem minha alma em alegria.*

À semelhança de uma tocata em fuga que ouvimos ao longe, a transição do lugar em que estamos para aquele aonde vamos é ordenada por umas cordas que tocam, repetidamente, em toda a parte.

O que me comove no poema que escolhi como epígrafe é a rápida alternância entre o assim chamado interior e o exterior, entre a mente e a natureza, entre o animal e o mineral. Onde encontraremos aqui a vaidosa distância entre nós e a natureza. Não há distância, nem mesmo aquela entre uma coisa e sua imagem, o que permite questionar a fidelidade da representação de uma imagem. Portanto, o tema da *fuga* que estou ouvindo, passa por um cartesianismo dividido que visa dar vida a um mundo sem distâncias através de uma interdefinição mútua (cf. THOMPSON, 2014, p. 47).

Um resultado expressivo deste movimento de criação de imagens é o lindo mito incaico do “Condor²⁶” que, perene, habita o imaginário dos povos andinos. Sua narrativa relata que essa magnífica ave é imortal, que quando se dá conta do

²⁶ *Vultur gryphus* é natural da região dos Andes. O Condor dos Andes é uma das aves de maior envergadura do mundo, com 270 a 330 centímetros, adulto mede até 142 centímetros de altura, 100 a 130 centímetros de comprimento e pesa de 11 a 15 kg. Diferente da maioria das aves de rapina, o macho é maior do que a fêmea que pesa em torno de 8 a 11 kg. Fonte: <http://www.mundoecologia.com.br/animais/o-condor-dos-andes/>

fim de seus dias, ao perceber que suas forças se esvaem, voa para o pico mais alto da mais alta das montanhas, e lá pousa suave, recolhe suas asas, encolhe suas pernas e mergulha, se deixando cair até atingir o mais profundo dos rios, e morre; morte simbólica, pois é ela que lhe permite retornar ao ninho na montanha, renascendo resplandecente em um novo ciclo de vida.

Imagem 32 - voo do Condor-dos-Andes



Fonte: [https:// www.oeco.org.br/blogs/fauna-e-flora/28091-o-imortal-condor-dos-andes/](https://www.oeco.org.br/blogs/fauna-e-flora/28091-o-imortal-condor-dos-andes/)

A relação dos andinos com o condor é antiquíssima, data de tempos pré-incas, do império de Tiahuanaco; porém sua força e significado mitológico se manifestam presentes e estão refletidos em copiosas representações encontradas no cotidiano dos bolivianos contemporâneos, como por exemplo, em cerâmicas e tecidos. Dentre os animais que compõem a tríade sagrada dos incas, o puma, a serpente e o condor, este é o mais reverenciado. Há uma passagem no livro “Cidade dos Pássaros”, em que a autora Miriam Nasch faz uma elegia ao condor: “Este animal, cuja forma de planar deixa sem fôlego os que o conseguem ver, habita e se reproduz nos Andes...” (NASCH, 2016, p. 122).

Na tradição oral boliviana, o Condor simboliza o poder, a força, a inteligência e a saúde. No império incaico estava associado aos deuses solares e era tido como senhor do mundo superior, responsável pelo nascer do sol, ao

carregar todas as manhãs “a estrela” para além do alto das montanhas, iniciando um novo período de vida. É tido também como mensageiro de bons e maus presságios. Na contemporaneidade é símbolo nacional, além da Bolívia, da Argentina, Chile, Colômbia e Peru.

Imagem 33 - artesanato boliviano



Fonte: <https://www.google.com/search?q=cerâmica+boliviana+-+imagens&biw=1440&bih=758&tbn=isch&source>

O Dicionário de Símbolos (2017) de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant não traz a figura do Condor, porém, no verbete relativo às “Asas”, muito se explica da construção deste mito. Diz que as asas são, por princípio, o símbolo de alçar voo, da extração do peso, da liberação da alma ou do espírito para o corpo sutil. Lembra que o alçar voo é aplicado universalmente à alma em seu desejo de atingir o estado supra-individual, e que na tradição cristã as asas significam o

movimento leve e simbolizam o espírito. Faz referência às asas nos calcanhares de Hermes, escolhido por Zeus como seu mensageiro. Esse conjunto de significados dá suporte à lenda do Condor e a faz análoga ao mito de Hermes.

Imagem 34 - tapeçaria boliviana



Fonte: <http://s3.amazonaws.com/prod-masdeco-bkt/wp-content/uploads/2017/11/02165955/Imagen-DSCN2008-e1509652829629.jpg>

Para Vilém Flusser (1998, p. 28), “o caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens. Imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cena.” E por se tratar da interpretação de códigos, faz com que o receptor tenda a carregar, para o processo de análise das imagens, suas experiências, sentimentos e expectativas. Explica sinteticamente a possibilidade de haver influências em sua decodificação, dizendo que:

[...] [a análise] segue a estrutura da imagem, mas também os impulsos no íntimo do observador. O significado decifrado por este método será, pois, resultado de síntese entre duas

“intencionalidades”: a do emissor e a do receptor. Imagens não são conjuntos de símbolos com significados inequívocos, como o são as cifras: não são “denotativas”. As imagens oferecem aos seus receptores um espaço interpretativo: são símbolos “conotativos” (FLUSSER, 1998, p. 28).

Imagem 35 - cerâmica boliviana



Fonte: <http://sohxicaras.blogspot.com/2010/02/xicara-boliviana.html>

Tratada a questão da imagem, nos voltamos agora para o contexto do imaginário, diverso e amplo, que pode ser entendido como o repertório que a cultura possui acerca das experiências imateriais e simbólicas. Tudo que é criação cultural simbólica é imaginário; este é parte imaterial da cultura, é intangível. Cada indivíduo ao nascer o faz imerso no imaginário próprio de sua cultura e vai se relacionar com este de forma específica, mais ou menos individual, mais ou menos original, porém cabe ressaltar aqui que o imaginário nunca é individual, mas sim, sempre compartilhado. A imaginação é o exercício pessoal de como cada indivíduo trata e se conecta com as imagens que herda do imaginário que, por sua vez, se originam também das imagens endógenas. Os sonhos são formados por imagens endógenas tanto advindas das vivências pessoais como também por aquelas que compõem o imaginário coletivo. Assim, a pessoa pode sonhar com conteúdos míticos que nunca estudou, nunca soube, nunca conheceu ou ao menos viu, como um dragão, ou a fênix pegando fogo; estas não são imagens originadas exclusivamente da experiência sensorial, mas criadas pela alma do indivíduo, misturadas com sua percepção sensorial. Não são fieis ou subservientes à realidade, a esta percepção, o imaginário é autônomo.

Para Malena Contrera, os estudos clássicos sobre o “imaginário” contemplam vários aspectos que o fundamentam, tais como a mitologia e suas raízes culturais, dentre outras, porém lembra que as questões que dele tratam solicitam permanente atenção e atualização. Tais cuidados são oriundos de sua estrutura, “um universo vivo e pulsante, sobretudo quando consideramos as relações entre o imaginário cultural e as criações imagéticas e imaginárias dos meios de comunicação contemporâneos” (CONTRERA, 2010, p. 55).

Dada a complexidade da cimentação desse conceito, nos apropriamos novamente da ideia de Edgar Morin quando tratamos de cultura; ele faz menção à noosfera, ambiente no qual se conforma nosso entendimento de “imaginário”. Neste contexto, o termo “noosfera” refere-se às “coisas do espírito, saberes, crenças, mitos, lendas, ideias, onde os seres nascidos do espírito, gênios, deuses, ideias-força, ganham vida a partir da crença e da fé” (2005a, p. 44).

Embalada por essas definições, se apresenta também a “Pachamama²⁷”, mito pré-incaico que, no idioma quíchua, significa “Mãe Terra”, ilustração impar do imaginário boliviano carregada de sentido, representação maior da figura feminina, responsável pela fertilidade, fonte feminal da qual se originam todos os bens materiais e os meios de subsistência concedidos pela natureza, dotada dos poderes da purificação, da limpeza e do perdão.

A celebração desta figura mitológica acontece no dia primeiro de agosto, data em que seus devotos enterram oferendas em locais próximos às suas casas; panelas de barro com alimentos cozidos, folhas de coca, vinhos e cigarros a ela são destinados. Faz parte da praxe o devoto atar cordões brancos e pretos produzidos com lã de lhama em seus tornozelos, pescoço e pulsos. O ritual simboliza o pagamento à Mãe Terra por tudo que ela provê²⁸.

Há na Bolívia cerimônias celebradas por sacerdotes, em locais adequados, eventualmente em templos e, segundo entrevista concedida pela socióloga Maria

²⁷ “As Grandes Deusas Mães foram, todas, deusas da fertilidade: Gaia, Réia, Hera, Deméter, entre os gregos, Ísis entre os egípcios e nas religiões helenísticas, Istar entre os assírio-babilônios. Astarte, entre os fenícios, Kali entre os hindus. Encontra-se nesse símbolo da mãe a mesma ambivalência que nos da terra e do mar: nascer é sair do ventre da mãe; morrer é retornar à terra” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017, p.580).

²⁸ O “*Diccionario de Mitos y Leyendas*” e o livro “*LA PACHAMAMA: Revelación del Dios Creador*” (PARISACA, 1999) são ricas contribuições na pesquisa em pauta.

Poma ao portal “Diálogos do Sul”²⁹, essa tradição se estende por todo o território boliviano em virtude da migração de parte da população ocidental para as terras orientais, onde posteriormente também passaram a se realizar os rituais à Mãe Terra. Ainda conforme a socióloga citada, especialista em tradições ancestrais, as cerimônias podem ser realizadas em qualquer lugar, mas, aqueles mais arraigados às tradições, preferem oficiá-las em sítios considerados sagrados, nas cercanias de La Paz, Waraq’o, localizado no caminho a Oruro, e em La Cumbra, situada na entrada do Camino Yungas, creditado por sites de esportes de aventuras como uma das estradas mais perigosas do mundo.

Imagem 36 - esculturas da Pachamama



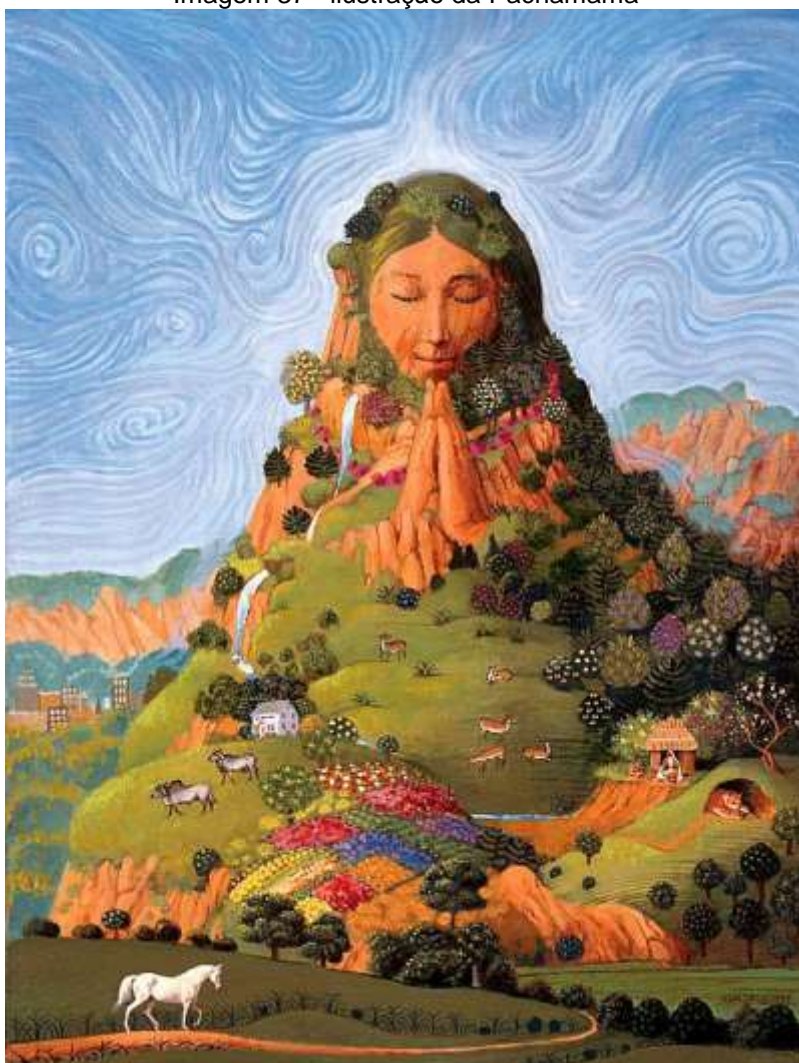
Fonte: acervo do autor, a primeira imagem, escultura de Patrícia Netto, foto por Marcelo Alt

O ambiente onde acontecem os rituais é composto por uma “mesa” montada pelos sacerdotes, com doces em forma de garrafas, pedidos com “imagens” de casas, automóveis e dinheiro, dentre outras possibilidades, e ornamentada com lãs coloridas, ervas aromáticas, nozes, pelos de gato montês (titi mullu), incensos, sebo de lhama e folhas de prata, todos envolvidos em folhas de papel para que sejam consumidos pelo fogo ritualístico. Uma curiosidade desta

²⁹ Edição de 05/08/2014. <http://old.operamundi.com.br/dialogosdosul/bolivia-celebra-mes-da-pachamama-com-oferendas-e-rituais/05082014/>

tradição reside no fato que, no mês de agosto, não devem ser realizadas cerimônias de magia negra ou de amarrações, pois a Pachamama é ciumenta e devolve a feitiçaria a quem lhe encomenda. As oferendas feitas à Deusa são símbolos de agradecimento pelo bom resultado na produção agrícola nos campos e pela prosperidade dos negócios nas áreas urbanas.

Imagem 37 - ilustração da Pachamama



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/569846159071559670>

No altar da imagem abaixo apresentada, o vaso³⁰ exposto ganha destaque por conta da centralidade, objeto que, segundo Erich Neumann, psicanalista seguidor de Jung, é carregado de valor simbólico:

³⁰ O vaso alquímico e o vaso hermético sempre significam o local em que se operam maravilhas; é o seio materno, o útero no qual se forma um novo nascimento. Daí vem a crença de que o vaso contém o segredo das metamorfoses. (CHEVALIER E GUEERBRANT, 2017, p. 931)

Se unirmos a equação corpo-mundo da sociedade primitiva, em suas primeiras e ainda inespecíficas formas, à equação básica do Feminino, mulher = corpo = vaso, chegaremos a uma fórmula universal simbólica dos primórdios da humanidade: Mulher = Corpo = Vaso = Mundo (NEUMANN, 2006, p. 49).

Imagem 38 - templo de celebração à Pachamama



Fonte: www.google.com/search?q=imagens+de+rituais+da+pachamama

Ainda em Neumann, encontramos outra menção ao vaso: “No centro do caráter elementar feminino, onde a mulher contém e protege, nutre e dá à luz, se encontra o vaso, que é tanto um atributo como um símbolo da natureza feminina” (NEUMANN, 2006, p. 111).

Para Jacques Derrida, “... da mesma forma que o modelo da pintura ou da escritura é a fidelidade ao modelo, da mesma forma a semelhança entre pintura e escritura é a própria semelhança: é que essas duas operações devem visar antes de tudo se assemelhar” (2005, p. 87).

As imagens apresentadas a seguir revelam a força simbólica da Pachamama, emprestando seu nome a atividades culturais e sociais que não se referem a celebrações à sua memória e não acontecem nas datas em que a Deusa é comemorada; transparecem, no entanto a sua exuberância no imaginário dos imigrantes bolivianos em São Paulo, condição que facilita e encorpa o

sentimento de pertencimento de que necessitam para participarem da esfera social da grande cidade.

Na Praça Kantuta, elemento distintivo deste contingente na metrópole paulistana, a Pachamama é comemorada e homenageada anualmente no transcorrer do mês de agosto.

Imagem 39 - cartaz de uma ação cultural



Fonte: <http://www.boliviacultural.com.br/port/>

Imagem 40 - cartaz de um festival de cinema



Fonte: <https://cinemadefronteira.com.br>

Por fim, neste breve discurso sobre os mitos incaicos, apresentamos o “Ekeko”³¹, deidade pré-incaica. Deus da abundância, fertilidade e alegria, credita-se sua origem ao povo de Tiahuanaco, na zona do Lago Titicaca. Originalmente era apresentado imagetivamente como um elemento do gênero masculino, corcunda e de pênis ereto. As mutações em sua imagem decorreram das adaptações pelas quais passou com o intento de torná-lo palatável aos conquistadores espanhóis, preponderantemente por questões religiosas, o que de todo não foi alcançado, na medida em que o mesmo permanece vivo, havendo sincretismo entre a celebração cristã e pagã, que ocorre no período compreendido entre os dias 25 de dezembro e 24 de janeiro. A primeira data comemora o nascimento de Jesus e a segunda faz a louvação ao Ekeko.

É comum bolivianos terem pequenas imagens (alasitas) do Ekeko em suas casas, alguns com orifícios próprios para apor cigarros em sua boca, e ao longo

³¹ Há vários livros e versões sobre essa divindade, mas uma referência para o tema, utilizado na Universidade Católica Boliviana “San Pablo”, é o livro *Tiwanaku y su fascinante desarrollo cultural; ensayo de síntesis arqueológica*, de Carlos Ponce Sangines.

do ano lhe ofertarem bebidas e dinheiro; ele não só atrai a sorte como também afasta os infortúnios. Dizem que se o cigarro queimar por inteiro os desejos se realizarão, e se não for todo consumido, alguma desgraça lhes aguarda.

Imagem 41 - o Ekeko original



Imagem 42 - alasita do Ekeko



Fonte: [HTTPS://surbatorivm1.rssing.com](https://surbatorivm1.rssing.com) Fonte: <https://br.pinterest.com>

Na Bolívia e na comunidade boliviana de São Paulo, no dia 24 de janeiro é realizada a “Festa das Alasitas³²”, evento no qual os devotos de Ekeko o revestem com as imagens em miniaturas de seus desejos, como por exemplo, se um casal deseja um filho, compra um carrinho de bebe, se quer viajar, adquire passaportes e malas, se o objetivo é estudar, leva um diploma, aliviar problemas financeiros, os dólares estão à venda; e assim transcorre o sarau, com o objetivo de que todos os objetos que o revestem sejam bênçãos que se materializem em suas vidas. Cabe aqui a ressalva que se deve adquirir as miniaturas antes das 12:00 horas e estas devem ser abençoadas por um padre católico e por um sacerdote andino (yatiri), que realiza o ritual da *ch’alla*, oferenda à Pachamama, para tornar realidade os pedidos do devoto (SILVA, 2003).

O calendário da cidade de São Paulo contempla hoje a mesma data para festejar a divindade em locais públicos, como a Praça Kantuta e o Memorial da

³² Miniaturas de objetos tais como casas, automóveis, dinheiro, máquinas de costura, passaportes, diplomas, roupas e também de animais e de frutas, cereais e outros, representando os desejos de quem os adquire, além da imagem do próprio Ekeko.

América Latina, condição bastante favorável na constituição de pertença a um grupo de imigrantes, neste caso, os bolivianos.

Imagem 43 - “alasitas”



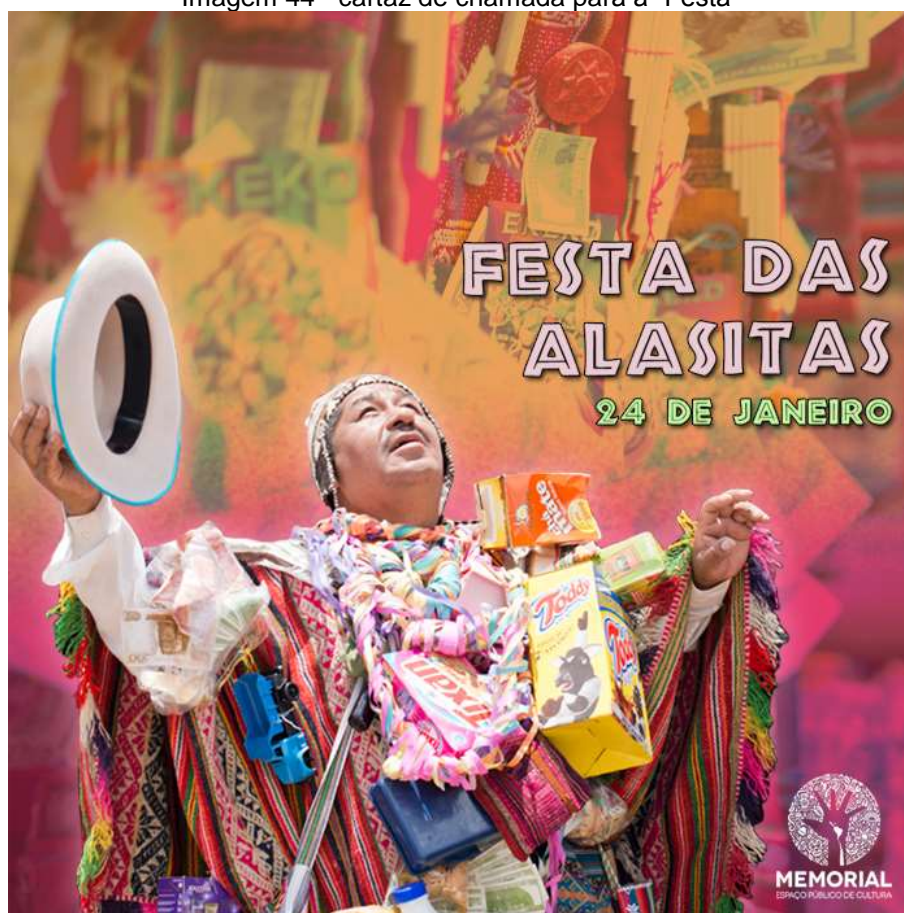
Fonte: <https://www.google.com/search?q=alasitas+-+imagens&tbn=>

A manutenção de suas origens e mitos associada à conquista de espaços públicos, indicação de reconhecimento, possibilita a estes andinos condição de se afastarem da marginalidade social, entregando-lhes o passaporte invisível da aceitação, elemento primeiro na construção da alteridade.

O vivenciar suas raízes na nova cidade é uma circunstância indelével que a eles, imigrantes, propicia, amplia e gera ressonância em suas locuções, permeando não só seus imaginários como também entregando aos nativos novas possibilidades de ver, ouvir e sonhar, elementos característicos das hibridações e das miscigenações delas decorrentes.

Logo em um primeiro momento, os imigrantes enfrentam os problemas inerentes ao deslocamento geográfico, e passam, em um segundo momento, para o desafio da criação de uma forma própria de hibridização possível e aceitável.

Imagem 44 - cartaz de chamada para a “Festa”



Fonte: <http://www.memorial.org.br/2016/01/imigrantes>

3.2 Contexto cultural na esfera pública da cidade

Pode-se considerar que, em certa medida, uma rica fonte na projeção e identificação dos imigrantes bolivianos na capital paulista reside em sua forte presença e da energia deste grupo com a cidade. Tal possibilidade decorre da necessidade não só funcional, como também identitária, desse grupamento na adaptação e práticas sociais do “novo lugar”.

Nesse processo ganha corpo a imposição, por parte de quem chega, de se assenhorar da espacialidade e da cultura do ambiente no qual está se estabelecendo. Lucrécia Ferrara (2008) define claramente o diálogo entre espaço e cultura:

Os territórios do espaço são as consequências culturais que o fazem perceptível e nos levam a perceber sua participação nos fenômenos que marcam a história ocidental clássica, anticlássica, moderna e pós-moderna. Portanto, estudar o espaço como territorialidade significa apreender o modo como, através das

espacialidades, se pode ler e interpretar a cultura que se situa entre espaço e comunicação, porque diretamente atingida por eles (FERRARA, 2008, p. 59).

O reconhecimento dos espaços públicos nos quais circulam e os elementos simbólicos que neles estão impressos são discursos não verbais que moldam a vida dos imigrantes. Sobre estes aspectos, é ímpar a contribuição de Hanno Beth e Harry Pross (1990) quando da abertura do capítulo “*Comunicación no verbal*” contido no livro “*Introducción a la ciencia de la comunicación*”:

*La expresión “non-verbal communication” designa, desde la década de los cincuenta, formas del contacto elemental humano fuera del lenguaje, tales como mímica, gestualidad, posturas corporales, las comunicaciones facilitadas por el olor y el gusto; pero también la simbología de las imágenes, las disposiciones de espacios y cuerpos humanos en aras de la comunicación, es decir, música, baile, manifestación, desfiles, protocolo y ceremonial*³³ (BETH; PROSS, 1990, p. 136).

Este processo comunicacional indubitavelmente auxilia o imigrante em seu assentamento e facilita os aspectos funcionais necessários às práticas sociais. A concentração espacial pode ser interpretada como uma estratégia de sobrevivência social ao “novo lugar”, além de atender aos preceitos que embalam o pertencimento. A afluência a bairros circunvizinhos ao centro da cidade, como Bom Retiro, Pari, Barra Funda e Brás, além de outras regiões da capital, a exemplo da zona Norte, com Vila Maria, Casa Verde e Vila Guilherme, e zona Leste açambarcando Itaquera, Tatuapé, Belém, Penha e Guaianazes, entre outros, bem demonstram esta habilidade dos bolivianos “paulistanos”.

A necessidade vital de êxito na mudança territorial exige outra, a mudança de paradigma. A esse respeito, Dietmar Kamper (2016) comenta:

A mudança de paradigma proposta por Thomas Kuhn mantém-se na linha e sobre chão firme. Para saber como ela funciona, basta olhar aqui e acolá, da esquerda à direita, o antes e o depois. Essas mudanças da perspectiva, que por longo tempo mantiveram todo um mundo em aberto, conseguem abalar e colocar em questão o acima e o abaixo. Exigem uma cabeça tranquilamente

³³ A expressão “comunicação não verbal” designa, desde a década dos anos cinquenta, formas do contato elementar humano fora da linguagem, tais como mímica, gestual, posturas corporais, as comunicações facilitadas pelo cheiro e o gosto; mas também a simbologia das imagens, as disposições de espaços e corpos humanos em áreas da comunicação, isto é, música, dança, manifestações, desfiles, protocolo e cerimoniais. (Tradução do autor)

assentada sobre os ombros e capaz de encontrar, a partir de irritações, nova estabilidade que possa sustentá-la. Mas a mudança de horizonte reivindica, por seu turno, que aqueles que a reconhecem adicionem a tudo isso um salto mortal, uma cambalhota metodológica, a fim de que possam alcançar o ponto de virada do interno para o externo, o trecho perigoso da fita de Moebius em seu processo autorreferencial (KAMPER, 2016, p. 14).

A presença boliviana é um fato consumado na capital paulista, resultado não só do fluxo migratório que se mantém volumoso e relativamente estável ao longo das últimas três décadas, condição que os elevaram à categoria do contingente mais numeroso de hispano-americanos que habitam a referida metrópole, mas também de outro aspecto fundamental que é a constituição de novas famílias, em sua maioria endogâmicas, estreitando laços e gerando raízes na cidade.

A veracidade do enraizamento desse contingente na opção feita por uma nova vida em novo lugar é facilmente verificável a partir dos aspectos organizacionais por ele conjuminados, como a criação de instituições dos mais variados matizes sociais e culturais, a exemplo da Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana "Padre Bento", uma das responsáveis pela conquista oficial do primeiro espaço público da comunidade na capital, a Praça Kantuta.

Sidney Antonio da Silva (2005) é provocante em seu texto quando descreve as causas que levaram este composto humano a obter êxito na busca por um espaço público. Relata que a praça foi uma vitória, fruto de negociações com a prefeitura e a população local, que se dizia incomodada com a presença dos imigrantes. Até 2002, a área de concentração dos bolivianos em São Paulo era a Praça Padre Bento, conhecida como Praça Pari. Os conflitos tiveram origem com o aumento da presença dos imigrantes nesse local nos finais de semana. Os residentes alegavam que começaram a acontecer episódios de violência e circulação de drogas, além do acúmulo de lixo no local. Silva (2005) narra que os moradores exerceram pressão significativa junto às autoridades municipais, que redundou na mudança do local de afluência dos bolivianos na capital paulista.

Aos olhos dos moradores locais, o espaço público estava se transformando em privado, sendo apropriado por “estranhos”, que

acabavam invertendo a ordem cotidiana das coisas, impondo um novo ritmo ao bairro e à cidade. Assim, a transferência dos bolivianos para o novo local, denominado por eles de Praça Kantuta (nome de uma flor do Altiplano), foi o caminho encontrado para resolver o conflito (SILVA, 2005, p. 40).

A conquista da praça foi um episódio marcante na trajetória dos imigrantes bolivianos, que os levou a desfrutarem da condição singular das colônias que privam do reconhecimento público municipal. Neste espaço situado no bairro do Pari, entre as ruas Carnot, das Olarias e Pedro Vicente, próximo à estação Armênia do metrô, dominicalmente São Paulo se transforma em Bolívia.

Este fato confirma a premissa de Lucrécia Ferrara (2008), quando diz que o campo dos espaços é resultado das consequências que a cultura imputa, e remete aos enfoques antropológicos, históricos e semiológicos que a partir de 1960 começam a estudar a cidade em termos de linguagem e de discurso. Nasce a ideia de cidade como texto, comenta Juliana Marcús (2011), recorrendo a Roland Barthes que, em seu livro “A aventura semiológica”, retoma a concepção da cidade como discurso, e diz que ela fala com seus habitantes, e estes falam com suas cidades. Sob esta perspectiva a cidade se apresenta como expressão e registro da cultura.

*Su construcción histórica y social deja huellas que transmiten diversos sentidos y significados y que se expresan en la trama urbana: en su arquitectura, en sus calles, en sus ritmos. Estas huellas son el resultado de las luchas por la construcción del sentido. Es decir, la ciudad se va construyendo como resultado de pujas y disputas que incluyen decisiones políticas, estéticas y urbanísticas. En definitiva, en la ciudad se pueden reconocer las tendencias sociales dominantes en cada momento histórico*³⁴ (MARCÚS, in MARGULIS et al. 2011, p. 138 e 139).

A contribuição desta autora remete àqueles que trabalham com o tema, à percepção da “cidade dinâmica”, em movimento, e capaz de transformar-se material e simbolicamente, em permanente construção e expansão. Acontece com a “praça”, que com suas barracas montadas ganha “vida”, se transmuta em

³⁴ Sua construção histórica e social deixa pegadas que transmitem diversos sentidos e significados que se expressam na trama urbana: em sua arquitetura, em suas ruas, em seus ritmos. Estas pegadas são o resultado das lutas pela construção do sentido. Isto é, a cidade se vai construindo como resultado de conflitos e disputas que incluem decisões políticas, estéticas e urbanísticas. Por fim, na cidade se podem reconhecer as tendências sociais dominantes em cada momento histórico. (Tradução do autor)

um mosaico de cores, sons, aromas e formas. Nela, bolivianos nativos e descendentes, aimarás, quíchuas ou chiquitanos se encontram e dançam, comem, riem e conversam; trocam informações das mais variadas, de empregos à educação, da saúde à segurança, estão “em casa”. O orgulho de suas raízes se manifesta, usam roupas tradicionais, cantam suas músicas, comem suas comidas e cultuam seus mitos ancestrais.

Na Praça Kantuta acontece aos domingos a “Feira” homônima, organizada e dirigida pelo Centro Folclórico Boliviano de São Paulo, outra organização responsável pela conquista do espaço. Segundo informações desta instituição, circulam por ali um número aproximado de duas mil pessoas, dentre as quais oitenta por cento são bolivianas. A par das atividades normais da feira, ou seja, o comércio de bebidas, alimentos e roupas, além dos artesanatos, peças tradicionais de decoração e enfeite bolivianos, ela é também um dos locais onde se realizam todas as festas religiosas e culturais destes imigrantes, a exemplo dos já citados “Pachamama” e “Ekeko”. Segundo Mircea Eliade (2010) o estabelecimento de qualquer cidade parte de um movimento criado de um centro simbólico e religioso, o “axis mundi”; a Kantuta para os bolivianos!!

Os logos das duas instituições que a operam levam a imagem da “Kantuta”, flor do altiplano andino, uma das duas flores oficiais da Bolívia (a outra é a heliconia rostrata, popularmente conhecida como patajú, planta nativa da região amazônica), tem as cores da bandeira boliviana, o que reforça o caráter simbólico da praça.

Imagem - 45 logo da Feira Kantuta

Imagem 46 - logo do Centro Folclórico Boliviano de SP



Fonte: <http://www.boliviacultural.com.br/classificados/products/FEIRA-KANTUTA.html>

Neste ambiente público e cultural, o calendário é conformado de maneira a abranger as datas tradicionais, portanto festivas, religiosas, míticas ou oficiais da

Bolívia, como as anteriormente mencionadas, além daquelas que celebram as das virgens padroeiras do país, as morenadas³⁵, as diabladas³⁶ (carnaval boliviano), e o dia da independência (dia da pátria – 06 de agosto), dentre outras.

O fato de venerarem duas padroeiras é outro fator distintivo da nação boliviana, dada sua originalidade. A virgem padroeira oficial da Bolívia é a Nossa Senhora de Copacabana³⁷, originária da cidade de mesmo nome, um importante porto às margens do lago Titicaca e capital da província de Manco Capac. Copacabana³⁸ é um vocábulo da língua quíchua que significa “olhando o lago”. O bairro e praia cariocas homônimos, antes conhecidos como “Freguesia da Praia do Forte”, foram batizados com o nome da virgem no final do século XVII, com a chegada de uma réplica da santa ao Rio de Janeiro, trazida por comerciantes espanhóis (há outras versões que atribuem a comerciantes portugueses o transporte da imagem para o Brasil). A data da festa litúrgica à virgem é dois de fevereiro, e o sincretismo religioso aqui também se faz presente, com a entrega de oferendas à divindade, acompanhadas com os “Ekekos” revestidos com as alesitas referentes às graças alcançadas.

A importância desta figura clemente é facilmente verificável a partir da riqueza artística e material de tudo aquilo que lhe reveste. O altar e as portas da catedral erigida em sua homenagem na cidade boliviana que lhe emprestou o nome são testemunhos desse encantamento por ela. A comunidade boliviana em São Paulo faz eco a esta devoção, e em 2014 foi inaugurado na Basílica de Santo Antônio do Pari um novo altar em sua homenagem e houve ali a entronização de sua imagem. Outra paróquia paulistana que dá voz e espaço litúrgico e social à

³⁵ A dança tem origem na época colonial inspirada nos escravos, a partir do transporte dos negros trazidos pelos conquistadores espanhóis para trabalho escravo nas minas de prata. Dançada a princípio nas zonas do planalto boliviano, onde os dançarinos vestem como negros mascarados com rasgos exagerados. A dança tem ritmo lento e passo cadente (imitando os passos dos escravos africanos acorrentados pelos tornozelos).

Fonte: <http://www.boliviacultural.com.br/port/artigo/morenada-bolivia-central-com-devocao-a-virgem-de-copacabana-em-sao-paulo>

³⁶ A Diablada ou Danza de Diablos (traduzido do castelhano, “dança de demônios”) é uma dança tradicional de Oruro, na Bolívia. Caracteriza-se pela máscara de demônio usada pelos dançarinos. É uma mistura de apresentações teatrais sobre os espanhóis e de cerimônias religiosas andinas, tais como a dança Llama Llama em honra ao deus Uru, das minas, lagos e rios. É o ritual dos mineiros aimarás para Anchanchu, um espírito das cavernas e de outros locais ermos e isolados. Fonte: <http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?lg=EN&cp=BO>

³⁷ Mais informações sobre os rituais e comemorações de Nossa Senhora de Copacabana, consultar o site da Paróquia Santo Antônio do Pari. (www.santoantoniodopari.com.br)

³⁸ Fonte: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/copacabana/>

padroeira boliviana é a Nossa Senhora da Paz, situada no baixo Glicério, antigo centro de encontro dos imigrantes devotos da entidade.

Imagem 47 - Nossa Senhora de Copacabana – altar da basílica em Copacabana - Bolívia



Fonte: <http://g1.globo.com/globoreporter/foto/0,,18197835-EX,00.jpg>

Imagem 48 - conjunto de portas da Basílica Nossa Senhora de Copacabana - Bolívia



Fonte: <https://www.dreamstime.com/stock-photo-beautifully-carved-wooden-door-basilica-our-lady-copacabana-famous-catholic-church-copacabana>

Concomitantemente à celebração da virgem e em sua homenagem, acontecem na Bolívia e na capital paulista as morenadas, nas quais a divindade é cultuada e recebe as prendas de agradecimento pelas graças alcançadas, como

citado acima. Este ritual sincrético remete a outro, os ex-votos³⁹ que, como define Beatriz H. R. Figueiredo (2015), é uma forma de comunicação entre pessoas e santos. Explana que o fiel entende o discurso elaborado a partir do ex-voto como uma ligação direta estabelecida com a santidade de sua devoção, e que esta conexão permanecerá “viva” e perpétua:

O ex-voto representa a situação de um perigo vencido (seja doença, acidente ou outra) e o agradecimento pela interferência divina. Trata-se da representação da relação do fiel com o santo de devoção, a qual não termina com o oferecimento do ex-voto. Com a construção de uma comunicação entre o céu e terra por meio do ex-voto, o santo ouvirá outras solicitações do devoto, criando-se uma relação íntima deste com o santo, na qual os pedidos são feitos e agradecidos individualmente. Não se encontra a representação do pedido de cura simultânea de diversas pessoas ou animais. O pedido é único e pontual. A representação do milagre individual repete e confirma a crença coletiva, reforçando-a a partir do momento em que o ex-voto é colocado em lugar público para que todos saibam da realização do milagre (FIGUEIREDO, 2015, p. 49).

As homenagens à padroeira realizadas pelas morenadas são revestidas de cores e músicas. É uma festa nacional reprocessada em toda sua extensão na metrópole paulistana e ganha novos espaços a cada novo ano. Inicialmente na “Praça Pari”, depois na Kantuta, em seguida no Memorial da América Latina, se expande para o Centro Cultural São Paulo, se imiscui em ambientes como a quadra da torcida organizada corintiana Camisa Doze, e em outros locais, a exemplo da Paróquia Nossa Senhora da Paz, citada neste tópico. Merece nesta festa um destaque: os ex-votos estão presentes, em um movimento mimético à luz dos conceitos apresentados por Gebauer e Wulf (2004) no primeiro capítulo deste texto.

A outra virgem cultuada pelos bolivianos é a Nossa Senhora de Urcupiña⁴⁰, proveniente da cidade de Quillacollo, região de Cochabamba, e os nativos de seu berço atribuem à diva o dom divino da profissão de milagres. Comemoram-na no

³⁹ Ex-votos são objetos oferecidos aos santos como uma forma de agradecimento do fiel por ter seu pedido atendido. Correspondentes atuais dos antigos ex-votos são as faixas espalhadas pelos postes das grandes cidades com os dizeres “agradeço a Santo Expedito a graça alcançada”. Ao fazer o pedido o fiel faz o “voto” ao santo. Ao pagar a promessa após seu pedido ser atendido, o fiel oferece então o “ex-voto” em agradecimento ao milagre recebido (FIGUEIREDO, 2015, p. 47).

⁴⁰ Mais informações sobre os rituais e comemorações de Nossa Senhora de Urcupiña, consultar o site da Paróquia Santo Antônio do Pari. (www.santoantoniodopari.com.br)

dia quinze de agosto, e as festas e homenagens realizadas para a Nossa Senhora de Copacabana se reprocessam com esta virgem. Altares são compostos em sua consagração, morenadas e procissões se realizam, é a tradição trazida de lá para cá; a cultura nativa destes imigrantes se dissemina, gera ressonância e se enraíza, parindo novas hibridações, condição essencial ao senso de pertencimento.

Imagem 49 - altar em homenagem a Nossa Senhora de Urcupiña – Paróquia Nossa Senhora da Paz



Fonte: <http://santoantoniopari.com.br/>

3.3 Fluidez nos veículos da língua espanhola no entrecho da convivência

Ao longo do primeiro capítulo deste texto foram tratadas as questões relativas aos hibridismos, miscigenações e aculturação dos bolivianos em São Paulo, e no segundo, que percorre a trilha das mediações culturais necessárias a estes migrantes, e muitas vezes por eles promovidas, emerge um tema de relevância para esta tese: a linguagem. Edgar Morin, a quem voltaremos a recorrer, faz o seguinte comentário sobre a linguagem:

A linguagem já abriu porta à magia: desde o momento em que toda a coisa chama imediatamente ao espírito a palavra que a designa, a palavra chama no mesmo instante a imagem mental da coisa que evoca, conferindo-lhe mesmo que seja ausente, a presença (MORIN, 1984, p. 113).

A proximidade das línguas espanhola e portuguesa gera, aqui e lá, uma mistura que permite entendimento entre aqueles que têm uma ou outra como idioma materno, o “portunhol”. Esta corruptela linguística possibilita aos paulistanos nativos e imigrantes a comunicação social, o diálogo em praça pública, locais por onde todos trafegam, propiciando interações das mais variadas, sejam comerciais ou pessoais. Nos lugares onde há concentração de bolivianos na capital paulista, a língua espanhola, a portuguesa e o “portunhol” se apresentam juntos e misturados gerando uma polifonia inteligível a todos. Cartazes na Praça Kantuta demonstram esse processo que gera aculturação àqueles que a frequentam, bem como acontece com as músicas e cardápios entoadas e expostos na língua espanhola.

Imagem 50 - cartaz na Praça Kantuta



Fonte: <http://www.28mm.com.br/2011/08/17/humanos-produto-exportacao/>

Edgar Morin (2008) dedicou um capítulo de seu livro “O método 4 – as ideias, habitat, vida, costumes, organização” à linguagem, no qual faz a seguinte abertura:

Polivalente e polifuncional, a linguagem humana exprime, constata, transmite, argumenta, dissimula, proclama, prescreve (os enunciados “performativos” e “illocutórios”). Está presente em todas as operações cognitivas, comunicativas, práticas. É necessária à conservação, transmissão, inovação culturais. Consustancial à organização de toda a sociedade, participa necessariamente da constituição e da vida da noosfera (MORIN, 2008, p. 197).

No terceiro livro de sua obra maior, “O Método”, Morin (2015) afirma que a linguagem faz o homem, e que ela é necessária na construção da cultura. Essa afirmação do autor remete ao fato que a cultura é o elemento chave na composição da pertença e, portanto, a linguagem também conforma esse processo. Para Christoph Wulf (2005), o significado da linguagem para a antropologia pode ser resumido da maneira que segue:

- É através dela que o ser humano torna-se humano, o que ocorre somente a partir do momento em que se é capaz de falar. É por isso que não se pode reduzir a importância da linguagem dizendo que o homem a inventa para se aperfeiçoar.
- A linguagem permite aos seres humanos se expressar e viver em comunidade. Sem ela, o ser humano careceria de um meio de expressão fundamental, e não seria um ser social.
- Cada língua corresponde a uma concepção específica do mundo que é inelutável. Fora de uma língua e de sua concepção específica de mundo, o indivíduo perde seu ponto de vista e não pode tomar posição. A língua atua como mediadora entre o indivíduo e o mundo (WULF, 2005, p. 61).

Imagem 51 - cartaz exposto na Praça Kantuta



Fonte: <https://kekanto.com.br/biz/feira-boliviana-praca-kantuta/fotos>

Claude Lévi-Strauss (2012), ao discorrer sobre a linguagem, afirma que a mesma surgiu muito cedo no desenvolvimento da sociedade e que a escrita data de muito tempo, fatos que se confirmam por documentos disponíveis em linguística indo-europeia, semítica e sino-tibetana com idade de quatro ou cinco mil anos. Declara ainda que “...de todos os fenômenos sociais, a linguagem é o

único que parece atualmente prestar-se a um estudo realmente científico, que explique o modo como se formou e preveja certas modalidades de sua evolução futura” (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 91).

Nas áreas de concentração e nos meios de comunicação de bolivianos em São Paulo pode se verificar e confirmar a essência dos conceitos e fundamentações apresentados por estes três autores. Como diz Morin, a linguagem humana em sua polivalência e polifuncionalidade está presente nas operações comunicativas, assim como nas outras citadas, na conservação e imanência da cultura destes imigrantes, a exemplo do que acontece na Praça Kantuta, ou ainda nas festas típicas em grandes centros culturais da capital, como o Memorial da América Latina, fatos que legitimam a sua afirmação que a linguagem é necessária na construção da cultura. Os pressupostos de Wulf são verificáveis também nestes ambientes e nos vários meios de comunicação utilizados por esse contingente humano, caso das rádios e jornais da comunidade, além dos novos meios digitais, a internet, na qual sites e blogs proliferam na língua espanhola, portanto mediadora entre estes indivíduos e o mundo, mantendo seu ponto de vista original, o que lhes permite a possibilidade de crítica. Finalizando, Lévi-Strauss se manifesta profético na ênfase dada à linguagem, quando diz que esta é o único fenômeno social que pode explicar o modo como a sociedade se desenvolveu e que possibilita a previsão de futuras evoluções da espécie humana.

Nas morenadas e diabladas, nas missas realizadas nas duas basílicas citadas no subcapítulo anterior, nos cartazes de chamadas para as comemorações da comunidade e em outras várias situações o idioma espanhol é dominante. Língua pátria dos bolivianos, o espanhol é utilizado nas mais variadas situações, seja por conta da identidade que o idioma empresta a esse grupo, ou ainda pela facilidade de entendimento do mesmo por parte daqueles que têm o português como língua materna. A língua espanhola escrita em cartazes, folhetos, placas, cardápios ou programas culturais levados a cabo em ambientes comuns a estes imigrantes não apresenta alto nível de dificuldade em seu entendimento por parte daqueles que dominam o português e se interessam por suas atividades. De shows a campanhas de esclarecimento e engajamento social, o idioma hispânico está presente.

Imagem 52 - cartaz de chamada para uma comemoração do Ekeko



Fonte: <http://www.planetaamericalatina.com.br/artigo/festa-boliviana-de-alasita-2018-no-memorial-da-america-latin>

Imagem 53 - cartaz de um grupo de morenada



Fonte: <http://www.boliviacultural.com.br/port/artigo/festa-do-6-aniversario-dos-tinkus-jairas-em-brasil>

Ações sociais voltadas aos direitos das mulheres, contra o trabalho infantil, contra a violência doméstica, pela igualdade de gêneros e outras que permeiam a mídia contemporânea são contempladas e voltadas a este grupo imigrante, entregando-lhes indiretamente igualdade com a sociedade receptora, os paulistanos. E vão se moldando e conformando neste mosaico multifacetado e

infinito gerador das hibridações, um exemplo concreto do multiculturalismo defendido por Canclini (2008a) e das mediações cartografadas por Martin-Barbero (2004).

Imagem 54 - campanha em site da comunidade



Fonte: <http://www.boliviacultural.com.br/port/artigo/morenada-bolivia-central-com-devocao-a-virgem-de-copacabana-em-sao-paulo>

Imagem 55 - publicidade de APP em site da comunidade

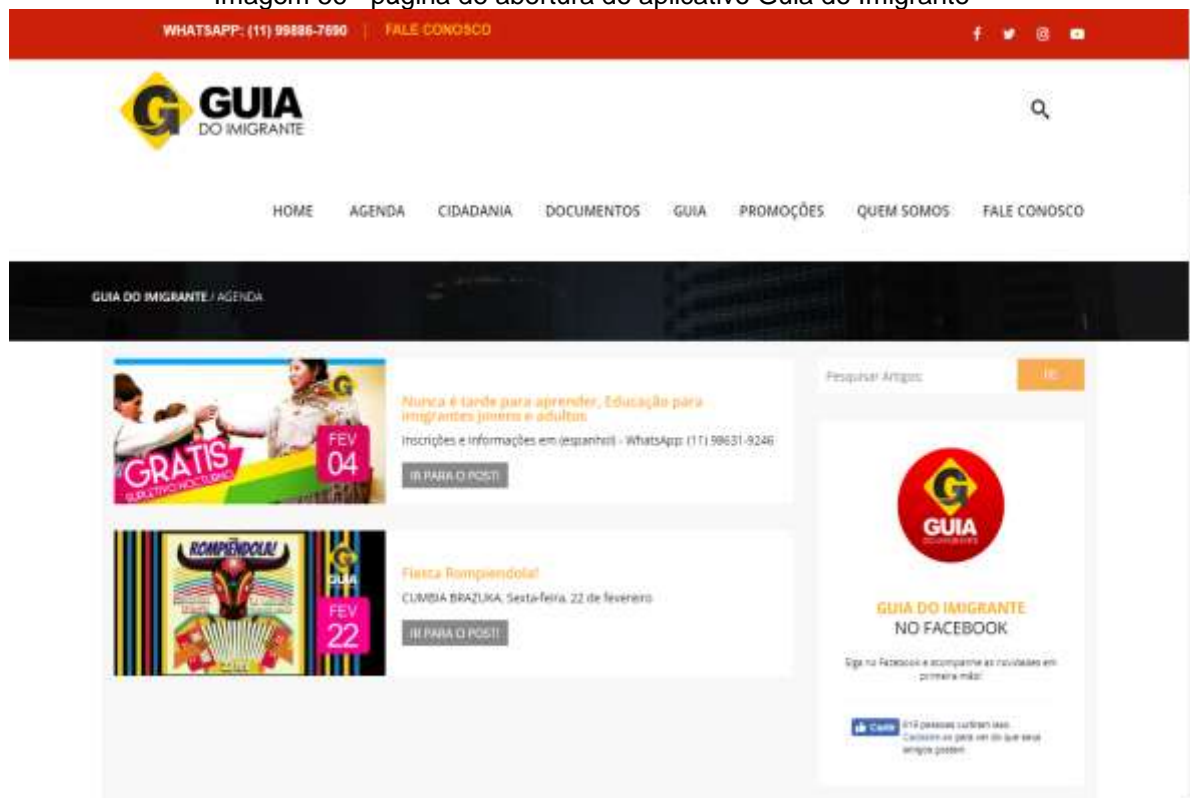


Fonte: <http://www.boliviacultural.com.br/port/artigo/morenada-bolivia-central-com-devocao-a-virgem-de-copacabana-em-sao-paulo>

Aplicativos como o exposto, de grande valia para os imigrantes, misturam os idiomas português e espanhol, utilizando o primeiro em seu sistema operacional e apresentando serviços e propagandas nas duas línguas. O site do

aplicativo reprocessa este fato em seu tutorial de navegação, e dado seu tempo de permanência no mercado, no ar desde 2017, o uso do idioma português aparentemente não incomoda seu público alvo, os imigrantes.

Imagem 56 - página de abertura do aplicativo Guia do Imigrante



Fonte: <https://www.guiadoimigrante.com.br/>

A diversidade das línguas utilizadas pelos bolivianos em São Paulo, e nesse sentido se inclui o portunhol, vai dando corpo a uma “outra” cultura, que se enraíza, ganha força e perenidade, e permite fluência no trânsito social deste contingente, enriquecendo o já espesso mosaico cultural que conforma a capital. Em uma entrevista dada à revista CULT, em março de 2007, Edgar Morin explicita a necessidade destas miscigenações:

Aqueles que enxergam somente a unidade humana não veem a diversidade e vice-versa. Para mim, todos os seres humanos têm um ponto em comum, que é a cultura. Essa cultura humana, porém, só pode ser observada/conhecida por meio de diferentes culturas. Então, é necessário ligar ou reunir a unidade e a diversidade (MORIN, 2007, p. 14).

4 Resiliência da imigração boliviana em São Paulo – o papel da empatia

É a esse imaginário arquetípico que podemos recorrer para propor novas formas de imaginar o mundo; esse é certamente o motivo pelo qual somos capazes ainda de, às vezes, nos reinventarmos (CONTRERA, 2010, p. 131).

Estar, ser e pertencer; neste triunvirato reside o bem estar das pessoas. Para pertencer é necessário ser semelhante e para tanto é preciso estar junto. O “estar junto” promove a mimese, condição declinada por Gebauer e Wulf (2004) já exposta neste texto, o que por sua vez gera a “semelhança”. Para “estar junto”, a linguagem é determinante, como demonstrado no capítulo anterior, e esta é conformada pelos aspectos que definem “cultura”, como vimos com Morin e outros, que por sua vez são decisivos na composição das imagens. As imagens ulteriores derivam daquelas formadas nos ambientes endógenos associados aos exógenos do ser humano, condição declinada por Contrera (2010), e estas são as apresentadas pelos imigrantes bolivianos nos locais em que se concentram, carregadas de elementos da sua cultura de origem, estratégia usada pelos que chegam a um novo lugar na tentativa de gerar empatia por parte daqueles que os recebem. Na prática, o que ocorre é que muitos dos bolivianos que por aqui residem, jovens ou não, quando vão aos seus locais consagrados se vestem com trajes que carregam em seu imaginário cultural, aqueles utilizados no país de origem, que na medida em que são expostos passam a caracterizá-los, difundindo no novo lugar o que é próprio do “seu lugar”, promovendo no imaginário da população local uma imagem identificatória de “boliviano”; o mesmo ocorre com as músicas e danças apresentadas na Praça Kantuta, que envolvidas pelos aromas desprendidos de seus pratos típicos, com suas barracas coloridas ofertando produtos próprios desse povo, criam uma atmosfera que nos remete à nação andina.

Nestes locais de convivência, na busca por empatia junto à população local, é que os vínculos entre os membros da comunidade imigrante se estreitam e, como diz Frans de Waal (2010, p. 29), “O vínculo é um elemento essencial para a nossa espécie. Não há nada que nos faça mais felizes”. Explica que “a busca da

felicidade é antes de tudo um estado de satisfação das pessoas com a própria vida” (2010, p. 29), e afirma que “Não é o dinheiro, o sucesso ou a fama o que mais faz bem às pessoas, mas o tempo que elas passam com os amigos e a família” (2010, p. 29). “Estar em” um novo lugar explicita a necessidade de “estar com as pessoas” desse lugar, determina a vida social e exige a convivência segundo os ditames desse território. Boris Cyrulnik sugere que para “estar em” um lugar é preciso “estar com”, e que a linguagem altera o estado das coisas:

A necessidade de *estar-com* é de ordem biológica para todos aqueles que precisam que uma outra os segure para se desenvolverem. Esta pressão para *estar-com*, pura e simplesmente para viver, diz respeito a um grande número de espécies em que é transmitida pela sensorialidade do mundo. Todavia, o aparecimento da linguagem modifica a natureza do ambiente. Assim que um homem fala, prossegue os desenvolvimentos orgânicos e sensoriais, pela expansão da consciência, num mundo doravante estruturado pelos relatos. O *estar-com* passa o tempo a mudar de natureza, visto que, em cada fase da construção do aparelho mental, acrescenta uma nova aptidão para ser enfeitado (CYRULNIK, 1997, p. 8).

Imagem 57 - evento na Praça Kantuta



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Feira_andina_na_Pra%C3%A7a_da_Kantuta,

Vai ficando impregnada neste texto a imprescindibilidade da linguagem, elemento fundamental da comunicação, seja entre sociedades já estabelecidas, que se formaram e que para tanto nela se apoiaram, ou para aqueles que chegam para participar dessa “irmandade”, os imigrantes. Antonio Gramsci, preso e,

portanto, isolado da sociedade, se manifesta: “linguagem significa também cultura e filosofia” (GRAMSCI, 1999, p. 398), e esta deve ser interpretada como um campo de força ideológica onde entram em disputa os interesses de diferentes grupos sociais, os que estão e os que chegam. Fica claro aqui que linguagem não é apenas a oralidade ou a escrita, mas todo o conjunto de expressões que resultam em um modo de ser e de viver na sociedade: a imagem, a música, a poesia, o teatro, o cinema, a literatura e a arte em geral, ou seja, todas as manifestações simbólicas que se ampliam e se modificam constantemente a partir de e com as novas tecnologias de comunicação. Tudo isso é linguagem. Oportunol pode ser visto como uma nova linguagem, que cria não apenas um movimento de transformação social, mas gera uma mudança possível no modo de pensar e de sentir não só dos imigrantes, mas também dos paulistanos.

Lucrécia Ferrara (2018) diz que globalização e mundialização são neologismos na determinação de um mundo novo e contempla os imigrantes em sua afirmação, na exata medida em que os mesmos reprocessam no novo lugar os costumes e tradições que trouxeram da terra natal, solicitando serem vistos e entregando a riqueza de suas origens, seja apoiados pelas mídias novas ou tradicionais, ou ocupando espaços públicos reconhecidos pela comunidade em que desembarcam.

Na globalização, o mundo é uma imensa cidade produzida pela colagem de outras cidades pequenas e grandes, reconhecidas e desconhecidas, diferentes e parecidas: esta cidade fantástica é o megamundo tecnológico das metrópoles mediadas e produzidas pela relação complexa de múltiplas características econômicas, sociais e culturais (FERRARA, 2018, p. 109).

Na busca incessante pela pertença, os imigrantes vão promovendo esta troca infinda de cultura, que envolve os aspectos que vão do vestir ao cantar, do comer ao rezar, engrossando nos locais em que chegam o caldo daquilo que Amálio Pinheiro (2009) define como mestiçagem e Canclini (2008b) como hibridação. Para Morin: “Há fenômenos de mestiçagem, que não são fenômenos de homogeneização, mas de criação de nova diversidade, como demonstra muito bem a civilização brasileira, em que sínteses culturais fazem seus intercâmbios” (2007, p. 42). Percebe-se uma interessante condição própria das imigrações, que é o fato da necessidade de manutenção das tradições originais aonde chegam, ao

passo que estas se modificam naturalmente no local de origem, transformando o “original” em “folclórico”, a exemplo dos restaurantes de “comida mineira”, ou de “cozinha caipira” que pululam na cidade, embora possam não ser mais usuais em seus berços. Uma possibilidade de explicação para este fenômeno é que as pessoas quando imigram sentem a premência de preservar suas tradições e costumes com o objetivo de manter e fortalecer suas raízes, enquanto que aqueles que permanecem em sua terra natal promovem, aceitam e participam das mudanças que ocorrem naturalmente, sem que isso lhes traga uma sensação de estranhamento ou desenraizamento. Sobre cultura, Baudrillard afirma: “A cultura contradiz todo capital genético. É o golpe do encanto, a ação brilhante que contradiz a biologia, a hereditariedade, etc., e resume toda uma dinastia numa geração” (BAUDRILLARD, 1987, p. 63).

No caso dos imigrantes bolivianos, a Praça Kantuta atende estrategicamente a dois recursos de sobrevivência social que Eibl-Eibesfeldt (1977) classificou como “vínculo pela proteção” e “vínculo pelo medo”. Em seu estudo o autor diz que a chave do desenvolvimento das aproximações individuais e cooperações possíveis destas reside no fato que todos os animais que vivem em grupos individualizados têm em comum o comportamento a serviço do vínculo. Afirma que a união oferece inúmeras vantagens aos animais gregários, e utiliza como exemplo os peixes, que são dependentes da multiplicidade e independentes a partir do conhecimento do estabelecimento social e do vínculo à sua classe, posto que os mesmos não reconhecem seus próximos e, quando destes se afastam, tornam-se vulneráveis a quaisquer predadores que se apresentem. A ideia é que, em um cardume, não representem alvo fácil ou possível a um predador. Esse comportamento grupal deixa evidente a motivação plausível pela proteção, o que analogamente podemos verificar em outras espécies, inclusive nos humanos e, neste caso explícito, nos imigrantes, que se reúnem em espaços específicos formando um bloco uno, visível e forte. Segue em seu texto explicando que as crianças, quando têm medo, buscam suas mães, um ambiente seguro, pois ali se sentem protegidas. Similarmente, buscamos proteção entre aqueles que entendemos como mais poderosos e, nesta situação, Eibl-Eibesfeldt faz uso de uma metáfora onde, em caso de perigo, os mais fracos se “unem” a potências mais fortes, ainda que estas apresentem traços estranhos

aos que delas se aproximam. Pode-se dizer que neste cenário há um “vínculo pelo medo”; este tipo de vínculo só é utilizado politicamente quando se trata de afastar as atenções de dificuldades internas e de fortalecer a um grupo, sinalizando, por exemplo, a um inimigo comum que pressupostamente o ameace e, neste caso, os imigrantes bolivianos fazem coro aos locais por melhores condições de transporte ou de direitos trabalhistas, dentre outras manifestações de que esse contingente participa. É a circunstância das campanhas emancipatórias e pelos direitos da mulher.

Imagem 58 - pôster de campanha pelos direitos da mulher



Fonte: <http://www.boliviacultural.com.br/port/artigo/morenada-bolivia-central-com-devocao-a- virgem-de-copacabana-em-sao-paulo>

Por esta trilha normalmente tortuosa, às vezes nem tanto, seguem os imigrantes bolivianos em São Paulo, gerando miscigenações, promovendo hibridações, parindo “nova cultura”, em busca de pertencimento, de uma “nova identidade”, sem que esta lhes agrida em sua propriocepção, mantendo vivas suas origens, condição necessária ao seu bem estar.

4.1 Iconoclastia da imagem dos bolivianos no Brasil

Nas mais variadas pesquisas sociológicas e antropológicas subjazem preconceitos velados ou não contra as minorias; Darcy Ribeiro em “O povo brasileiro” (2006) e Sérgio Buarque de Holanda em “Raízes do Brasil” (1995), dentre os brasileiros, Claude Lévi-Strauss (2012) antes citado neste texto e Franz

Boas no livro “Antropologia Cultural” (2003), entre pesquisadores estrangeiros, nomes prestigiosos nestes campos do saber, apontam esta circunstância em suas obras. Os imigrantes compõem o universo das minorias, portanto o preconceito se faz presente em suas situações de estar e de participar das sociedades em que se estabelecem.

Uma matéria do jornal O Globo, publicada em 10/12/2010, que nos dias de hoje é pertinente e alinhada com o Governo recém-empossado, traz à tona um pouco dos preconceitos que os bolivianos enfrentam em São Paulo. O jornalista Aduari Antunes Barbosa relata em sua reportagem algumas situações comuns vividas por estes imigrantes, como revela a costureira Rosária Mancila, natural de Oruro, residindo há cinco anos na capital paulista: “De vez em quando alguém fala assim – vai para sua terra, vai embora daqui”. Em outro depoimento, Miguel Jimenez Gonzalo, de Santa Cruz de La Sierra, reticentemente conta que já viu brasileiros xingando bolivianos - “Falam palavrão, coisa feia, a gente nem sabe direito o motivo”. Essa matéria ganha relevância em função da dimensão numérica da população boliviana vivendo em São Paulo, com a qual se trabalha com base em duas vertentes: uma com clara subestimação por parte do censo oficial e outra com aparente superestimação nos números apresentados por entidades não governamentais, a exemplo da Pastoral do Migrante de São Paulo, que apresenta números já exibidos nos primeiro e segundo capítulos desta tese. Frente ao número de 500.000 imigrantes estabelecidos em São Paulo indicado informalmente pela Pastoral, ainda que se desconsidere a “título de exagero” 20% deste grupo, estaremos tratando de uma massa considerável de 400.000 pessoas que se defrontam “eventualmente” com a questão do preconceito.

Rosana Baeninger, organizadora do livro “Imigração Boliviana no Brasil” (2012), escreve um dos capítulos em parceria com Szilvia Simai, denominado “Discurso, negação e preconceito: bolivianos em São Paulo” (2012, p. 195), no qual discorrem sobre a carga preconceituosa que estes imigrantes suportam em seu intragrupo. Aqueles que chegaram há mais tempo, que atuam em atividades liberais, sendo portanto mais bem equipados para o mercado de trabalho entendem que a recente onda de imigração, composta por pessoas academicamente despreparadas e que não apresentam especialização alguma enquanto mão de obra é responsável por denegrir a percepção que os anfitriões

têm sobre a comunidade e sentem medo da generalização possível dada a dimensão do grupo. Se desenha assim a dificuldade que enfrentam os atuais imigrantes, tendo que fazer frente a preconceito por parte da população local bem como de seus “iguais” que chegaram há mais tempo.

É corriqueiro encontrarmos em livros, jornais e revistas o discurso que prega que “o brasileiro não tem preconceito, é um povo afável e receptivo com os estrangeiros”. Uma pesquisa divulgada pela ONU em novembro de 2010, apresentada no Relatório do Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) é contundente ao desmentir esta noção, transformando-a em falácia. A referida pesquisa aponta que 43% da população brasileira, ou seja, quase a metade, é a favor de limitar e proibir as imigrações. Outros 45% desejam que o governo só permita o ingresso de estrangeiros se houver vagas de empregos disponíveis para absorver esse contingente.

Na mesma edição de O Globo (10/12/2010), o jornalista José Meirelles Passos mostra a incongruência do discurso da maioria de brasileiros que esbraveja, condena e considera absurdas as restrições à imigração impostas pelos Estados Unidos e por países europeus, posto ser esta mesma maioria favorável à aplicação de medidas tão restritivas como as apresentadas pelos países citados. O mesmo relatório aponta que apenas 9% dos brasileiros são favoráveis à liberação da entrada de estrangeiros no país com o intuito de se estabelecer em nosso território. A matéria traz ainda um depoimento de Helen Clark, administradora de referido programa da ONU, no qual relata que sua equipe de técnicos constatou que o assunto “imigração” é comumente abordado pela mídia de maneira a torná-lo impopular. Avalia que esse comportamento se deve basicamente à xenofobia e ao preconceito e diz que estereótipos negativos que representam os imigrantes como pessoas que vêm para roubar empregos ou viver às custas dos contribuintes abundam na mídia e compõem parte da opinião pública, principalmente em épocas de recessão.

No mês de maio de 2018, o Jornal da USP apresentou uma reportagem intitulada “Estrangeiros em SP vivem entre limites, discriminação e conquistas”,

na qual a socióloga Maura Véras⁴¹ discorre sobre a importância do tema e diz que “Nossa preocupação está em analisar o cruzamento das fronteiras étnico-culturais e o enfrentamento do outro”, pois os imigrantes e os refugiados lidam com o choque cultural, muitas vezes dramático. A autora exemplifica com o estatuto jurídico do imigrante, “pois ele perde os direitos sociais de seu país de origem e, no novo ambiente, é considerado estrangeiro”. Interpretar o fenômeno da migração é analisar as “múltiplas relações entre os imigrantes com seus locais de origem e de destino [...] É época de transição, em que inúmeras possibilidades se descortinam, se possível em busca de uma cidadania global, transformando circulação em liberdade”.

Para fazer frente a esta dificuldade que lhes é inerente, os imigrantes, neste caso os bolivianos, traçam, conscientemente ou não, estratégias que minimizam estes preconceitos e lhes conferem alívio no estranhamento por eles gerado. A mimese, comportamento humano apresentado por Gebauer e Wulf (2004) e abordado neste texto no primeiro capítulo, é uma das formas que os bolivianos utilizam para se misturarem à população local, reprocessando seus hábitos e costumes quando se encontram no território comum, não despertando, portanto, a rejeição que molda o preconceito em qualquer de suas formas. Introjetam os hábitos dos paulistanos em sua rotina diária, seja na maneira de vestir, nos horários em que se alimentam, no uso das tecnologias, nos locais por onde circulam, assim como também nos serviços que consomem, de bancos a transporte urbano; na medida em que estão juntos e misturados, se fazem iguais, comuns e invisíveis, o que lhes poupa do desconforto característico gerado pelos preconceitos. O estar em um novo lugar desperta nas pessoas uma sensação de estranhamento que é natural, decorrente dos choques culturais inerentes às mudanças impostas aos hábitos de quem migra, mas ao se misturarem escapam do peso que o preconceito impõe ao diferente. Hermes, o deus grego lembrado no mito do Condor, objeto tratado no terceiro capítulo desta tese, novamente se faz presente ao emprestar a estes imigrantes seu capacete da invisibilidade.

⁴¹ Maura Pardini Bicudo Véras – Professora titular de Sociologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e membro do grupo Diálogos Interculturais do IEA-USP.

Os processos da mimese social são sensíveis. Eles ocorrem com ajuda da percepção, mas não se limitam à *aisthesis*. Eles estendem-se ao mundo da representação interior, da imaginação, no qual eles produzem a ligação entre o exterior e o interior na medida em que eles transportam o mundo externo ao mundo interno. Por meio deste processo a mimese desenvolve o seu significado para o social, para a educação e socialização (GEBAUER; WULF, 2004, p. 145).

Imagem 59 - um domingo na Praça, bolivianos e paulistanos, juntos e misturados



Fonte: <https://historiasdopari.wordpress.com/2011/03/13/kantuta-a-bolivia-em-sao-paulo/>

A descrição desse processo nos remete à ideia que há, ainda que sutil, uma transformação na identidade destes imigrantes, pois um tanto do repertório de seu imaginário se mantém, condição conclamada por Morin como Noosfera, mas algo se perde por influência da Mediosfera, que Malena Contrera diagnostica como uma patologia social e descreve um de seus sintomas da forma que segue:

A proliferação de imagens exógenas que vemos nos ambientes urbanos (seja no ambiente das cidades, seja nos ambientes virtuais) cataliza todo nosso tempo e energia, e consequentemente temos dada pouca atenção às imagens endógenas. Basta considerarmos o tempo que dedicamos à televisão, à internet, à telefonia em geral, e o tempo que dedicamos ao sonho, aos relatos ou registros de sonhos, ao devaneio, ao ócio, à contemplação, à meditação, à dança ou à prática de alguma arte corporal (práticas de geração de imagens interiores, sômato-motoras⁴², conversas com o inconsciente e aberturas ao acaso – ginástica mecânica não vale) (CONTRERA, 2010, p. 58).

⁴² Este termo é proposto por A. Damásio (*O mistério da consciência*), mas essa noção já havia sido proposta claramente por F. Varela ao se referir aos processos enactivos (*Sobre a competência ética*).

A análise do cenário exposto possibilita a interpretação que os imigrantes em geral apresentam dupla sociabilidade, uma externa, impactada pelos fenômenos acima descritos, e outra interna, que se reafirma no território consagrado, a exemplo do bairro da Liberdade para a colônia japonesa e, neste caso, a Praça Kantuta para os bolivianos, na qual revisitam suas origens em festas, rituais e mesmo nos finais de semana em que não há programações especiais, mas a presença de imagens simbólicas reveste sua imaginação, e reverbera apoiada nos variados meios de comunicação, conforme está descrito no segundo capítulo deste texto.

O estar na praça, partilhar o tempo, olhar sua lembrança, vivenciar seu imaginário é um ritual, e Edgar Morin (1984) a ele se refere como um artifício do homem na busca por diálogos com seus próximos, receptores desejados de suas mensagens:

A etologia já nos revelou a existência de rituais animais, que são sequências de comportamento simbólico, tendo por finalidade desencadear uma resposta por parte de um receptor exterior. É próprio do ritual mágico, no *Homo Sapiens*, dirigir-se não só diretamente aos seres dos quais espera uma resposta, *mas também às imagens ou símbolos*, que se supõe localizarem neles, de certa maneira, o duplo ser representado (MORIN, 1984, p. 113).

Imagem 60 - festa típica na Kantuta



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/132115055@N04/29079536272>

A imagem acima contempla uma cena de dança, simbólica para os bolivianos, condição que os coloca em uma zona de conforto, é sua tradição sendo vivenciada e partilhada não só com seus pares, mas com outros, como demonstra a cobertura da barraca que aparece ao fundo da cena, com bandeiras de países sul americanos de língua espanhola, em uma demonstração clara de empatia com seus assemelhados, também imigrantes.

4.2 Empatia e comportamentos simbólicos da pertença

Pertencer a um grupo implícita pertencer a um lugar, e estas condições são buscas permanentes dos imigrantes, pois nelas reside a possibilidade de se sentirem plenos em seu tráfego pelo novo lugar, seja no que diz sobre suas moradias, rotinas diárias, trabalho, educação, saúde e lazer. Conquistar espaço para dar vazão às suas tradições e poder externar suas crenças são objetivos permanentes e necessários na construção da sensação de pertença.

Em apenas trinta anos, a imigração boliviana para a capital paulista se consolidou como uma importante área de estudos, produzindo e suscitando literatura parruda. Uma característica dessa onda imigratória é a concentração dos bolivianos recém-chegados no segmento de confecções, produzindo um novo composto demográfico e preocupações geográficas com a cidade, em decorrência da espacialidade por eles ocupada. A par do relatado episódio da Praça Padre Bento no item 3.2 deste escrito, pouca tensão é reportada entre brasileiros e imigrantes bolivianos. A concentração do mercado de moda nos bairros circunvizinhos ao centro da capital, que envolve significativo complexo de shopping centers, um sem fim de lojas de rua, galerias e confecções, atrai estes imigrantes que, sem “especialização⁴³” profissional, entregam sua mão de obra barata para este segmento. O esvaziamento do centro de São Paulo, com a mudança dos complexos bancários e de grandes empresas, em um primeiro momento para a Avenida Paulista, depois para a Avenida Faria Lima e, mais recentemente, para a Avenida Luis Carlos Berrini, alterou o eixo financeiro da cidade e gerou desvalorização dos imóveis da região central e sua decorrente

⁴³ Cabe aqui a ressalva que há entre os imigrantes um número expressivo de indivíduos oriundos de El Alto, centro boliviano de confecções, nas quais trabalhavam.

decrepitude; esta passa então a ser ocupada por uma parcela marginal da população, os sem-teto, fato que agrava a situação social do local.

O referido mercado produtor da moda está constituído nos bairros do Brás, Mooca, Pari, Barra Funda, Bom Retiro e Campos Elíseos, neles se concentrando parcela substancial dos empregos de bolivianos e, conseqüentemente, de seus lares, o que os fazem vizinhos dos habitantes do centro, em sua maioria moradores de rua, e também do perímetro denominado cracolândia, que orbita no entorno da Praça da Sé, o marco zero da metrópole com sua bela catedral. Em certa medida, estas pessoas podem ser consideradas todas marginais, os sem-teto, os viciados e os imigrantes ilegais, porém estes, apesar da indianidade e da metáfora de “trabalho escravo” que carregam, provocam raras reações de hostilidade dos paulistanos ao ocupar espaços urbanos de sua cidade. Lançando mão mais uma vez de pesquisas realizadas, ainda que empiricamente, pela Pastoral do Migrante de São Paulo, que tratam do relacionamento de brasileiros e bolivianos com quem mantêm contato, é interessante analisar os dados que apresentam, a exemplo dos que demonstram que os mesmos não fazem comentários negativos a respeito uns dos outros, e que os primeiros consideram estes imigrantes um povo tranquilo, envolvidos com seus trabalhos, alegres e festeiros, porém diferentes em sua sociabilidade, são menos expansivos, falam mais baixo, evitam obscenidades e gargalhadas nos espaços públicos. Os que chegaram se referem ao Brasil como um país desenvolvido, acolhedor, com condições sociais muito melhores que as da Bolívia. Elogiam a cidade, se encantam com sua grandiosidade, admiram as riquezas do Brasil e se sentem surpresos e maravilhados com os serviços de saúde e educação prestados pelo estado e municipalidade, cuja gratuidade é algo que desconhecem, a par das críticas que os paulistanos fazem dos péssimos serviços prestados nesta área pelo poder público.

O livro “Imigração Boliviana no Brasil” (2012), já citado, organizado por Rosana Baeninger, traz um capítulo de autoria de Dominique Vidal⁴⁴ intitulado “Convivência, alteridade e identificações. Brasileiros e bolivianos nos bairros centrais de São Paulo”, que descreve uma pesquisa realizada em São Paulo pelo

⁴⁴ Doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS-Paris), professor de sociologia na Universidade Paris Diderot e pesquisador na Unité de recherche Migrations et Société.

autor que corrobora a que apresentamos, elaborada pela Pastoral do Migrante. Há algo triste na percepção retratada pelos bolivianos, mas de qualquer maneira eles querem poder permanecer, manifestam medo de ter que voltar; dizem que aqui é melhor que lá, e assim partem para a labuta de conquistar empatia.

Como conquistá-la é a questão! E os bolivianos arquitetam, articulam, desenvolvem e promovem um sem fim de atividades musicais, cívicas, religiosas, esportivas, beneficentes, culturais e gastronômicas, dentre outras, na busca incessante que lhes é necessária na conquista da alteridade. Precisam “estar junto” para que motivem os “outros”. Utilizam os clássicos e os novos meios de comunicação e neles conclamam a “todos”, paulistanos, bolivianos e os demais imigrantes, a participarem de suas datas festivas essenciais, como por exemplo, o dia de sua independência. Sintonizam rádios de música hispânica que contemplam diversas nacionalidades, sejam colombianas, argentinas ou de outros países “hermanos”.

Imagem 61 - cartaz de chamada para comemoração da independência boliviana



Fonte: www.boliviacultural.com.br

Imagem 62 - página de abertura da rádio na web



Fonte: <http://radioplanetaamericalatina.com>

Há um aspecto intrigante que surge nas pesquisas acima mencionadas que é o fato dos locais simpatizarem com os bolivianos; seja por conta de sua musicalidade que se transformou em um símbolo de rebeldia contra os regimes dominantes (ditaduras militares) nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX na América do Sul, e trouxeram para o nosso cancioneiro o uso intenso das flautas (queñas) ou pelos ponches multicoloridos originários da Bolívia, vestuário que encantou os “jovens rebeldes” das décadas citadas e permanecem agradando a juventude atual devido à informalidade e liberdade de movimentos que emprestam a quem os veste, ou ainda por conta dos gorros que substituem os bonés e são usados indistintamente por ambos os sexos; o aspecto relevante é que estes imigrantes são simpáticos aos brasileiros.

Imagem 63 - ponche boliviano



Fonte: <https://www.etsy.com/listing/609128686/bolivian-poncho-llallagua>

Imagem 64 - flauta boliviana



Fonte: <https://www.etsy.com/quena>

Imagem 65 - gorro boliviano



Fonte: <https://www.etsy.com/gorro>

Esse aspecto apontado, o da simpatia, gera outro, que é o da empatia, e se faz necessário diferenciá-los. Nesse terreno pantanoso, Malena Contrera (2014) caminha firme e ensina que inicialmente deve se compreender que ambas são essencialmente emoções.

Matéria-prima dos processos de sociabilidade, estamos longe de ter controle racional sobre as emoções, e isso de alguma forma nos ajuda a compreender a propensão existente à adesão imediata ou à rejeição radical ao tipo de vínculo proposto pelo ambiente quando os apelos da empatia e da simpatia entram em ação. Essa adesão não significa absolutamente concordância racional ou alinhamento ideológico, é preciso frisar, mas sim que de alguma forma a situação, o contexto, evoca-nos algo, age de tal maneira sobre nós que já não podemos ignorar a existência do apelo, mesmo que nos neguemos a dar seguimento e transformá-lo em uma relação mais significativa e responsável (CONTRERA, 2014, p. 145).

A religiosidade dos bolivianos de São Paulo, que provêm de um país dominado pelo cristianismo, tendo o catolicismo como credo majoritário conforme demonstrado no primeiro capítulo, que apresentam em seu calendário significativo elenco de festas religiosas, a exemplo das elegias às suas duas virgens nacionais, pode ser outro fator que os leva a granjear a simpatia dos paulistanos, mas em seus locais de cultuá-las, com a presença não só de imigrantes, mas

também de outros membros da comunidade local, seguramente pode haver geração de empatia, dada a carga emocional que estes rituais apresentam. A mesma situação acontece com os campeonatos futebolísticos que promovem e com suas festas carnavalescas que se desenvolvem na Praça Kantuta, com custo zero para qualquer participante, forma atraente e eficaz de seduzir público.

Imagem 66 - cartaz de comemoração de Nossa Senhora de Urcupiña



Fonte: <https://www.boliviapopular.com/2015/07/afiche-festividad-de-urkupina-2015.html>

A emoção então não é algo que se possa considerar exatamente consciente. Onde entra a consciência, entra alguma chance de escolha, de autodeterminação individual. No entanto, quando estamos lidando com processos emocionais, como são a empatia e a simpatia, nosso grau de autonomia dado pela consciência é muito pequeno, a não ser que depois das emoções advenha um momento de conscientização, de autopercepção, reflexivo.

Ainda há uma distinção fundamental a se realizar aqui entre empatia e simpatia, a de que são processos que envolvem, no caso da empatia, uma prática relacional complexa e psicocorporal, e no caso da simpatia, uma adesão projetiva-identificativa (CONTRERA, 2014, p. 145 e 146).

Imagem 67 - bunner de chamada para a Praça



Fonte: <http://www.boliviacultural.com.br/>

Imagem 68 - cartaz de festa na Kantuta



Fonte: <http://www.boliviacultural.com.br>

Com estes exercícios os bolivianos vão se enraizando na cidade, fazendo parte do cotidiano dos paulistanos e com eles partilhando suas atividades extra profissionais, gerando locuções e interações, driblando o estranhamento e

minimizando a carga de preconceitos que carregam pelo fato de serem imigrantes, e assim vão se inserindo na cidade e passam também a “pertencer” à comunidade, alcançando seu objetivo primeiro.

4.3 Performance resiliente da imigração boliviana

“Se me deixam falar....”, livro de Moema Viezzer (1987), coescrito com Domitila Barrios de Chungara, conquista o espaço midiático e se transforma em um best-seller no final dos anos 70 do século XX, entregando para o mundo a vivência e o universo de uma mulher, trabalhadora, mãe, esposa e líder de um movimento classista que acontece na Bolívia no transcorrer dos governos liderados pelo general Juan José Torres, derrubado pelo então coronel Hugo Banzer, um dos comandantes militares chefes de estado signatários do projeto Condor, ao qual dedicamos uma menção no capítulo dois deste texto. É um grito que ecoa neste tempo brasileiro⁴⁵, no qual infelizmente ainda se discute e debate os direitos da mulher e das minorias de quaisquer opções, aonde há manifestações raivosas com finais trágicos, sem o menor respeito à pluralidade de pensamento, em que está proibido citar Marx, em um momento em que “por definição” meninos vestem azul e meninas vestem rosa, e, ao que parece, o mundo é plano, e abre espaço neste contexto a experiência de vida da coautora, um exemplo de resiliência. O livro mereceu comentário de Eduardo Galeano, faz eco e ganha amplitude na contemporaneidade:

Este livro é uma história de vida, de uma pessoa, de um país e de uma classe social. O país é a Bolívia, ao qual tantos outros países deveriam pedir desculpas a começar pela Espanha dos séculos passados que lhe levou a prata de Potosi, até os que hoje, nestes nossos tempos dramáticos lhes roubam o estanho. A classe social é a classe trabalhadora boliviana, de longa tradição de luta,

⁴⁵ Eleito presidente do Brasil em 2018, Jair Bolsonaro, um ex-capitão do exército, compôs seu quadro ministerial dando para a Sra. Damares Regina Alves, advogada, ex-pastora da Igreja do Evangelho Quadrangular e atualmente pastora da Igreja Batista de Alagoinha, a pasta do Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos. Em seu discurso de posse, a referida senhora proferiu a frase que ganhou imediata repercussão na rede social e compôs, à exaustão, matérias dos meios clássicos de comunicação, a exemplo dos jornais Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo, as revistas Isto É e Exame, os jornais das redes Globo e Bandeirantes de Televisão, para citar apenas alguns: “Menino veste azul e menina veste rosa”. Para o Ministério de Relações Exteriores, chamou o diplomata Ernesto Henrique Fraga Araujo que postou em seu blog: “Quero Ajudar o Brasil e o mundo a se libertarem da ideologia globalista. Globalismo é a globalização econômica que passou a ser pilotada pelo marxismo cultural. Essencialmente é um sistema anti-humano e anti-cristão”.

inesgotável coragem e fértil criatividade. Por isto, o testemunho desta mulher que narra com toda simplicidade sua vida, extrapola a economia dos estreitos limites das estatísticas, arranca a história dos museus para devolvê-la à vida do dia-a-dia, e reconduz a política à sua verdadeira dimensão de carne e osso (GALEANO, 1987, p. 218).

Trazer Domitila Barrios de Chungara como um exemplo de resiliência se deve à sua trajetória de vida, carregada de agruras, presa inúmeras vezes nos cárceres bolivianos mais sombrios, sofrendo violências físicas e psicológicas das mais diversas, dentre as quais ter dado à luz a um de seus sete filhos em uma dessas estadas, sendo humilhada e desrespeitada; mesmo assim, encontrou forças suficientes para dar voz a uma categoria de trabalhadores, organizou-os, combateu as desigualdades e o autoritarismo, e se tornou a única mulher da classe trabalhadora a participar da Tribuna do Ano Internacional da Mulher, evento organizado pelas Nações Unidas e realizado no México em 1975.

Boris Cyrulnik, um dos mais prestigiados pesquisadores que trabalha com resiliência, diz que qualquer estudo sobre o assunto deve incidir sobre três planos:

- 1) A aquisição dos recursos internos impregnados no temperamento, desde os primeiros anos, durante as interações precoces pré-verbais, explicará a maneira de reagir perante as agressões da existência, criando mais ou menos sólidos suportes de desenvolvimento;
- 2) A estrutura da agressão explica os danos da primeira pancada, a ferida ou a carência. Porém, é o significado que esta pancada tomará mais tarde na história do ser vivo e no contexto familiar e social que explicará os efeitos devastadores da segunda pancada, aquela que provoca o traumatismo;
- 3) Finalmente, a possibilidade de encontrar lugares de afeição, de actividades e de palavras que a sociedade por vezes dispõe em redor do sujeito magoado os suportes de resiliência que lhe permitirão reiniciar um desenvolvimento transformado pela ferida (CYRULNIK, 2001, p. 19).

No livro “Resiliência, vidas que ensinam”, Alejandro Gorenstein, outro autor que se dedica ao tema, se refere a ela como:

La resiliencia se construye en el tiempo, no surge de un día para outro. Es un proceso subjetivo en el cual la persona no posee previamente esa capacidad para atravesar las adversidades de la vida, sino que esas mismas circunstancias negativas son las que

producen las condiciones que aumentan sus posibilidades prácticas de actuar sobre la realidad en la cual vive y transformarla o transformarse (GORENSTEIN, 2012, p. 14)⁴⁶.

Gorenstein (2012) elenca oito características básicas presentes nos processos de resiliência: **introspecção** – capacidade do ser humano de olhar para seu interior na busca de respostas honestas; **independência** – habilidade de manter distância entre seu mundo interior e o meio ambiente sem cair no isolamento; **capacidade de relacionamento** – aptidão para construir laços íntimos de modo a satisfazer suas próprias necessidades afetivas doando-se aos outros; **iniciativa** – competência para assumir os problemas e elaborar ações positivas visando sua resolução; **humor** – possibilidade de descobrir o cômico em meio a situações difíceis, seria uma propensão natural para a alegria; **criatividade** – faculdade de trabalhar o caos gerando ordem, beleza e objetivos; **moralidade** – vontade genuína de dividir seus desejos pessoais de bem estar e valores com os outros indivíduos; **autoestima consistente** -- esta seria a base elementar para o estabelecimento das demais condições enumeradas, e consiste no resultado do cuidado afetivo despendido por um adulto fundamental (tutor) à criança ou ao adolescente. O autor complementa a elucidação sobre o tema acrescentando:

Esta transformação e mudança positiva que um indivíduo experimenta como resultado do processo de luta que nasce a partir da vivência de um acontecimento traumático, geralmente não ocorre de forma solitária (GORENSTEIN, 2012, p. 15. Tradução do autor).

De forma clara ou sub-reptícia, a carga de marginalidade se faz presente no universo das imigrações. Quebrar esse paradigma, conquistar respeito, adaptar-se ao novo ambiente, ganhar simpatia e despertar alteridade e empatia são componentes do cotidiano dos imigrantes para alcançar níveis aceitáveis de pertencimento, afastando o estranhamento natural de quem vive essa aventura. Este quadro determina que, de alguma maneira, o sucesso dessa empreitada depende da capacidade de resiliência desses indivíduos, na medida em que todos

⁴⁶ A resiliência se constrói ao longo do tempo, não surge de um dia para o outro. É um processo subjetivo no qual a pessoa não possui previamente a capacidade de enfrentar as adversidades da vida, são essas circunstâncias negativas que geram as condições que aumentam suas possibilidades práticas de atuar sobre a realidade que vive e transformá-la ou transformar-se. (Tradução do autor)

passaram pelo trauma da perda de seu espaço original, seja por necessidade ou opção. Encontram nos espaços consagrados possibilidades mais amplas de encontrar a tutoria que a resiliência solicita, seja em seu intragrupo ou em outros que por lá circulam. As festas, cerimônias, campeonatos e outras atividades narradas ao longo desta comunicação são terrenos férteis para a consecução desses objetivos.

Os processos comunicacionais contemporâneos, fugazes por natureza na medida em que se embasam em tecnologias que trabalham com a lógica da obsolescência programada, alteram permanentemente o *modus vivendi*, ligando as pessoas em decorrência das conexões propiciadas, a exemplo do que ocorre em todo o elenco disponível de redes sociais, que acelera as atividades do dia a dia, porém afasta as pessoas de convívios mais intensos, fato inibidor na geração de vínculos.

Talvez este sistema ora engendrado, aliado às necessidades do ócio, como lembrado por Simone Luci Pereira⁴⁷ (2013), de pertencimento inerente aos ser humano, agindo de forma integrada ao mimetismo cultural que atua com a cumplicidade da historicidade de qualquer povo ou sociedade, como demonstram Gebauer e Wulf, seja uma resposta para a criação de pontos típicos nacionais, como o caso da Praça Kantuta e outros que começam a proliferar pela cidade. Sobre o lazer e vida fora do trabalho, Edgar Morin faz o seguinte comentário: “Na medida em que as grandes organizações ignoram ou esmagam o homem concreto, é no consumo, no lazer, na vida privada que este pode encontrar ou reencontrar interesse, competência e prazer” (MORIN, 2005, p. 175a).

Estes redutos atendem ao resgate das origens nativas destes imigrantes, atuando como caixa de ressonância de suas lembranças que, sem a vivência, vão esmaecendo em suas memórias, mas que, revividas, alimentam com imagens exógenas o imaginário de seus visitantes.

Relatos das mazelas vividas por bolivianos de ambos os gêneros, das mais variadas faixas etárias são vez por outra reportadas na *mass media*, caso do relato feito por Virginia Paulina, boliviana de 38 anos, ao BBC-NEWS/BRASIL, publicado em seu portal no dia 05/05/2018, no qual conta que para ela e o marido,

⁴⁷ Texto apresentado por Simone Luci Pereira no XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013

trabalhadores da área têxtil, estava difícil manter uma moradia que custava R\$ 1.500,00 por mês, sem considerar luz, água e telefone. “A gente trabalhava só para pagar o aluguel”. Sem condições para fazer frente às despesas, atrasaram o aluguel por três meses, o que lhes custou o despejo. Virginia faz a seguinte declaração: “Fui expulsa do apartamento onde eu morava”. Hoje habita um quarto com o marido e os quatro filhos, no 9º andar de uma ocupação sem-teto, na Av. Prestes Maia, no centro de São Paulo.

Imagem 69 - Ocupação Prestes Maia- Centro de São Paulo



Fonte: crédito e direitos de Alexandre Machado – BBC/BRASIL

Nesta ocupação, há estrangeiros em praticamente todos os andares do conjunto, formado por uma torre de vinte e um andares e outra, de nove, acessados apenas por escadas pois não há elevador no local em que habitam 470 famílias com cerca de dois mil moradores.

Imagem 70 - a boliviana Virginia Paulina



Fonte: crédito e direitos de Alexandre Machado – BBC/BRASIL

O marido e ela continuam trabalhando e têm esperança de um futuro melhor. Virgínia encara a ocupação em que mora como um refúgio onde encontrou certa calma depois das agruras de um imigrante boliviano em São Paulo. Conta que veio para o Brasil aos vinte e um anos de idade, em decorrência da época difícil que a Bolívia atravessava. Carregada de esperança, deixa La Paz e desembarca em São Paulo, onde trabalharia como empregada doméstica. Ao chegar a seu destino, a esperança se desvanece; no primeiro dia na capital descobre que ficaria presa em uma oficina de costura na Vila Nova Cachoeirinha, bairro da Zona Norte. Foi “escrava” por um ano, sem poder sair do local. “O chefe da oficina me ameaçava, não deixava eu sair. Como eu não tinha visto (autorização oficial de entrada no país), ele dizia que a Polícia Federal estava caçando bolivianos e que eu seria presa”. Ela e seu marido tiveram que fugir do trabalho e da escravidão. Por anos, vagaram entre confecções da cidade, até abrir uma oficina de costura em um apartamento no Bom Retiro, bairro de concentração boliviana, como já foi apontado. Ficaram dois anos, mas os custos da moradia tornaram o negócio impraticável. “Ou a gente comia, ou pagava o aluguel”, complementa Virgínia. Foram despejados.

Um caso típico de resiliência. Malena Contrera, preocupada com os processos dessa possibilidade de reconstrução humana, diz que:

Narratividade, resgate do contexto, re-significação, afetividade, relações interpessoais – elementos centrais do processo de resiliência – são relativos à área de comunicação que, no entanto, os têm subestimado, presa do encantamento pelo tema da informação (que, a rigor, se quisermos ser cinicamente coerentes com a atual visão compartimentalizada dos saberes, deveria ser mais da alçada de ciberneticistas e tecnólogos do que de comunicólogos) (CONTRERA, 2010, p. 133).

O relato acima descrito é apenas um exemplo dentre um respeitável universo que envolve a imigração boliviana para São Paulo, principalmente para os que imigram ilegalmente, o que os coloca em situação irregular frente à legislação vigente no país, e os impregna com a capa da marginalidade.

Para fazer frente a esta realidade é que lançam mão do artifício da invisibilidade, reproduzindo os hábitos e costumes comuns aos paulistanos, e assim se misturam a estes, e caminham com esperança ditosa de um futuro melhor.

É no ambiente festivo, em seu território consagrado, no qual são protagonistas a linguagem, as expressões típicas, as tradições e os cultos originais, que há o exercício de autopoiesis destes bolivianos, carregando sua imaginação andina, promovendo a reinvenção de suas origens, tornando presente uma pátria possível. Esse composto lhes permite trafegar pertencentes aqui e lá, aliviando a dor da distância e construindo um novo lugar.

Imagem 71 - carnaval boliviano em São Paulo - Praça Kantuta



Fonte: <https://www.baressp.com.br/shows/desfile-de-carnaval-da-comunidade-boliviana-agitara-zona-leste-de-sao-paulo>

Imagem 72 - Menina boliviana em trajes de festa, na região central de São Paulo



Fonte: foto crédito e direitos de Paula Takada

Finalizando, transcrevemos um breve e precioso diálogo entre Edgar Morin e Boris Cyrulnik (2012, p. 40). Diz Morin: “Os olhos obedecem com frequência a nossas mentes, mais do que nossas mentes aos nossos olhos”. Complementa Cyrulnik: “E vamos recortar no real o que, previamente, nosso pensamento tinha a intenção de encontrar. O pensamento é, portanto, um organizador da percepção do real”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos da hipótese central que a comunicação é um leme condutor na adaptação dos imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo e que, associada à cultura, a processos miméticos, à empatia e à resiliência, seja responsável pela geração de pertencimento a este grupo.

O caminho percorrido para a execução da pesquisa foi a realização de estudos observacionais do grupo selecionado, a leitura e consultas de livros, teses e dissertações que embasam e deram suporte a esta tese, além da navegação na internet com o intuito de perscrutar e traduzir modos e costumes destes bolivianos. Visitas foram realizadas à Praça Kantuta, à Rua Coimbra, ao consulado boliviano em São Paulo e à Pastoral do Migrante, instituição que dispõe de um riquíssimo acervo de informações, literatura, pesquisas e imagens de várias imigrações recebidas na capital do estado.

A internet foi a fornecedora de quase todas as imagens que ilustram o texto, ampliando seu entendimento e trazendo aspectos de relevância, tanto simbólica quanto social, que orbitam essa comunidade, exponenciando a riqueza cultural da mesma.

O primeiro capítulo contemplou os aspectos antropológicos destes imigrantes, as hibridações deles decorrentes e o impacto sobre eles causado pela globalização e pela aculturação a que se submetem.

A partir disso, o segundo capítulo apresentou mediações culturais destes imigrantes nos meios de comunicação, percorrendo sobre suas rádios, a maioria piratas, jornais e a imersão e fluxo que realizam nas redes sociais, aproximando-os dos paulistanos nativos.

No capítulo seguinte, o terceiro, a questão da linguagem foi tratada, acompanhada do diagnóstico realizado sobre as imagens que favorecem a formação de seu senso de pertencimento no novo lugar, e como estas impactam seus imaginários e imaginações delas decorrentes. Mereceram destaque neste recorte as lendas, mitos, religiosidade e festividades que lhes são característicos, e o orgulho que apresentam quando em seus espaços consagrados.

O quarto capítulo faz um diálogo direto com os anteriores. É o responsável por apresentar estruturadamente conceitos e situações de empatia e resiliência,

aspectos de caráter psicossociais que conformam a tão almejada sensação de pertencimento. A costura do capítulo foi tecida com os referenciais de pesquisadores respeitados nas áreas abordadas, e encerrado por um diálogo entre Morin e Cyrulnik.

Entendemos ter atingido o objetivo precípua desta tese e seus derivados, e acreditamos que a mesma possa servir, ainda que modestamente, para o desenvolvimento e pesquisa dos temas abordados, considerando ainda que a mesma é uma pequena contribuição no estudo das imigrações bolivianas e seus impactos na capital paulista.

Finalizamos com uma mensagem de esperança:

Talvez seja essa uma tarefa para o próximo século: pensar o papel da comunicação e suas possibilidades como processos de resiliência, para além da moldura capitalista e tecnocrática que vem pautando grande parte das contribuições que temos oferecido à nossa época (CONTRERA, 2010, p. 133 e 134).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodore W.. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDERS, Günther. *L'uomo è Antiquato*. Torino: Bollati Boringhieri, 2007.

ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

AUMONT, Jacques. *A IMAGEM*. 14ª ed. Campinas: Papirus, 2009.

BAENINGER, Rosana. Org. *Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2012.

BAITELLO Jr. Norval, Org., GUIMARÃES, Luciano, Org., MENEZES, José Eugênio de Oliveira, Org., PAIERO, Denise, Org. *Os símbolos vivem mais que os homens: ensaios de comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume; CISC, 2006.

_____. *A era da iconofagia*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

_____. *O pensamento sentado. Sobre glúteos, cadeiras e imagens*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

_____. *O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária*. São Paulo: CISC, 2001.

_____. Org., CONTRERA, Malena Segura, Org., MENEZES, José Eugenio de O., Org.. *Os meios da Incomunicação*. São Paulo: Annablume; CISC, 2005.

_____. Org., WULF, Christoph, Org. *Emoção e Imaginação: Os sentidos e as Imagens em Movimento*. São Paulo: Estação das Cores e Letras, 2014.

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: Ensaios sobre os fenômenos extremos*. Campinas, SP: Papirus, 1990.

_____ *Cool Memories, 1980 - 1985*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____ *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Magia, Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BETH, Hanno; PROSS, Harry. *Introducción a la ciencia de la comunicación*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1990.

BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BUARQUE de Holanda, Sérgio. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 2005.

CAMPOS, Antonio. *Operação Condor no Brasil*. Recife: Carpe Diem, 2016.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008a.

_____ *A Globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

_____ *CULTURAS HÍBRIDAS*. São Paulo: EDUSP, 2008b.

_____ *A Sociedade sem Relato*. São Paulo: EDUSP, 2012.

CARDOSO, João Batista. *Revista Itinerários*. Araraquara: UNESP, 2008.

CARDOSO, Onésimo de Oliveira. *Comunicação e Sociedade*. São Paulo: IMS, 1991.

CARR, Nicholas. *O que a internet está fazendo com os nossos cérebros. A geração superficial*. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHAUNU, Pierre. *História da América Latina*. São Paulo: Fidel, 1979.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 30ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

COHN, Gabriel. *Comunicação e Indústria Cultural*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

CONTRERA, Malena Segura. *Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. São Paulo: Annablume, 2002.

_____. *O mito na mídia: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação*. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2000.

_____. *MEDIOSFERA – Meios, imaginário e desencantamento do mundo*. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. *Simpatia e Empatia – Mediosfera e Noosfera*. In *Emoção e Imaginação: Os sentidos e as Imagens em Movimento*. São Paulo: Estação das Cores e Letras, 2014.

_____. et al. *Diálogos Culturais II. Interfaces viciadas, comunicação visual e outras mediações*. São José do Rio Preto: Bluecom, 2008.

COURTÊS, Joseph. *Introdução à Semiótica Narrativa e Discursiva*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

CYRULNIK, Boris. *Do Sexto Sentido. O Homem e o Encantamento do Mundo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____ *Resiliência. Essa inaudita capacidade de construção humana*. Lisboa: Editions Odile Jacob, 2001.

_____ ; MORIN, Edgar. *Diálogo sobre a natureza humana*. São Paulo: Palas Athena, 2012.

DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DINES, Alberto. *O papel do jornal*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1977.

DOWNING, John D. H. *Mídia Radical. Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: SENAC, 2004.

DROGUETT, Juan (Org.). *Mídia, cultura, comunicação*. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2002.

_____ *Sonhar de olhos abertos*. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 2004.

DURAND, Gilbert. *Campos de Imaginário*. São Paulo: Instituto Piaget, 1996.

EIBL-EIBESFELDT, Irenaüs. *El hombre preprogramado*. Madrid: Alianza Editorial, 1977.

ELIADE, Mircea. *Herreros y alquimistas*. Madrid: Alianza Editorial, 2007.

_____ *O SAGRADO E O PROFANO: A ESSENCIA DAS RELIGIÕES*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FEATHERSTONE, Mike. *CLUTURA GLOBAL. Nacionalismo, Globalização e Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1990.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *A comunicação que não vemos*. São Paulo: Paulus, 2018.

_____ *Comunicação Espaço Cultura*. São Paulo: Annablume, 2008.

FIGUEIREDO, Beatriz Helena Ramsthaler. *Ex votos do período colonial: uma forma de comunicação entre pessoas e santos (1720 – 1780)*. in OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. *Ex-votos das Américas*. Org. Salvador: Quarteto, 2015.

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

FLUSSER, Vilém. *A Dúvida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2008.

_____ *A História do Diabo*. São Paulo: Annablume; CISC, 2006.

_____ *Ensaio sobre a fotografia*. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

_____ *Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.

_____ *Língua e realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

_____ *O Mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____ *O Universo das Imagens Técnicas: Elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____ in VIEZZER, Moema. *Se me deixam falar...* 12ª ed. São Paulo: Global, 1987.

GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. *Mimese na cultura*. São Paulo: Annablume, 2004.

GILROY, Paul. (2001); *O Atlântico negro*. São Paulo: Editora 34.

GIRARDI JR., Liráucio. *Pierre Bordieu: questões de Sociologia e Comunicação*. São Paulo: Annablume, 2007.

GONÇALVES NETTO, Sylvestre Luiz Thomaz. *Migração andina em São Paulo e as mediações delas decorrentes nos processos comunicacionais*. In COGO, Denise. Org. *O que é consumo. Comunicação, dinâmicas produtivas e constituição de subjetividades*. Porto Alegre: Sulina, 2016.

_____; BUJARSKY, Silvana. *Classe média: consumo e identidade*. Caxias do Sul: FAPESP – Colóquio da Moda. 2014.

GORENSTEIN, Alejandro. *Resiliencia. Vidas que enseñan*. 1ª ed. Buenos Aires: Del Nuevo Extremo, 2012.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HALL, Stuart. (2013); *DA DIÁSPORA: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOLLIS, James. *Sob a Sombra de Saturno*. São Paulo: Paulus, 1997.

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

IANNI, Octavio. *Imperialismo e Cultura*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

KAMPER, Dietmar. *Mudança de horizonte. O sol novo a cada dia*. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. *O trabalho como vida*. São Paulo: Annablume, 1997.

KLEIN, Naomi. *Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. *CULTURA: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LEHMANN, Henri. *As Civilizações Pré-Colombianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

LÉVY, Pierre. *CIBERCULTURA*. 2ª ed., 7ª reimp. São Paulo: Editora 34, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LIMEIRA, Tania Maria Vidigal. *Comportamento do consumidor brasileiro*. São Paulo: Ed. Saraiva, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *La felicidad paradójica*. Barcelona: Anagrama, 2007.

LOURENÇO, Nelson. *Globalização e Glocalização. O difícil diálogo entre o global e o glocal*. Angola: Mulemba, 2014.

MARGULIS, Mario. Org. *Las tramas del presente*. Buenos Aires: Biblos, 2011.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonia*. México: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1987.

_____. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

_____. *Ofício de Cartógrafo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de Comunicação como extensões do Homem (understanding media)*. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

MILESI, Rosita; ANDRADE, William César. *Migrações internacionais no Brasil: realidade e desafios contemporâneos*. Brasília: IMDH, 2010.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.

_____. *Chorar, Amar, Rir, Compreender*. São Paulo: SESC SP, 2012.

_____. *Cultura de massas no século XX: necrose*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. *O Paradigma Perdido: a natureza humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

_____. *O enigma do homem*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. *Breve historia de la barbárie en Occidente*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

_____. *O Método 3: o Conhecimento do Conhecimento*. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____. *O Método 4: As ideias. Habitat, vida, costumes, organização*. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. *O Método 5: A humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

_____. *As duas globalizações*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. *Sobre educação, ética, Oriente Médio e Brasil*. São Paulo: Cult, 2007.

_____. *A VIA. Para o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015a.

MOULIAN, Tomás. *El consumo me consume*. Santiago de Chile: Editorial LOM, 2015.

MÜLLER, Lutz. *O Herói: todos nascemos para ser heróis*. São Paulo: Cultrix, 1992.

NASCH, Miriam. *Cidade dos Pássaros*. São Paulo: All Print, 2016.

NEUMANN, Erich. *A GRANDE MÃE. Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PEREIRA, Simone Luci. *Música romântica, entretenimento, cultura urbana – Bolero e outras canções caribenhas entre imigrantes em São Paulo*. Manaus: INTERCOM, 2013.

_____. *Sobre a possibilidade de escutar o Outro: voz, world music, interculturalidade*. Dossiê Temático “Música e Som” da revista *E-Compós*, Volume 15, número 2, 2012.

PIGNATARI, DECIO. *Informação. Linguagem. Comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PINHEIRO, Amalio, Org. *O meio é a mestiçagem*. São Paulo: Estação das letras, 2009.

PONCE SANGINES, Carlos. *Tiwanaku y su fascinante desarrollo cultural; ensayo de síntesis arqueológica*. La Paz: Cima, 2001.

PROSS, Harry. *La Violencia de los Simbolos Sociales*. Barcelona: G. Gili, 1986.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROMANO, Vicente. *Ordem cultural e ordem natural do tempo*. São Paulo: Biblioteca CISC, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. Org., ARANTES, Priscila. Org.. *Estéticas Tecnológicas: Novos modos de sentir*. São Paulo: EDUC, 2008.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2014.

SEMPRINI, Andrea. *A marca pós-moderna: poder e fragilidade da marca na sociedade contemporânea*. São Paulo: Estação das Letras Editora, 2006.

_____ *Multiculturalismo*. Baurú: EDUSC, 1999.

SILVA, Sidney Antonio. *A praça é nossa – Faces do preconceito num bairro paulistano*. São Paulo: Travessia – Revista do Migrante, 2006.

_____ *Bolivianos. A presença da cultura andina*. São Paulo: Lazuli, 2005.

_____ *Virgem, Mãe, Terra. Festas e tradições bolivianas na metrópole*. São Paulo: HUCITEC - FAPESP, 2003.

SOLOMON, Michael R. *O comportamento do consumidor. Comprando, possuindo e sendo*. 7ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

SOUCHARD, Sylvain. in FERREIRA, Ademir Pacelli, et al. *A experiência migrante. Entre Deslocamentos e Reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamon, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

THOMPSON, William Irwin. Org. *GAIA. Uma teoria do conhecimento*. São Paulo: Gaia, 2014.

THOMPSON, James J.. *Anatomia da Comunicação*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1977.

TRIVINHO, Eugênio. *GLOCAL, visibilidade mediática, imaginário bunker e existência em tempo real*. São Paulo: Annablume, 2012.

WAAL, Frans de. *A era da empatia. Lições da natureza para uma sociedade mais gentil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WARBURG, Aby. *El ritual de la serpiente*. Madrid: Noesis Sexto Piso, 2008.

WULF, Christoph. *Antropologia. História, cultura, filosofia*. São Paulo: Annablume, 2014.

_____ *Antropologia da educação*. Campinas: Alínea, 2005.

_____ *Homo Pictor. Imaginação, ritual, aprendizado mimético no mundo globalizado.* São Paulo: Hedra, 2013.

ZIELINSKI, Siegfried. *Arqueologia da Mídia: Em busca do tempo remoto das técnicas do ver e ouvir.* São Paulo: Annablume, 2006.

WEBGRAFIA

<http://old.operamundi.com.br/dialogosdosul/bolivia-celebra-mes-da-pachamama-com-oferendas-e-rituais/05082014/>

<http://www.mundoecologia.com.br/animais/o-condor-dos-andes-mitologia>

<https://extra.globo.com/noticias/brasil/bolivianos-empregados-em-confeccoes-sofrem-preconceito-em-sp-347034.html>

<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/estrangeiros-em-sp-vivem-entre-limites-discriminacao-e-busca-por-espaco>

<http://radioplanetaamericalatina.com/>

www.boliviacultural.com.br

<https://www.boliviapopular.com/2015/07/afiche-festividad-de-urkupina-2015.html>

<https://www.estudopratico.com.br/cultura-inca-religiao-arte-e-arquitetura-desse-povo/>

<https://www.google.com/search?q=cerâmica+boliviana+-+imagens&biw+1440&bih=758&tbm=isch&source>

<http://www.memorial.org.br/2016/01/imigrantes>

<http://g1.globo.com/globoreporter/foto/0,,18197835-EX,00.jpg>

<https://cinemadefronteira.com.br>

<http://s3.amazonaws.com/prod-masdeco-bkt/wp-content/uploads/2017/11/02165955/Imagem-DSCN2008-e1509652829629.jpg>

<http://www.boliviacultural.com.br/classificados/products/FEIRA-KANTUTA.html>

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Feira_andina_na_Pra%C3%A7a_da_Kantuta

<HTTPS://surbatorivm1.rssing.com>

<https://br.pinterest.com>

<https://www.guiadoimigrante.com.br/>

<https://br.pinterest.com/pin/569846159071559670>

<http://sohxicaras.blogspot.com/2010/02/xicara-boliviana.html>

www.google.com/search?q=imagens+de+rituais+da+pachamama

<https://www.google.com/search?q=alasitas++imagens&tbm=>

<https://www.dreamstime.com/stock-photo-beautifully-carved-wooden-door-basilica-our-lady-copacabana-famous-catholic-church-copacabana>

<http://santoantoniodopari.com.br/>

<http://www.28mm.com.br/2011/08/17/humanos-produto-exportacao/>

<https://kekanto.com.br/biz/feira-boliviana-praca-kantuta/fotos>

<http://www.planetaamericalatina.com.br/artigo/festa-boliviana-de-alasita-2018-no-memorial-da-america-latin>

<http://www.boliviacultural.com.br/port/artigo/festa-do-6-aniversario-dos-tinkus-jairas-em-brasil>

<http://www.boliviacultural.com.br/port/artigo/morenada-bolivia-central-com-devocao-a-virgem-de-copacabana-em-sao-paulo>

<https://historiasdopari.wordpress.com/2011/03/13/kantuta-a-bolivia-em-sao-paulo/>

<https://www.flickr.com/photos/132115055@N04/29079536272>

<https://www.etsy.com/listing/609128686/bolivian-poncho-llallagua>

<https://vejasp.abril.com.br/cidades/radios-comunitarias-bolivianas/>

<http://www.unicentro.br/redemc/2009/47%20midia%20borges%20ok.pdf>

<https://www.google.com.br/search?q=radios+bolivianas+en+sp+brasil&ei=ZNUtWuLWG8OYwgTDzoY4&start=10&sa=N&biw=1440&bih=769>

https://c2.staticflickr.com/2/1759/28609734828_bd7c8c8d1a_o.jpg

<http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?lg=EN&cp=BO>

<http://www.bibvirtual.ucb.edu.bo/opac/Record/175091>

www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/arquivos/45_GCO.pdf

<http://www.fiestabolivianausa.org/site/wp-content/uploads/2015/05/NON-PROFIT-REgistration1.pdf>

<https://www.google.com/search?q=morenadas+e+diabladas+bolivianas++cartazes++imagens>

<http://www.lapazlife.com/places/tiwanaku-tiahuanaco/>

https://www.ancient.eu/Pachacuti_Inca_Yupanqui/

<http://www.crystalinks.com/pyramidbolivia.html>

<https://pueblosoriginarios.com/sur/andina/paracas/textil.html>

https://www.taringa.net/+info/los-4-suyos-del-imperio-inca_12nqth

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44009360>

<https://www.baressp.com.br/shows/desfile-de-carnaval-da-comunidade-boliviana-agitara-zona-leste-de-sao-paulo>

<https://reporterbrasil.org.br/2006/07/kantuta-e-um-pedaco-de-bolivia-na-capital-paulista/>

<http://www.boliviacultural.com.br/port/artigo/edicao-n-44-do-jornal-boliviano-la-puerta-del-sol>

<http://www.boliviacultural.com.br/port/artigo/edicao-n-54-do-jornal-boliviano-la-puerta-del-sol>

<http://www.la-razon.com/>

<http://www.opinion.com.bo/opinion/articulos/2019/0222/>

<https://www.lapatriaenlinea.com/?fecha=2019-02-22>

https://periodicos.servidor-alicante.com/?periodico_id=909&

ANEXO 1

Imagem 23 – Fonte: <http://www.boliviacultural.com.br/port/artigo/edicao-n-44-do-jornal-boliviano-la-puerta-del-sol>

Imagem 24 – Fonte: <http://www.boliviacultural.com.br/port/artigo/edicao-n-54-do-jornal-boliviano-la-puerta-del-sol>

Imagem 25 – Fonte: <http://www.la-razon.com/>

Imagem 26 – Fonte: <http://www.opinion.com.bo/opinion/articulos/2019/0222/>

Imagem 27 – Fonte: <https://www.lapatriaenlinea.com/?fecha=2019-02-22>

Imagem 28 – Fonte: https://periodicos.servidor-alicante.com/?periodico_id=909&

ANEXO 2

IMAGENS COMPLEMENTARES

Imagem 73 - Basílica de Nossa Senhora de Copacabana



Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Bas%C3%ADlica_de_Nossa_Senhora_de_Copacabana#/media/File:Church_of_copacabana.jpg

Imagem 74 - Basílica de Nossa Senhora de Copacabana



Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Bas%C3%ADlica_de_Nossa_Senhora_de_Copacabana#/media/File:Church_of_copacabana.jpg

Imagem 75 - Nossa Senhora de Copacabana



Fonte:

<https://www.google.com/search?q=nossa+senhora+de+copacabana+bolívia+imagens&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=44dugNkpWOYNyM%253A%252CeYxUjk3p>

Imagem 76 - cartaz de chamada

GRUPO KANTUTA BOLÍVIA
também estará no
EU, TU, ELES, NOZES E VOZES

Modalidade de arte - Dança Caporales, Tinkus e Morenada.

Mini Histórico - Grupo Folclórico Kantuta Bolívia, tem como objetivo apresentar suas danças folclóricas típicas da Bolívia, como por exemplo: Caporales, Cueca Cochabambina, Tinkus, Morenada e Diablada. Nosso Grupo é formado por Crianças, Jovens e Adultos.

facebook.com/grupofolclorico.kantutabolivia

**CENTRO CULTURAL
DA JUVENTUDE**
28/09/13
a partir das 14H30

cenanorte.blogspot.com

Fonte: <https://www.google.com/search?q=morenadas+e+diabladas+bolivianas+-+cartazes+-+imagens>

Imagem 77 - a rede social operando



Fonte: <http://www.planetaamericalatina.com.br/>